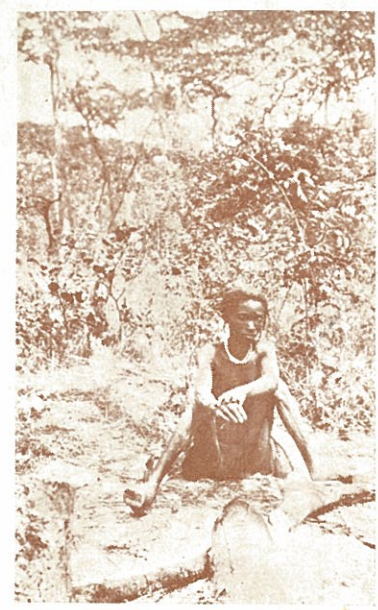


1260  
1800

GUILHERMINA DE AZEREDO



F  
E  
I  
T  
I  
Ç  
O  
S

Guilhermina  
Azaredo

F  
E  
I  
T  
I  
Ç  
O  
S

1935

LISBOA  
1935

ARQUIVO GERAL  
BIBLIOTECA NACIONAL  
LISBOA

GUILHERMINA DE AZEREDO

# Feitiços

Reservados todos os direitos

CONTOS

Parceria António Maria Pereira  
Lisboa — 1985

Esta obra foi premiada  
no Concurso de Literatura  
Colonial (1.ª categoria)

PREFÁCIO

SÓ vejo uma razão para ser eu o prefaciador deste livro: a de ter herdado de minha Mãe, a escritora Ana de Castro Osório, o interesse pela nova escritora, Guilhermina de Azeredo. O nome da romancista das «Ambições», hoje que a morte fez esquecer ou calar as discordâncias ideológicas, impõe-se de tal maneira a todos os portugueses justos que ninguém poderá atribuir ao sentimento do filho as palavras do crítico. Seria absurdo exigir que o crítico menosprezasse um valor literário unânime-

mente reconhecido e definitivamente consagrado, por ser do mesmo sangue. Se a amizade não impede o crítico de falar dum autor, porque ha de tollê-lo o culto pela Mãe? Julgo ter o direito de falar de Ana de Castro Osório sem regatear hipòcritamente a admiração que de todos merece quem deixou uma grande obra e ocupa, para todo o sempre, um lugar na história das letras portuguezas.

Foi Ana de Castro Osório quem descobriu Guilhermina de Azeredo, que ninguém conhecia e que não se conhecia mesmo a si própria. Percebeu, quasi adivinhou o seu talento, e, animadora como era de todos os valores ignorados, incitou-a persistentemente a escrever um livro. Guilhermina de Azeredo, tendo vivido em África ao lado dum marido inteligente, animada por êste e com a sua própria intelligência

observou e compreendeu a alma dos negros. É tão raro uma mulher portuguesa culta ir viver nas colónias que era pena perder-se a experiência desta senhora. A nossa literatura colonial, ainda tão parca de verdadeiros valores, faltava um documento feminino.

Ana de Castro Osório costumava protestar contra a distinção entre talentos femininos e masculinos, dizendo, com razão, que há livros de homens com sensibilidade feminina e livros de mulheres tão fortes como os de qualquer escritor. Mas se o vigor de expressão pode ser igual, é diferente, pelo menos, o ponto de vista. Na observação do negro africano, por exemplo, o homem branco, por maior que seja a sua capacidade de simpatia humana, sempre se deixará influenciar pelo espirito de dominio. A mulher,

por natureza e condição, é mais sensível ao sofrimento alheio, e está apta, por isso, a compreender a alma sofredora dos negros. Estes são, para o colono, para o funcionário, para o militar e até para o padre, seres que precisam de direcção. Para a mulher são criaturas humanas que carecem de simpatia.

Por isso os contos que formam este volume descem mais fundo na alma dos negros que tudo quanto os homens portugueses têm escrito até hoje sobre a África. Por isso os «Feitiços» não de ficar, não só como a revelação dum autêntico talento literário, mas como um documento humano de grande valor até para os estudiosos. Muito encontrarão os etnógrafos e os folcloristas, investigadores da mentalidade do africano, nestas páginas escritas sem pretensões científicas mas observadas com seguro critério

durante uma permanência longa em Angola, na região de Benguela. Aliás, o que a ciência sôsinha não consegue muitas vezes, conseguiu-o, neste caso, a emoção. Pode-se dizer que a alma misteriosa dos negros que ela pôde observar se desvendou aos olhos de Guilhermina de Azeredo.

Por isso Ana de Castro Osório, com o entusiasmo de quem sabia admirar e com o orgulho de quem sabia descobrir o valor dos outros, dizia numa das suas cartas à autora deste livro: «Cada vez estou mais satisfeita com nós duas: com a minha amiga, pela esplêndida realização; comigo, porque a animei a fazê-la. O seu trabalho é uma verdadeira revelação psicológica do povo negro...» E noutra carta, a última, escrita, já muito doente, dezassete dias antes de morrer: «A minha opinião continua a ser a mesma:

*a melhor possível. A minha amiga conseguiu entrar dentro da alma dos negros e fazer uma coisa que ainda ninguém fez: torná-los compreensíveis e vivos perante a nossa psicologia».*

*Depois destes juízos, que posso eu dizer de Guilhermina de Azeredo e do seu livro? Tudo quanto escrevi não teve outro pretexto senão dar a conhecer a opinião de Ana de Castro Osório. Parece-me que ela basta para dar ao leitor a certeza de que, lendo este volume, ficará conhecendo uma verdadeira escritora.*

José Osório de Oliveira.

## FEITIÇOS

**P**ASSARA Abril e Maio e não chovera. Junho entrou tristonho, com noites geladas e húmidas, os dias abrasados e ventosos.

Pela estrada, vindos do Sumi, do Cúima, do Sanhãha e de mais longe ainda, das nascentes do Cunéne, passavam pequenas comitivas em direcção ao Huambo e Cãála.

Era ano sáfaro, mesmo de fome para aquela pobre gente do sertão.

Os feijoeiros, de florescência miserável não chegaram a criar vagem e os milharais em grande parte nem espigas vingaram, tolhidos logo à nascentça pela estiagem, raquiticos de todo, o pendão murcho e torcido, a fólha enrolada da cõr do barro.

Até para os animais seria uma miséria... No maior tormento, quando a luz fulgia implacável,

um vento sêco do deserto arrepiava a natureza adusta.

Arfagens trêmulas e convulsivas, subiam até grande altura; parecia que a terra respirava ofegante e aflita...

Então, de-repente formavam-se remoinhos aos pés do caminheiro.

Duas, três folhinhas azougadas perseguiram-se num rodilho, volitavam ligeiras; atrás delas outras rabiavam e o pó formava rolos de nuvens brancas a perder de vista.

Outras vezes, a abantesma surgia do Caláhari, balanceava-se em espiral furente, empinada, medonha e envolvia-se nos galhos, torcia fustes grossos... quebrava as perneiras.

Uivos doloridos saíam da floresta martirizada; tôda ela gemia e chorava, numa plangência de revolta.

Travavam-se tremendas e raivosas batalhas no labirinto das ramagens, a turbilhonarem às vagas, como um oceano encapelado.

E, o tufão lá seguia pela selva de uma soledade incomportável.

Que mundo de destroços, Pai do Céu!

Ah! Quantas vezes o carregador solitário era apanhado de chofre pela tormenta, vascolejado, zurzido forte, rolado tempos infinitos!...

Se não morria, tombava no solo meio abougado, e tranzido de susto.

Depois, súbito, o mato recaía na mesma paz ermosa; areias soltas andavam no ar, metiam-se pela garganta, pelos olhos, pelo nariz e congestionavam a vista, secavam os lábios, irritavam as mucosas.

Mãe Jimba esconjurava o tempo.

Ao lado do brasido, tôda trêmula, contava às crianças as suas histórias de feitiços.

Cazumbires corriam assim por êsse mundo adeante, como fúrias...

— Se varrem quimbo-dizia-tudo morre, é mesmo maldição. Cubatas voam inteirinhas, como grandes chapeirões... O tabaco, o porco... a galinha e o boi arejam.

E gente?

Bá! Bá! Bá!... Feitiçaria medonha... terrível.

Anátema de Deus perseguia os seres implacavelmente durante seis compridas luas, às vezes mais...

Com a mudança brusca da temperatura, grandes lages despegavam-se dos blocos informes; terrenos vermelhos, côr de sangue, formações lateríticas, tomavam aspecto dessorado e pobrezinho.

E a argila lavada apertava-se cada vez mais, abria em fendas denegridas.

Fazia pêne ver assim esturrar-se a terra silenciosa, desmaiada num quebrantamento enervante, esmarrida de todo...

Ao pino do dia, só as vagens das sambas interrompiam a quietude sofredora da floresta expelindo a grande distância, com estalidos sêcos, as feijocas duras como seixos.

Clangoravam chocalhos no sopé da serra; manadas ruminavam pacientemente, deitadas de flanco nos sambos, à sombra pobre do arvoredado.

E, no auge do desespero, milhões de vidas que dêsse seio ubérrimo tinham brotado exuberantes, numa incalculável explosão de seiva, pendiam inertes, ou erguiam os braços negros para o infinito

escampado que de manhã tolhia com frio e à tarde abrasava de fogo.

Tudo a seca devastava...

Tudo!

As nascentes nas encostas ensombradas gotejavam a custo; riachos transformavam-se em charcos ferruginosos calcados pelas rêses à procura do refrigério.

E a floresta perdia a imponente magestade dos verdes rendilhados.

Tapetes fulvos, traços de labaredas rubras estendiam-se pelo solo.

O mato era claro, sem labirintos estranhos que são por vezes a perdição do homem.

Até os olmués de folíolos encarquilhados semelhavam a velha Jimba...

Nas rechãs pedregosas, aloés anões forçavam a vida, numa rigidez trágica, os caules florais deprimidos em tufos como vibrissas.

Galhos malditos, espinhentos, emmaranhavam-se numa fereza hostil; nas dambas capins anavalhados, altos mais de homem, estralejavam como se ardessem.

Porém, enquanto o mantimento durasse, a fome e a tortura do solo seriam alegria e gozo dos homens.

A meio da tarde as encostas animavam-se.

Mulheres e crianças retiravam dos arimbo, aqui e além, as últimas quindas de espigas, zelosas desse oiro da terra tam escasso; cânticos bantús resoavam harmoniosos.

Só o cará ficava armazenado nos camalhões e, sobre eles estendia-se um emmaranhado cordame de cabaceiras, ostentando enormes frutos garrafaís.

Pastores tocavam manadas para as lundas mais próximas, de capins em flor.

Assobiavam às rêses, chamavam-nas pelas pintas:

— Léra! Onguári!

— Ch!... ch... ch...

— Ei Gunga! Olássáca, Ombámbi, ei!

E a noite vinha...

Cacimbada forte caía sobre a paisagem cinéria.

O véu estendia-se como uma mortalha, e, subtilmente, nimbava as montanhas, lambia encostas, descia aos vales mais profundos.

De manhã, quando o sol despontava glorioso e brilhante, nas margens reluziam cristais espessos, capins hirsutos lagrimejavam e o nevoeiro frigidíssimo trepava pelos recôncavos, estendia tentáculos monstruosos sobre as lombas encrespadas, queimando o arvoredado nas alturas.

Do céu então, caía chuva miúdinha, quasi vapor de água, que nem chegava a humedecer o solo.

Outro dia despontava, monótono, triste; outra noite surgia, e, com ela, a lua muito pálida, de faces cavadas e chorosas...

Numa manhã assim, por trás de grossa poeira, surgiu Pintári ao passo lerdo e sacolejado do seu boi-cavalo.

Evitara a tempo a tormenta, embrenhando-se no mato claro; depois voltou à estrada.

O animal arrastava-se penosamente, coberto de suor, com o focinho babado de espuma viscosa.

Desde Gandalácâué a marcha fôra forçada, sempre em descidas e subidas a cortar ondulações e vales perpendiculares ao rio grande.

Mas adiante dêle desenrolava-se nesse momento um extenso planalto.

Ao fundo erguiam-se como dois guardas, os morros, do Catenguêna e lá em cima, na garganta apertada era o quimbo.

O sol ia alto e mordente.

Pintári suava por todos os poros, as pernas bambas adormecidas. Contra a distância enorme de nada valia a sua impaciência!

Um estonteamento torturante invadia-o como se o garrotassem; a língua empastada colava-se-lhe ao céu da boca e, o animal tornava-se insensível aos sacões da piarça.

O quimbo!

Quando atingisse o alto do Átêna avistaria as cubatas tôdas...

E mãi Jimba?

Que seria feito dela?

O negro transbordava de felicidade, animava o companheiro:

—Vá Ombámbi, coragem! Hoje vais dormir ao quimbo, conhecer as vacas novas, pastar nos arimos do Soma!

De repente o mato rasgou-se; inúmeras lavras abandonadas formavam vasta clareira. Os morros pareciam virados, mais suaves, e nos seus pendores férteis alcandoravam-se, em grupos, as palhotas.

Pintári radiante batia as palmas, espicaçava o animal.

—Ombámbi! Ombámbi!

Mas o boi tardava a marcha cada vez mais, de focinho rente ao chão, entre as patas...

Então o negro apeou-se, tirou o cambriquite de cima da montada e enrolou-lhe a rédea à volta do cachaço. Depois largou-o à vontade no pasto.

Vários fogos apagados denunciavam a passagem de comitiva por aquêle sítio; também êle acampou.

Acendeu uns gravêtos, pôs a panela com feijão e milho ao lume, despejou dentro tôda a água da cabaca e sentou-se à espera, encostado a uma árvore.

Entretanto mirava os quimbos.

O maior, mesmo amarradinho ao sopé do morro era o seu, pertencia a Cubalêra; depois vinha o de sêculo Julio, seguiam-se os do chefe Sacoiôta, de Candêr...

Lembrava-se bem.

Pelo lado da estrada esbarravam logo na porta do feitiço. Dois postes a pino, quasi unidos, formavam as umbreiras e, entre êsses, outros eram encaixados, para defeza contra animais dani-nhos...

Ao redor seguia o cercado alto, que envolvia, numa grande extensão, o grupo das palhotas.

Quantas vezes êle saltára o tapume!

Perto erguia-se a campa do último sêculo, coberta de amuletos, e, espetada num pau uma máscara horrível...

De tempos a tempos, mãi Jimba mandava-o lá deitar bolas de pirão fresco e lascas de peixe para que a sua alma errante e esfomeada não amaldiçoasse os do quimbo.

Tôdas as familias assim faziam,

Mas nas chuvas, brotos novos rebentavam a terra, trepadeiras bravas cobriam os fúnebres despojos, formavam arco sobre paus carcomidos, em ondas voluptuosas de verde.

Sentia-se ao longe a fragância dos cachos floridos e ninguém acreditava que as plantas tivessem surgido ali por acaso, naquêlo mato pobrezinho de flores.

Era mesmo feitiço do velho...

Ah! O quimbo!

Homens e animais lá viviam em boa paz; só os bois tinham sambo à parte...

Mas a canjica estava pronta. Perto o boi mocho côr de bâmbo, com uma grande corcova, rapava as ervas ressequidas.

Pintári agarrava o milho e o feijão aos punhados, atirava-os à boca.

Acabada a refeição frugal, segurou a piarça da montada, enfiou a panela num pau, pô-la ao ombro e seguiu caminho, êle à frente e o animal atrás.

Como se lembrava de tudo!

Entre pouco começaria a trepar a encosta do lado da munda grande; depois passaria pelos quimbo todos... um a um...

E o mestre ainda estaria na escola?

Chegara à sua terra quando êle era pequeno e ensinava coisas de branco. Muitos filhos acolheram-se à idêa nova com entusiasmo.

Mas os velhos chefes indignavam-se...

De uma vez, já rapazote, ouvira uma conversa entre Sacoióta e Calólógio, homem rico com quatro mulheres e muitos filhos.

— Pois não era? Dizia êle.

Tempo antigo, sim, fôra bom! Preto mandava seu escravo e êle obedecia. Uma falta ao soba era logo cabeça fora...

Amarravam-se os homens, vendiam-se... quando não eram boa gente!

E agora?

Nem bicho do mato.

— Se por acaso um negro, às escondidas compra no tempo do mantimento algum ganguela esfomeado, tem que o tratar muito bem.

— Mulêque sabe caminho para muenéputo!...

Gente nova já não era como antigamente, dizia indignado. Revoltava-se.

Só o bruto se conservava bom, mas até êsse, quando chegava seu dia... lá caminhava.

E os mestres que para aí vinham?

— Não sãm da mesma raça, pai! Bebem veneno do branco estrangeiro...

Pois aquilo podia lá ser um negro como eles?

E cuspiam de desprêso para o chão.

Isso! Só teem a côr; coração é branco, todo branco.

Sacoióta ria-se da sua fúria.

— Então que queres? Não vale a pena barrer...

Quando vier o cipaio, manda-o agarrar homens as mundas...

E traçava o cobertor de papa sobre o ombro esquerdo, como manto real.

Quanto rira ao ouvi-los!

Mas aquelas palavras calaram fundo na sua alma de escorraçado. Bem via que os da escola eram mais civilizados, sabiam ler e escrever e

falavam do «Suco» branco morto na cruz e do seu poder sobrenatural, com uma fé inalterável.

Ele podia mais que o ganga, mais que o chimbanda, mais que tudo!

Quando o mestre lhes contava o milagre de Jesus a caminhar sobre as águas, entusiasmavam-se, batiam palmas e à noite repetiam a história ao pé do fogo, maravilhados com o feitiço grande que esse Deus possuía.

Ah! Pai... pai!...

Ele, veio para salvar o preto e tirá-lo da escravidão...

Chegado à última damba, Pintári deslumbrado abrangeu, numa paisagem maravilhosa e risonha, a sua terra, desde o Cunhungâmua até à serra do Súmi.

Ficou-se a olhá-la enternecido, as lágrimas nos olhos.

Ah! era bem certo; estava novamente no seu quimbo, ao pé da sua gente!

E, cheio de alegria, montou-se, picou o boi e largou a trote.

Tinha pressa de chegar.

Ao entardecer, Canjála entrou no cercado a correr, esbaforida com a grande nova:

— Gente! Gente! Pintári veio! Pintári veio!

Barregava às outras como o encontrara caminho da nascente, montado no boi-cavalo...

— Que diferença!

Voltava forte como um toiro e parecia mesmo um branco, de sapatos amarelos, fato de brim.

— Pintári veio! Pintári veio!

Mãe Jimba não queria acreditar. À porta, mirradinha, de seios flácidos e caídos como pelancas, a «santomista» consertava quindas e cachimbava macanha.

Pintári?

— Genti era doida! Resmungava no seu português de quimbár.

— A modo qui lhi tinham raivoso... Antão num quiriá vê mêmó? Com veia num si brinca assi... Mãe Jimba ser escrava do branco, ser escrava do prêto?

Lançava chôchos sem conta; pôs-se a chorar de desespêro. Depois estendeu as pernas secas como lenhos para umas resteas de sol.

Mas Canjála mal tivera tempo de avisar; Pintári surgia pelo carreirinho, escanchado no animal bojudo, contente e feliz por tornar a ver, enfim, a sua terra, após seis longos anos de destêro.

Canalha nua rodeava-o numa gritaria infernal; mulheres surgiam de todos os lados, mãos na ilharga, o riso nos lábios.

— Cusápêre angana! Cusápêre!

Todos o queriam ver e dar mãozadas; a nova corria de bôca em bôca, de quimbo em quimbo.

— Pintári! Pintári veio!

Chica e Nauandi ficaram-se a bater na bôca, aparvalhadas, outras juntavam-se a cochichar...

Pois era aquêlo o ganguêla?

Ah! cá!... cá... cá... cá...

Pintári não cabia em si com o acolhimento que lhe faziam.

A entrada apeou-se, e logo o boi foi levado para a manada.

Pois era verdade; voltava do «serviço» e trazia dinheiro, muitos presentes e panos bonitos.

Abraçava a todos, quasi não podia romper.

O quimbo estava na mesma.

Cubatas dispostas ao sabor de cada um afastavam-se no centro, e formavam uma espécie de terreirinho.

No meio haviam os antigos construído um coberto redondo, com beirada larga e corrimão tôsko.

Era o jango, o lugar das cavaqueiras.

Pedaços de lenha, bancos de madeira e pedras estacionavam ainda à volta dos fogos apagados.

Parecia-lhe ter largado de véspera...

Lá estava a cabana barreada do mestre, as cubatas e os chingues pequeninos.

Só a gente mudara.

Mulheres do seu tempo carregavam filhos gordos; garotos haviam-se transformado em verdadeiros hércules e as rapariguitas eram canêmas de seios túmidos e rijos, membros fortalecidos no amanho das lavras de milho e macundi.

E as plantas?

Como estavam crescidas, enormes! Mamoeiros erguiam-se à volta dos cercados, apinhocados de mamões pelos troncos, laranjeiras e goiabeiras vindas da Missão vergavam ao péso dos frutos doirados...

Alguns «cafécos» fitavam-no curiosas.

Ele estendeu a mão a tôdas.

— Eh! Canjála, Nhuri, Cangombe... Matéte!

E mãi Jimba?

Que era feito da pobre?

A sua cubata antiga lá estava no meio das outras, desmantelada.

Pois éle não sabia... não?

Estava douda! Doudinha mesmo!...

E Canjála ria-se dos impropérios da velha... sempre acocorada à porta a falar sôzinha.

Pintári, cercado de povo pôs-se lá num instante, chamou por ela como antigamente.

— Cá estou Mãi Jimba, cá estou!

Então a velha ergueu-se a custo, o tronco nu curvado em arco, miserável...

Seus olhos cansados não podiam acreditar. Agarrada à cana, tôda trémula, encarquilhada, mascava palavras desconexas á-toa; chorava e ria...

— Pintári, meu filho!

Palpava-lhe o rosto, os ombros largos, os braços de gigante...

Sou eu, Mãi Jimba! Sou eu!

— Eh! Eh! Pintári! Eh! Eh! Meu filho!

Viéste?... Viéste?

Nosso Sinhô num dórm; num dórm não.

Parecia voltar a seu juizo com a alegria. Sara-coteava-se tôda, agitava os panos imundos a bater as palmas no ar com gatimonthas que faziam rir os outros.

À frente de Pintári, tentava dançar como antigamente, bamboleava os braços esqueléticos, a cabeça grisalha, os peitos espalmados...

— Cúcu! Cúcu!

Si! Si! Pintári veio! Pintári o meu filho...

**F**OI um acontecimento para o quimbo a chegada do ganguéla.

As palestras intermináveis ao redor das fogueiras prendiam-se na vida do negro que abalara pobre e miserável e voltava rico e desempenado.

Cidade era boa terra...

Pintári nunca mais dera sinal de vida: julgaram-no morto.

Era então um rapazote escanifrado, de ossos salientes, feições duras e retraídas.

A cabeça rapada ostentava um único tufo de carapinha, mesmo no cocuruto.

No trabalho pouco dava; os braços mirrados, quasi só pele e ôsso, não o recomendavam.

Fôra numa leva de recrutas e o muênéputo recusára-o. Mas, de cada vez que o cipaio angariava

gente no quimbo, êle lá ia «p'ro fazenda», «p'ro caluféri», «p'ra andá no tuque-tuque» ou na carrega dos sacos «no vapôro».

Era sempre o primeiro a ser nomeado; porém, voltava logo.

Nunca chegou a pegar na tipoia.

As pernas vergavam-lhe e o corpo tremia-lhe à passagem do bambú grosso de ombro para ombro.

Para os outros aquilo era simples brincadeira; com um movimento lesto, pronto, lá pegavam a correr e a cantar.

Escarneciam-no:

— És mulher! Homem de batata doce! Pôdre!...

Só na estrada permanecia meses sem conta.

Serviço duro o do muênéputo!

Carreava barro para os atêrros, capinava as valetas e esgôtos depois das enxurradas.

Quando o serviço abrandava, os cantoneiros mandavam-no ficar horas seguidas à beira da estrada, pronto a chegar água aos «néna-Óbaba», o tuque-tuque de rodas altas.

Os companheiros regressavam à terra, substituíam-se.

Alguns tinham mesmo dois ou três homens no quimbo para os revezamentos, porque numa semana a-fio de trabalho era coisa por demais.

Êle ficava sempre.

Comida raras vezes vinha; mãi Jimba era velha e fraca, não podia...

Quando os da leva recebiam quindas de fuba, batata doce e rolinhos de tabaco, ou cabaças de chissângua efervescente, êle ficava com ração só para um dia.

E a fome era muita, roubava o que podia; quasi se sustentava de lucango.

Se tinham dó, repartiam com êle a canjica ou emprestavam-lhe os cachimbos para que chupasse algumas fumaças.

Nessa miséria cresceu; de raquítico parecia bruto.

Mas uma noite a razão acordou, o homem revoltou-se!

Tocavam quissange de mansinho; era outro o mato, mais doce. As estrêlas defluíam-se em claridades brandas; um mundo novo, maravilhoso, surgia da sombra e tôda a natureza parecia engurgitar de seiva, as folhinhas tenras a pespontarem a mata num brilho intenso...

A voz plangente, a voz da raça sonhadora e triste ressoava.

Vinham-lhe à mente as palavras de Calolôgio.

Sim, prêto sabia caminho do muênéputo.

E êle?

Sentia-se sòzinho e abandonado. De dia ainda o tempo passava mais de-prensa. Mas de noite?

Mãi Jimba adormecia, e êle para ali ficava como um bicho do mato, perseguido pelo deprêzo.

E afinal era como os outros, sentia como os outros; queria comer e viver como êles, ter o seu cachimbo, a sua mulher, a sua cubata e, em noites claras, mansas, picar o quissange...

Pois não era também um filho da terra, da mesma raça e do mesmo sangue que Calolôgio e Sacoióta?

Mãi Jimba um dia contou-lhe a sua história.

Não, não era livre, nunca fôra resgatado. Tinha de o saber.

No tempo da grande fome a mãe viera das Ganguélas, coberta de feridas, escorraçada.

Para não morrer à míngua, empenhara o filho a trôco de mantimento.

Que seria feito dela?

Nunca mais voltara a buscá-lo.

Por aquêles caminhos ladrões assaltavam as comitivas.

— Teria morrido assim?

— Fui eu que te criei, sou eu a tua mãe Jimba.

Mas deves obedecer ao século... Escravo ser sempre escravo, meu filho!

A partir desse momento, Pintári foi outro, triste e macambúzio...

A velha preocupava-se.

«Tu trazes feitiço, rapaz!

Vamos ao quimbanda!»

Mas Pintári uma noite, resolvido a tudo, pegou nas bicuátas, enrolou a esteira e partiu em busca da fortuna para a terra dos brancos...

DE manhã, quando aquecia, a debandada do quimbo para o mato era geral.

Homens largavam de arma ao ombro, rafeiros no encaço; mulheres e crianças lá caminhavam para as terras baixas das nácas e Turião, o pescador, derreado com os caniços arrastava a perna deformada pela elefantisis até ao rio grande.

Só os doentes se estiraçavam ao sol, de barriga para o ar; e velhas cosiam quindinhas com capins tingidos.

Um ou outro mangonheiro agachava-se no escuro, a chupar fumo por longo cano de cobre, ou deitava-se na mutála, corpo soerguido bebendo chissângua continuamente.

A recolha, porém, fazia-se ruidosa e alegre.

Os carreirinhos animavam-se; pelas veredas sinuosas surgiam bichas de gente gárrula, ranchos entoavam coros à doçura das palhotas e, já de longe, os caçadores soltavam silvos agudos de golungo e gargalhadas de hiena a prevenirem a sua chegada.

Mulheres de fartos seios caídos equilibravam mólhadas de lenha ou muambas repletas de cará; à frente, garotos sustentavam enormes abóboras doces, de jirimú, arvoravam peixes e passaritos espetados nas setas.

Os mais vélhos carregavam os mais novos às cavaleiras, rindo das canêmas ariscas que fugiam, com as costas listadas de água e grossas fiadas de missangas sôbre o despontar dos seios.

E o quimbo, então, transformava-se num formigueiro activo.

Ora chegavam batatas do reino e raizes frescas de mandioca, ou polpa de ombundi para fabrico de chissângua e mólhadas enormes de lombí.

O jango enchia-se.

-- Cussápére, pai!

— Cussápére, Pintári!

Num babaréu infernal crianças rebuscavam quindas altas mal equilibradas à procura de chocalhinhos que as mãis colhiam no mato para as divertir.

Nóchas e mabóques, uvas bravas e ameixinhas das anháras corriam de mão em mão.

O entusiasmo atingia o auge.

Ao som da «pua» tocada pelo vélho Capuço, os porcos corriam, como javalis, focinhos de pistola rentes ao chão, pêlo eriçado.

Tropeavam réses pelo mato; tangiam chocalhos docemente.

No quimbo luziam fogos e pelo colmo das palhotas, espirais de fumo subiam até ao infinito.

Uma grande paz descia aos poucos sôbre a terra enquanto o sol mergulhava na bruma triste, como uma grande roda de fogo.

Era noite.

Ouviam-se ainda apitos desgarrados, choros e ralhos de gente que se acomoda.

Por fim, só a voz de Pintári, rodeado dos vélhos, atravessava a noite mansa.

— Se tu soubesses, Pai, o que é o mar!

Peixe dentro dele ferveilha como salalé no seu morro.

E fruto da terra? Bebida de marufo? Bananas maiores que a tua mandioca, coração de boi como a tua cabeça.

E nônas, pitangas, jãmbos, pinhas...

De tôdas as côres, doces como o mel.

Aquilo é que é terra de fartura! Mas... ah! Pai... Pai... Mulher não prende, filho não agarra!

Pouco a pouco nasce cá dentro a coisa ruim, uma pena que não deixa ter socêgo.

Nem que o negro viva feliz noutra banda, tenha boa cubata, família, um bom ofício e patrão generoso; sempre a idea do quimbo o persegue.

— Vi muitos assim... tristes... perdidos...

Um dia resolutos, abandonavam tudo e metiam-se ao mato, arrostando com todos os perigos da longa jornada até às cabanas distantes.

«Patalão, quero ir no meu terra!»

«Patalão, deixa ir ver meu quimbo!»

E lá seguiam seu destino.

— Quem os agarraria no mato?

Ninguém.

Meu companheiro no «vapôro» olhava parado os morros de Luanda.

Eu, perguntei:

— Que tens? Pena da mulher? Dos filhos?

E êle logo mostrou a terra:

— Vou ver o meu quimbo, irmão; o dongo do meu céu.

E chorava, pai; chorava como uma criança!

Sacoióta sentado na sua cadeira de sobêta, de larga frente achatada, perinha rala, os olhos manhosos e luzentes como missangas, não perdia uma palavra do guanguêla.

De quando em quando abanava a cabeça em concordância; os outros imitavam-no e batiam as palmas.

— Ômónuêne! Assim mesmo! Andaste bem!

E a garrafa de conhaque ia de bôca em bôca.

Sacoióta bebia sem fôlego, dava estalidos sêcos com a língua e as suas pupilas dilatadas e fulgurantes, cravavam-se no negro que gesticulava entusiasmado.

— E depois?...

Então a voz de Pintári elevava-se mais forte e altiva.

Mil peripécias lhe vinham à mente, nos seus mínimos pormenores, desde os panos que comprara aos patrões que servira, todos os passos, os mais insignificantes, tôdas as torturas até que conseguiu juntar dinheiro e beber cachaça.

— Eu fui carregador, Sacoióta!

Andei nas roças com a enxada; depois embarcaram-me nas lanchas, fizeram-me soldado, cozinheiro, cipaio...

Trabalhei como escravo...

Agora ali estava de volta; só pedia que o deixassem em paz e livre, na sua cubata...

Terra de branco, era boa para ganhar dinheiro; para viver nenhuma outra como o quimbo.

O negro levantava-se, estendia os braços musculosos por cima do fogo e logo a seguir, rastejando humilde, numa súplica:

— Ah! Meu século, meu século! Eu sou o teu filho, a tua sandália... Tua terra está aqui no coração...

E as horas corriam...

A noite quedava-se serena; nem uivo de lobo nem regougar de raposa inquietavam os filhos dos homens.

Fogueirinhas lumiavam docemente, tôpos com tôpos esbraseados; galos batiam as asas dentro das cubatinhas espécadas.

Também a voz de Pintári se calou.

Adivinhava-se mais que se sentia o perigo do mato misterioso.

A floresta era medonha, os cabelos punham-se em pé, quando a onça ronronava pelo riacho e focos luminosos cirandavam entre fustes grossos.

Mas não... a quietude era plena...

Súbito, um uivo prolongado cortou a treva, terrível, ameaçador, assim como de fera ciosa pelos filhos.

Primeiro baixo, depois cada vez mais forte e aterradora; a voz possante reboava como o travão de serra para serra acordando os povos adormecidos.

Por momentos, tôda a natureza estacou num silêncio de morte; depois, passarinhos esvoaçavam à-toa, pelos copados, cegos e tontos; cães uivavam baixinho e rastejando.

Lá fora, nos sambos, as rêses escarvavam o chão a mugirem angustiadamente, embatendo com fúria contra as sébes altas.

Foi então que Tanganica saltou para o jango, como doido, aos gritos, aos saltos e atirou em resposta ao «Grande» o tam-tam mais desenfreado e mais frenético de tôda a sua vida.

—Vai-te! Vai-te embora!

Não está aqui quem tu procuras; o feiticeiro enganou-te; todos nós guardamos o coração limpo. Pintári? É nosso irmão! É nosso amigo!

Quebrado o encanto, fachos surgiram de todos os lados; cabritos e ovelhas foram lançados por cima dos cercados para apaziguarem a fera; gritos, apitos, gargalhadas, tôdas as modulações da voz humana se juntaram à uma.

—Vai-te!

—Vai-te embora! Não está aqui quem tu procuras!

PINTÁRI regressava da caça com Tanganica. À beira do riacho, mulheres dobradas em gancho picavam a terra turfosa das nácas para as sementeiras de Julho.

As enchadas gentílicas iam e vinham num fervilhar constante, entre a algazarra das crianças que amontoavam raízes cortadas, ou transportavam para as bordas pequenos morros de salalé.

Bandos de peitinhos celestes e bicos de lacre esvoaçavam esfomeados entre o capim sêco; rôlas gemiam tristemente pelo mato e, por cima do fumo denso das fogueiras, andorinhas cortavam o azul desmaiado, num vertiginoso ziguezaguear de grandes caçadoras.

Seus pios enchiam o céu.

Os dois homens aproximavam-se...

Mas Canjala, a canema mais linda da região, de pernas finas torneadas, rosto redondo, increpava-os com voz de criança amimada:

«Então vocês são como os «Cálucimbas?»

Andai cá que nós não temos medo...

E endireitava o busto firme, de mãos na ilharga, a boca rasgada num sorriso provocador. Ficou-se a olhar o ganguela espantada, os olhos redondos profundos como os de bôbinho selvagem.

Pintári!!

As outras cantavam-no docemente, a cada momento invocavam o seu nome.

— Não agarra feitiço, não! Era ágil que nem golungo, e forte e desempenado, rijo como pau ferro.

Que poderiam contra êle os mais temerosos feiticeiros?

Pintári! Pintári!

O negro lançava sua chalaça de malícia, ria-se, mas no fundo sentia um grande desprezo pelas mulheres do quimbo.

Tanganica não aprovava.

— Homem! Tu voltaste à terra; deves arranjar cubata nova.

Assim não tem jeito. E olha que uma boa mulher é tudo.

Se chegas do mato, tens pirão feito, feijão ao lume, milho a secar. As tulhas enchem-se; depois veem os filhos e com êles a riqueza.

— Não vês Cálolégio?

Foi também assim que arranjou a manada.

Pintári encolhia os ombros, cachimbando...

Está claro, insistia o outro.

Um homem como tu arranja quantas companheiras quizer.

Não vês Canjala?

É forte, trabalhadeira, de bom génio.

E a Nhúri, a Camgombe, Cassessa?

Pintári, virou-se para Tanganica, a troçar:

— Estás a brincar, Pai! Vocês, séculos, trocam tudo pelo dinheiro... Tanto vale usar pele de onça, como casca de árvore... nascer quimbundo, ganguela, quiôco...

Afinal, no coração dos velhos também entra o veneno do branco...

Tirou da boca o cachimbo, pôs-se a batê-lo na palma da mão.

As cinzas levantaram uma poeirinha leve.

Castas? Que era delas?

Prêto queria bois, queria garapa, queria pólvora.

Quando acabou de falar e novamente enchia o cachimbo com pó da tabaqueira, Tanganica atalhou:

— Mas podes tu mudar as coisas? Diz...

Os séculos dão-te as filhas, não deves rejeitar; é uma honra para ti pertenceres à nossa tribu.

Há lá felicidade maior!

Emquanto o chefe durante o dia fuma a sua cachimbada, acorrido ao fogo, ou abala para os muchitos, a surpreender a caça grossa; ou então percorre as margens do rio, à escolha de sítio próprio para atirar chumbeira de branco, a mulher, na lavra, trabalha como formiga paciente e activa.

Tanganica mostrava-lhe os dotes de cada uma das raparigas.

Os olhos miúdinhos e agudos queriam penetrar no pensamento do ganguéla, ter a certeza do matabicho forte.

—Vá homem, resolve-te!

Pássaro que não faz ninho, não pára.

E passado tempo, Pintári desapareceu na floresta.

Por lá andou algumas semanas.

Mas não foi longe.

Ali perto, à aba do morro, podiam-se ouvir distintamente as jábitadas atacando os troncos velhos.

De longe a longe, um gigante estremecia de dôr amparado ainda à imensa cúpula emmaranhada.

Então, nesse ponto do mato verde, os copados agitavam-se; ouvia-se um estralejar de braços partidos, música plangente de quem sofre grande agonia e, por fim, a árvore desenvencilhada caía estrondosamente arrastando consigo o que encontrava no desamparo.

Referta grande, tormentosa!

Pouco a pouco, o mato abriu-se numa vasta clareira.

Pintári parecia um demónio virado às grenhas entrelaçadas, de veias túmidas, olhar injectado, fronte escampada.

E um dia, à hora da canícula, fumarada espessa levantou-se do solo, subiu direita ao céu como de uma cratera.

Os gigantes arderam com estralejos fragorosos, lambidos pelas chamas devastadoras.

No fim o terreirinho ficou limpo de paus, bisápas e capim.

O negro ergueu, então, a um lado, o esqueleto da cubata, paus a pique, escorchados, grossos nos

cantos, a escorar lombálas entrelaçadas e atadas com landóbes e, em cima, telhando o abrigo, forquilhas grandes enganchadas.

Com suas próprias mãos barreou as paredes, cobriu o tecto de colmo, molho a molho, bem atado, rasgou uma janela, abriu a porta, pôs em frente um alpendre.

No fim branqueou tudo com um pincel de bananeira a chiquéla, como aprendera nas roças.

Deitara mãos à obra sôzinho, cheio de alegria e ternura, para que a mulher não tivesse frio, nem cuspidreira ou bicho ruim a incomodassem no sono.

Lá dentro cheirava a resinas e a feno; pela clareira cacarejavam galinhas e, no cercado, a terra revolvida esperava as plantinhas de tabaco, para o tempo.

Tanganica visitava-o quási todos os dias.

À noite, Pintári sentava-se ali, acororado à porta da cubata nova, a sonhar, com o quissange sôbre os joelhos.

Horas seguidas, até madrugada, picava baixinho uma melodia saúdosa e triste...

A minha terra...

Aiué!

Aiué!

É meu coração...

Aiué!

Aiué!

No desterro, quando o mar erguia a grimpá furioso, a lambar o pôrto, e o céu de chumbo des-

trua cacauzeiros e cafezais, pensava sempre na doce calma da sua floresta.

Pois havia lá bem mais querido!

Nela viviam os parentes e amigos; com os paus fôra criado.

Conhecia desde pequeno as nócheiras, uma a uma, mabóqueiros, tôdas as frutinhas saborosas do mato.

E o quimbo?

As noites ruidosas dos batuques?

Ah!...

Como se electrizavam ao som da puita e do chingufu!

A's vezes, numa roda fechada, pés com pés, quadris com quadris, os braços e os dorsos numa vertigem de movimentos, ébrios de gôzo e de alegria, exibiam a chinhauínga...

Outras, a baterem as palmas e cantando em compasso de ritmo estranho, seguiam o serpentear de um corpo voluptuoso, de onde afloravam dois pomos, redondos e firmes.

E essa figura negra de mulher, avançava lentamente, em passadinhas miúdas e complicadas; chegava ao meio do círculo humano como uma gazela espantada, arqueava-se, torcia-se a cabeça bamboleante pendida para a frente; as mãos amassando no vácuo.

Depois corria os olhos aveludados pela turba, aos avanços, e arrecuos, fixava o guerreiro de nomeada, o grande caçador com poderoso feitiço contra as balas do inimigo...

Dava uma corridinha para a frente, parava a pouca distância do eleito, a arrebitar o corpo em arco, um esbôço de sorriso sôbre os lábios grossos,

cheios de ternura, e com um movimento de quadris, convidava-o a tomar o seu lugar.

O gigante entrava na roda, orgulhoso e triunfante.

As palmas redrobavam de intensidade; o chingufu tinha gritos de guerra, frenesins de desespero, lamentos de ferido.

Ouvia-se rufar o tambor como de serra em serra, primeiro distante, depois mais próximo e acelerado.

Era a descrição do combate que começava, num batucar desenfreado.

O herói erguia a lança, feria inimigos invisíveis, dava saltos prodigiosos para lhes atingir o coração a fundo.

Depois apontava a arma arremassava-a ao ar e fingia esconder-se.

Seria uma cilada?

E o dançarino imitava o leopardo matreiro, alapardava-se, escondia a cara no solo, para mais logo surgir triunfante e belo como um deus pagão, num prodigioso salto leonino, o rabo de boi preto a enxotar a morte para longe.

Ah!...

Como eram alegres os batuques do seu quimbo!

Seguiam assim, noite alta, até que os tocadores caíam exaustos de fadiga e os convivas já se não tinham nas pernas.

Pelo tempo do mel era uma folia.

As festas chamavam gente de muito longe; estavam cheias as «xilas» e havia fartura de carne e de bebida forte.

Podia lá viver-se longe de aquilo tudo?

A intensidade da paixão pela mulher ou a miséria obrigavam muitas vezes um homem a tomar rumo diferente.

Porém êle voltaria mais cedo ou mais tarde impellido pela fôrça da saudade.

E se não tornasse vivo, tornaria a sua alma a chorar de mansinho o tempo perdido inutilmente no destêrro, por não ter satisfeito neste nundo o seu mais ardente desejo.

Longe do quimbo, nem depois da morte a alma se aquieta.

Cazumbires veem atormentar os parentes a deshoras.

«Capuçõ» vira de noite um bando deles, a embalar os filhos ao luar, chorando!

Quando tudo em redor estava ajeitado, uma forte palissada, de defesa erguida, Pintári partiu carregado de presentes.

Atravessou a ponte gentilica para a anhára do lado de lá, em direcção a outro quimbo, mas voltou, passados oito dias, só, muito triste e assombrado.

Nhandi, a mulher que êle trazia no coração, pertencia a outro.

Os presentes, porém, eram de soba grande, ricos e vistosos e os sêculos não queriam perdê-los.

O que fizera maior sensação, fôra o boi soba, de chifres monstruosos, possante, luzidio e farto.

Para aquêles tempos de fome era uma fortuna, quási o imposto de quatro casas.

Mensageiros corriam de lá para cá, faziam propostas e as negociações entre as duas margens atingiram o fim.

Foi mesmo o homem dela, Cambér, que veio ter com Pintári...

— Já sabes, disse-lhe, é costume da terra. Tem um filho, mas é nõvinha... bonita... Pagas-me o que gastei e mais um garrote, além dos presentes para a família e a cachaça precisa.

Depois podes levar a rapariga; será tua.

— É o filho?

— Também te pertence.

Houve uns momentos de silêncio penoso. Uma luta travou-se...

Por fim, os olhos de Pintári, injectados, encontraram-se com os de Cambér, calmos e frios.

— Aceitas ou não?

— Aceito!

E, em dia combinado, foi esperar a mulher amada junto à passagem de paus toscos.

A clareira animou-se, e êle era feliz, feliz como nenhum outro mortal criado por aquelas selvas.

No quimbo, porém, ia grossa indignação.

Canjála chorava de raiva, mordida os pulsos com o desespero, ciumenta, sempre a vociferar contra tudo e contra todos.

Uma manhã, encontrando Nhandi, saltou-lhe em cima, esgadanhou-a tôda e as duas, como leas ciosas, bateram-se, insultando-se com os maiores improperios.

Tanganica, de punhos cerrados, olhar mau e feroz, procurava mezinhas com que perdê-los.

Desprezara as mulheres virgens do seu quimbo para roubar a companheira a outro homem?

—Pois tanto peor para êle!

Foi só ao fim de oito dias de convívio na cubata nova que ficou assente a união entre os dois e levaram as galinhas do último presente.

—Gostas da casa? Perguntou Pintári à companheira.

Queres ficar?

É ela, atraindo-se a si com ternura, num desejo simples de criança grande:

—Fico... fico...

**L**UA após lua o tempo corria. De cada vez que o dongo de luz navegava pelo céu entre as estrêlas, Pintári marcava um traço na porta.

Ao riscar o nono, pelo milho tenro, nasceu um filho rijo e forte.

À sombra da palhota feliz, por onde trepavam cabaceirinhas, outras palhotas surgiram a abrigarem novos amores.

Nhandi e Pintári eram verdadeiramente afortunados, ninguém os molestava.

Pois um dia—o que é a sorte duma criatura!—começou a correr voz de que os búfalos acossados pelos boéres invadiam a região do sul.

Também cavalos marinhos destruíam as lavras de cará na confluência do Cunhungamua com o Cunéne, além da lagôa grande.

O ano era de grande miséria e a fome aproximava-se.

Já muitos rapazes tinham abalado em busca de serviço; gente morria pelos caminhos à mingua, sem fôrças e abandonada.

Até os bichos do mato emigravam, atraídos pela verdura pujante das grandes florestas a poente.

Pintári despediu-se da mulher e abalou.

Se teve sorte ou não, ninguém o soube.

Os meses do cacimbo passaram e ele não voltou.

Nhandi chorava...

Uma tarde, Tanganica veio visitá-la. Ela pilava lombi cá fora com o filhito mais novo apertado nas costas, o outro a brincar atrás dos cabritos novos.

Ficou-se a olhar para o inimigo, transida, tôda trémula...

— Que me queres, Tanganica?

E o caçador, com um prazer enorme e cruel, mostrava-lhe o companheiro.

— Traz notícias de Pintári...

— Viste-o? Interrogou Nhandi anciosa. Viste-o?

E abanava-o pelos ombros.

— Fala, anda, fala!...

— Não, não vi. Mas é escusado esperares por ele.

A rapariga ficou inerte, como assombrada.

Os seus olhos pareciam querer saltar fora das órbitas.

Depois, aflita, chorando convulsivamente, amarrou as mãos à cabeça e, alma indignada, numa revolta feroz, barregava:

— Foste tu, Tanganica; foste tu que mataste o meu homem, foram todos vocês os do quimbo!

Julgas que não sei?

Malditos feiticeiros, malditos!

Tinham inveja do seu dinheiro, medo da sua fôrça...

Não haveis de comer nada do que era dêle; é tudo meu, é tudo do meu século!

Durante três dias Nhandi chorou sôbre a esteira de Pintári, enrodilhada nos panos, quasi sem comer.

Ao fim do luto vendeu a cubata, as galinhas, e o porco, juntou as bicuátas e foi para a sua terra.

Só reservou para si uma lavra—a náca do lado do nascente.

Mái Jimba, doidinha de todo, mais mirrada que nunca, arrepejava-se, corria as mulheres à fragada.

— «Foi o feitiço das virgens...

Foi o feitiço das virgens...»

Até que, certa manhã, apareceu cá fora, morta, com os olhos esbugalhados, e as mãos crispadas contra a terra, amaldiçoando...

COM as chuvas brotaram do solo verdadeiros tapêtes estrelados.

Jasmineiros de flores brancas, perfume doce e estonteante formavam macissos; ondas de verdura surgiam como por encanto.

As árvores altas armavam por cima esplendorosas, abaixo delas outras mais pequenas ensarilhavam os ramos e tentavam ascensão quási maravilhosa para a luz; ainda, rente ao chão, magotes de plantas variegadas, em espalmados viçosos cresciam num vegetar de prodígio.

Orquídeas roxas das nâcas ou vermelhas côr de sangue e as amarelas das anhâras, lírios pequeninos rasteiros, amarilis brancos e côr de fogo, salpicavam o mato enchendo-o de alegria.

Caminho das palhotas, raparigas subiam com as cabaças da água à cabeça.

Tagarelavam baixinho, descuidadas...

Súbito, um homem saiu-lhes à frente, rôto, esquelético e desfigurado.

Elas pararam espantadas; depois, encarando-o bem, atiraram com tudo fora e fugiram aos pinchos como bãmbis.

— Eh! Canjála, Canjála!

Ao reconhecer a voz, a interpelada respondeu de longe, aflita:

— Então tu voltaste? Voltaste mesmo?

O homem não respondeu. Ficou-se a olhá-las, parado e firme como um tronco.

— E Nhandi?

Viste-a?

Canjála caminhou sempre, o passo lesto, nervoso e sem sequer se voltar, bamboleando-se tôda, às gargalhadas, atirou-lhe com a resposta:

— Vi... Está lá em baixo... na lavra do Cambãmbi!

— Grande hiena! E desceu pelo mesmo carreiro, em sentido inverso.

Pouco abaixo, mesmo junto do riacho, descobrira êle em tempo um terreno humoso e fértil.

Ali o milho temporão crescia quási à altura de dois homens, e embonecava quatro maçarocas enormes.

Os feijoeiros enleavam-se nas canas como cordas grossas, carregadinhos de cachos floridos e de magotes de vagens.

— Lá estava!

Mesmo à beira do mato a marinharem pelas fragas e defesas de pau-a-pique aboboreiras estendiam

os braços tenros, salpicadas de flores amanteigadas, estrêlas de ouro vivo, grandes, brilhantes e alegres.

Como era trabalhadeira a Nhandi!

Onde estaria ela?

Nunca, nunca mais abandonaria o quimbo...

A caça e o dinheiro não valiam o esforço de um homem, a paz da sua cubata...

Enorme pesadelo obsecava-o.

Sôbre as águas cristalinas cintilavam crispacões leves; da abóboda verde e pujante, caíam doces rumorejos de asas despertadas, um pipilar mansinho das aves novas e buliçosas.

Bandos de cinocéfalos espreitavam a passagem do negro como cães de guarda, a avisarem tôda a floresta.

Pintári não quiz chamar de longe.

Como um ladrão embrenhou-se no milharal; iria surpreendê-la.

Lá do fundo parecia subirem vozes abafadas.

Devia ser ela com um dos seus filhitos; breve os apertaria contra o peito...

Nhandi! Nhandi!

Apressava a marcha sem cautela. O milho tomava partido.

Devia ser a hora da sesta.

Um sol abrasador entornava luz e fogo a jorros, sôbre os verdes pintalgados, as barbas loiras do grão...

Era um inferno vivo; nem se respirava.

Enfim, chegou ao terreiro.

Nhandi descansava.

Pé ante pé, a bôca entreaberta num riso abafado e feliz, o coração a tremer de alvoroço, abriu de mansinho a porta de caniços, baixou-se...

—Eh! Nhandi! Nhandi! cá estou!

A restolhada foi medonha.

Ouviram-se gritos apavorados, travou-se uma luta feroz corpo a corpo em que as palavras cão e Cambér se misturavam.

Ainda um silvo agudíssimo, um baque no chão e Pintári aos urros, como louco, a faca ensanguentada ao alto, saltou para fora, atravessou a eira por cima das espigas colhidas e desceu a correr desesperado, ferido de morte...

Por momentos o silêncio foi profundo; depois as aves continuaram a chilrear indiferentes.

Periquitos gritavam de longe, e, na eirazinha dezenas de papa-milhos, assaltavam o grão leitoso, alegres, ás bicadas...

NO TEMPO DA GARÁPA

A meio da manhã, Nauári e Matêté, duas das mulheres de Cálólógió, desceram pelo carreirinho que levava ás penedias, mesmo abaixo do quimbo.

Equilibravam à cabeça enormes quindas de milho grelado; iam preparar a fuba para a festa da colheita.

Como duas cabras, treparam pela saliência da rocha, contornando-a, e depois de encarrapitadas lá em cima, resfolegaram, os rostos virados para o vale onde fulgiam as linhas de água, em coleios cerradíssimos, forçando a terra.

Matêté de corpo fino e airoso, côr de nóchinha clara, fitava as serras longincuas polvilhadas de névoa.

A cabeleira armada em leque, cheia de incrustações de búzios e metal, traçava contra o céu limpo uma estranha figura de mulher...

—Olha, lá está a minha terra!

Ergeu os braços carnudos, cruzou as mãos sobre a nuca e assim se manteve largo tempo, arqueada e silenciosa, sorrindo ternamente para as lombeiras indistintas.

Os seios redondos apontavam entre colares e amuletos, grossas tatuagens sulcavam-lhe o ventre.

Nauári sentara-se sobre uma lage, tanga cruzada entre as pernas estendidas, à beira de uma das muitas pocinhas cavadas pelas sucessivas pisaduras do cereal.

—Matété! Então... o serviço?

Pelo dorso da rapariga passou um frémito nervoso, como de corça bravia e tímida.

Estava tam longe!...

Que seria feito da sua gente?

É ao volver-se para a companheira os seus olhos pareciam mais fundos, alagados e tristes...

Ambas se agarraram ao trabalho. Ora com uma mão, ora com outra, erguiam o «ombambe», malho curto em forma de V invertido.

A mão livre ageitava os bagos, remechia-os e durante muito tempo só aquelas pancadas secas quebraram o silêncio.

Nauári, a mais velha das duas, entoou baixinho uma canção para aligeirar a faina...

Matété respondia:

—Eh! Bambé! Eh! Bambá...

Eh! Bambé! Eh! Bambá...

E a tarde corria branda; fumos ténues de outros quimbos subiam para o azul desmaiado, quási hialino...

A perder de vista, fechada por serranias azuladas, a terra estendia-se em ondulações suaves cacimbadas tristemente.

Nem uma nuvem, nem o palpitar da vida pelos arimbos.

Tôda a natureza esturrada parecia mergulhar num meigo sonho de paz à espera que sôpro divino, como na gênese, de novo a acordasse em misteriosos arroubos.

O vale estreito desenvolvia-se lento, ora apertado, ora alargado em terras de nácas, até desembocar ao longe, na baixa do rio grande.

Aqui e além brilhavam águas fugidias; do lado de lá, outro afluente desaguava disfarçado entre caniçais verdes.

E tôdas três unidas, essas fitas de prata serpenteavam com rumo desconhecido através de plainos áridos e alagadiços, perdendo-se ao longe nas manchas isoladas de espinheiros.

Estrangulando a baixa, subiam duma margem e doutra anháras de ingóte, desoladoramente abandonadas e desertas.

Só muito acima começava o mato, primeiro pobre e raquítico, logo a seguir em frondes espessas e copados unidos, parecia um mar imenso de verdura, grandioso, imutável à primeira vista, sob cujas ondas palpitavam a vida e a tragédia dos seres.

Matété a certa altura pousou o pilão.

Bagos de suor escorriam-lhe da fronte; já não podia por mais tempo esconder a sua raiva.

— Nauári! Tu mandavas e a vida era fácil. Agora... somos escravas. Ongira nem os teus direitos respeita. Pois não vês como ela se regala a mangonhar e a fazer trancinhas para o batuque da noite grande?

A outra cuspinhou indignada.

— Deixa lá, Matêté... Eu sempre sou a primeira mulher de Cálólógio. Vocês vieram depois. Mas tu és obediente e meiga, ao passo que Ongira... Desavergonhada! Julga que por sermos mais vélhas umas luas, havemos de trabalhar para ela gosar? Nunca!

Novamente os «ombambes» se puzeram a martelar sôbre o milho, esfarelado-o.

Matêté, porém, não continha o desespêro, queria desabafar tudo...

— Nós é que esticaremos de miséria, vais vêr. A intrusa nunca faltará nada; recebeu mais panos e lenços bonitos. Não viste as pulseiras novas e os brincos que Cálólógio lhe deu?

Nauári ameaçava de punhos cerrados, um lume mau nas pupilas.

— Julgas? Também na minha terra há feitiços...

E calou-se a ruminar ideas sinistras de vingança.

Em torno o silêncio era maior; sôbre as pedras vibrava o ar. Só de vez em quando uma rolinha gemia no mato, muito terna.

Já as duas queriam largar quando um rancho alegre de cânêmas e mulheres tomou de assalto os penedos, numa algaraviada festiva e barulhenta.

— Mangonheiras! Andai pisar o milho para beberdes, calaceironas!

Porém, cada qual trazia a sua tarefa. Quindas e quindas de espigas fulvas, e de milho grelado caíram sôbre a rocha; uma azáfama enorme estabeleceu-se à roda dos montes. Muitas mãos desca-roçavam baguinhos loiros, outras tranformavam o grão germinado em farinha—a fuba—emquanto as linguas cortavam na vida alheia e a criançada aos pinchos cambalhotava sôbre as lages.

Eram extraordinários aquêles dois monólitos informes. Ciclopícos, quási talhados a pique sôbre precipício vertiginoso, sem que nenhuma outra afloração rochosa justificasse a sua presença ali, semelhavam dois castelos roqueiros.

No cimo os planos vastos, puidos pelas águas, serviam de eira aos povos em redor. Durante as chuvas a mole pesada e nua tomava outro aspecto mais risonho; de tôdas as grêtas e fendas brotavam renovos de bissápas, capins fininhos em presepes, aos tufos e magotes.

E à medida que a água se infiltrava, as paredes cobriam-se de musgos macios, de trepadeirinhas mimosas, muito verdes, com cascatas coloridas; a árvore ao lado, tôsca e tortuosa, tentava erguer-se colada aos gigantes, como uma parasita, cobrindo-se de flores brancas e perfumadas.

Dezenas de aves chilreavam em tôrno perto dos ninhos, ou saltitavam à procura dos farelos abandonados pelas negras.

Diziam os antigos que no âmago do granito habitavam ardilosos cazumbires e até houvera quem por êles tivesse sido perseguido. Em noites claras, quando a estrada luminosa percorria o firmamento, rodopiavam sôbre as lages despegadas, os braços abertos, como fumos brancos enluarados...

Tôda a gente os tinha visto passar, bailando por cima do arvorêdo...

Nauári, silenciosa e triste, ruminava nas últimas palavras de Matêté; uma aflição de morte estertorava-lhe na garganta, lágrimas rebeldes caíam uma a uma.

Para disfarçar, entoou de novo a canção:

Eh! Bambé!...

Eh! Bambá!...

Ao som do côro a fuba era espanejada por mansa aragem no apartar dos farelos, do «galo» para as pocinhas, das pocinhas para o «galo».

Já rapariguinhas se ensaiavam em linha, coleantes e, garotos de ventres disformes esperneavam como cabritos.

Corriam pelas fragas, pinchavam por cima do cereal, contentes e felizes como novilhos em campo farto de erva.

Pois não era natural aquela ventura inefável.

Como não ter alegria e deixar de festejar o advento da fartura?

Para um gentio a colheita do grão é a maior solenidade do ano. Parece que as maçarocas inchadas inebriam os da selva; forte delírio invade as almas simples de louca alegria.

Esquecem tudo, os flagelos da fome nos meses atrás quando os corpos tombavam de inanição, a seca horrível, todo o martírio do homem abandonado sem recursos ao próprio esforço e engenho.

E agora?

Do mato os caçadores traziam diariamente um fartote de carniça; os cortiços recheadinhos de favos desfaziam-se em doçura, tôda a terra fumegava aqui e além na colheita do mel perfumado.

Mal chegava o tempo, ia um homem floresta dentro; logo a avezinha o acompanhava em chilreios maviosos. Não descançava, roçava-se por êle, elevava-se à sua frente indicando o caminho.

O passarito poisa, o negro acampa; junta capim e acende uma fogueira. Quando o fumo alastra... sobe... com a corda o homem desce o tronco escavado; sabe que trasborda porque o pápa-mél lho disse. E as abelhas, aflitas e asfíxiadas tombam aos centos.

Outras fogem como o raio, em massa, e o seu zumbido eguala o sibilar da cobra.

O madeiro abre-se; o líquido corre para a cuia de pau e a avezinha farta-se de larvas, feliz, volteando à roda do festim.

Andam doidas as crianças, tôdas lambuzadas; os homens emborracham-se diariamente.

Até Turião lançava a sua chumbeira com felicidade pelos remansos e, nos rápidos as suas nassas prendiam enormes barbos de carne fina e saborosa.

Pois não se havia de agradecer os dias bons que vinham?

No tempo da garapa até os cães engordavam, com o pêlo luzidio, os ossos cobertos. Pareciam outros, de olhar manso e inteligente, dentes recolhidos, focinho húmido.

Chindóvi, o mestre, matara seu porco gordo; grandes e pequenos, escravos e sêcúlos, comiam e bebiam à bambúrria...

Bem prégava êle que tomassem tento, que não esbanjassem a semente de Deus; a mór parte de nada queria saber.

Era fartar emquanto havia!

Pois então? O futuro pertencia ao Suco.

E Chindóvi enfurecia-se proferindo os maiores impropérios.

Já se tinha visto brutalidade maior?

Ao domingo barregava indignado e profético:

— Vocês não sabem fazer como o branco?

Todos os anos haveis de chamar o castigo da fome?

SÊCO, alto, espadaúdo, com raro's pêlos pendentes ao canto da bôca, o nariz chato de quimbundo, olhos pequenos e vivos, tal era Cálólógio, o homem mais extraordinário daquelas redondezas.

Possuía manadas de vacas, rico como nenhum outro, com grande crédito nas vendas dos brancos. E tudo isso êle conseguira porque em novo havia arranjado mulheres que para êle trabalhavam.

Partia da terra em Agôsto, até à « Combáca », logo que a fome apertava.

Em Maio estava de volta, justamente para o tempo das grandes colheitas e trazia sempre da cidade, dinheiro, panos e uma arma com que escolhia mulher nova, forte e ágil, para todos os serviços dos arimbos.

Por algum tempo Cálólógio acampava no quimbo; corria o mato a funar mantimento e novilhas gordas. Mas quando a sua vida parecia arrumada, as mulheres satisfeitas com os panos e adornos, partia outra vez para a aventura, em busca de mais fortuna.

Chegou assim a possuir seis mulheres e muita riqueza. Desde então nunca mais saiu do quimbo. Não deitara, portanto, más contas à vida.

E tinha tido sorte...

Sempre as companheiras viveram de boa harmonia, chegaram mesmo a ser amigas e trabalharam juntas os arimbos...

Os filhos criavam-se em monte, no terreiro; iam de cubatinha para cubatinha, brincavam inocentes, repartindo entre si a chissângua e os frutos bravos.

Só agora Cálólógio não acertara.

Era mesmo obra de feitiçaria. Pareciam panteras viradas umas às outras as duas mulheres mais velhas contra a mais nova. Estava reduzido a três raparigas; nem mesmo assim lhe davam paz; e, ele que no fundo era manso como boi macoíce, já se vira na contingência de espancar Nauári para apartá-las numa zaragata.

Não havia forma de socegarem. Chindóvi muita vez lhe dizia:

—Porque não vens para a escola e deixas essa vida, homem, porquê?

Ele ria muito... «Era boa!»

E então que faria das mulheres e dos filhos? Deitava-os para o mato como bichos?

«Era boa!» Elas é que trabalhavam para o sustentar.

Entretanto, ocioso, visitava quantas lojas havia. A sua perdição eram as garrafas louras de conhaque que ele namorava horas seguidas de risota com os aviados.

—Eh! Eh! Ó sede! Ó sede chindér!

Tornara-se típico nas redondezas. Todos os anos dava grandes festas de batuque, com muita cachaça trazida de Caconda às escondidas, que os negros por lá destilavam do cará, em latas de petróleo ligadas por canos de velhas lazarinas.

Para uma dessas orgias se preparava o quimbo inteiro. As mulheres de Cálólógio tinham tudo a postos; e no dia aprazado as talhas de barro preto com chimbombo e mel já ferviam.

Mal a noite desceu, chingufos e puitas chamaram o povo. Nauári chisnava sobre as brasas grandes nacos de carne espetados de lés a lés em lombálas fininhas; panelas de lombí com óleo de palma ferviam em cachão e Matété distribuía porções brutais de pirão pelos convivas que chegavam a cada instante.

Servidos em roda, cada qual molhava as bolas no presigo ou entremeava grandes tiras de carne ensangüentada.

Já os da dança formavam círculo... Os chingufos soltavam gemidos roucos, sons bárbaros e selvagens, que o mato repetia. Ao lado, as fogueiras alteadas tingiam de rubro os panos das raparigas; parecia arder tôda aquela turba desordenada e ruidosa...

No círculo humano, os corpos unidos, flanco com flanco, tocavam-se; excitada, a multidão batia palmas em furiosos ritmos... seguia passo a passo os requebros das raparigas... E, nesse tablado

estranho, um a um ou dois a dois, entravam os dançarinos.

Já os batuqueiros acavalitados sobre tambores de troncos ôcos, a espinha dobrada, faziam prodígios de agilidade, ruflando ao desafio... A vista não acompanhava a vertigem das mãos agitadas a poder de alcool, numa trepidação formidável de máquina...

De vez em quando um grupo largava a roda para se encher de Chimbombo; havia-os que emborcavam cabaças cheias, outros que deitavam a bôca às enormes talhas; e o batuque continuava, mais frenético.

Quebrou-se o mistério da noite; tôda a floresta se encheu daquela algazarra de cânticos vibrantes... Até parecia que multidões revoltadas avançavam pelo mato, numa rajada destruidora, em ondas de fúria maldita.

Despontava a lua no horizonte, enorme, a rir-se para êsse mundo fantástico. Chuva miudinha, de prata, caía sobre a folhagem negra, penetrava nos galhos emmaranhados, bailava nas bissápas.

Enormes nócheiras quedavam-se imobilizadas a sonharem com a benção das chuvas...

À vista de tam irreal deslumbramento as estrêlas apagavam-se desmaiadas; só ela ficava, a grande lua, reinando no espaço com tôda a sua beleza, calma, doce e amorosa.

E nem uma fera rugia, nem as aves piavam; todos à uma, animais e plantas quedavam-se extáticos.

Os homens também saúdavam com alegria essa deusa, cuja piedade alumiava o carregador perdido, e afugentava os perigos do seu caminho.

Lua!

Lua!

Ongira entrou na roda ao lado de um caçador de nomeada. Era a descrição da caça que êle fazia a dar saltos prodigiosos com a azagaia e o arco.

—Eu sou o caçador invencível! Contra o meu peito investe o búfalo e o meu zagalote fura-lhe o crânio. Não tenho medo ao elefante, o leão foge do meu caminho.

Ela volteava esbelta, de vagarinho, muito arqueada. Arrastava os panos pelo chão com um brando requebrar de corpo, num deslumbramento de atitudes voluptuosas.

As vezes hierática como uma sacerdotiza egípcia, outras lânguida como as bailadeiras da Índia, corria a roda a mostrar-se, com a bluzinha de chita colada ao busto erecto, as mãos volteando lentamente no ar... Numa ância fitava Nauári, e, serena, triunfante, dirigia-se aos homens; parou em frente de Cálólógio, os olhos cerrados, feliz...

Cálólógio entrou a sapatear.

E o caçador virou-se para as mulheres, indicava Nauári...

Ela percebeu; nova dança surgiu.

Já Cálólógio apontava ao longe o mato infindo, de olhos esgazeados, a lembrar as suas viagens e os seus combates, os sofrimentos longe do quimbo, quando a sua primeira mulher avançou até ao centro.

Vinha formidável; as pupilas chispavam lume ao fixarem o vácuo em procura do mortal inimigo...

Depois, as suas mãos encrespadas agarraram qualquer coisa no ar, atiraram-na ao chão e ela espezinhou-a com desprêzo.

Sobre um imaginário corpo cuspinhado, atirou o pano, ficou unicamente com a tanga, quasi nua, os braços pendentes.

Imóvel e soberba, queria dizer àquela gente ali reunida que na sua terra havia «feitiços» poderosos, «gente guerreira e forte» como em nenhuma outra parte.

Lá a fôra buscar Cálólógio para ser sua mulher.

Trouxera-a «livre»; «livre e não escrava».

Com que direito outra pretendia derrubá-la de seu poder?

Que valor, apresentava?

Ela, Nauári, era filha de século rico e poderoso; no seu quimbo nunca houvera fome. Manadas e manadas de bois pastavam nas dâmbas a perder de vista; havia mabér e ungúndi com fartura, mandiôca, carne e bebida forte...

Nem eles conheciam ali o saboroso marufo que se extraia das palmeiras...

Terra da fartura... Aquela era a terra da fome!

E começou, então, a dança do seu quimbo, dança do umbigo que só as filhas dos grandes sabiam executar.

Parada, extática, com as mãos espalmadas à altura dos ombros, só o ventre se movia em ritmos violentos.

Primeiro ligeiramente, depois com vibrações espasmódicas, contraíndo-se e distendendo-se, a pele parecia girar em volta, trémula, e contorcida...

Cânticos agudos saíam da sua garganta des-trambelhada, ao som das palmas magnetizadoras, dos chingufos loucos, das puítas famosas.

«Esta é a dança do ventre, a dança dos poderosos; no meu corpo vive o feitiço que há-de destruir todos os que me querem mal».

E ergueu novamente o pano, abriu os braços, medonha, ameaçadora; rodopiou, rodopiou, rodopiou, numa vertigem louca, de doida, dela só se vendo uma linha esguia com um grande círculo no cimo...

Nunca no quimbo se vira coisa de tanto pasmar!

Ébrios, os da roda seguiam com ansiedade aquêle vulto sombrio, redobrando de fúria no entusiasmo, nos gritos estertorosos.

Nauári parecia possuída de tôdas as fôrças do outro mundo; abrandava o volteio, retomava outra vez a velocidade vertiginosa; por fim, lentamente, ficou inerte, grandiosa, invencível como uma deusa.

Então o frenesi atingiu o auge, num delírio de entusiasmo, de alegria e de consagração.

— Nauári! Nauári!

— Só tu és grande! Só tu dominas!

Nauári! Nauári!

E Guri? Matêté?

Tinham desaparecido sem deixar rasto.

Nauári soluçava de raiva.

Pois quê? também Matêté lhe queria mal para assim a abandonar com medo do seu feitiço?

A sonsa, a impostora!

Que fôssem, que fôssem mesmo.

Porém a vida começou a desandar. Cálólógio empobrecia.

FEITIÇOS — GUILHERMINA DE AZEREDO

Chuva após chuva as colheitas diminuíam; era só uma mulher para sustentar o homem e dois filhos.

Além disso o tempo não corria favorável.

Cálôlôgio no desespero acusava-a. Às vezes vinha bêbado, investia contra ela à pancada.

E Nauári chorava o tempo da fartura, quando tôdas três trabalhavam para o mesmo senhor.

Nunca mais, nunca mais teria alegria:

Ele, miserável, quási nu, sem crédito, arrastava-se pelas vendas, prestando serviços a trôco de copos.

«Ó sêde Chindér! Ó sêde!»

CHIROMBA

A O alcançar o alto da ladeira para o rio, trouxinha à cabeça, mãos espalmadas nas ancas, «Chiromba» alongou a vista pela margem apinhada de gente.

Mulheres entravam na água até aos tornozelos, sacudiam lençóis alvos contra a corrente, erguiam-nos e tornavam a estendê-los.

Mais adiante rapazes rolavam barriletes de água até à povoação; fincavam as pernas, metiam as mãos ao bôjo, a cabeça, os ombros, e lá subiam morosamente, encosta arriba, gemendo e praguejando.

Ó!... Ó!

«Sô Morales» viera em pessoa dirigir a condução de areias para as obras da fábrica. As zorras enchiam-se às pazadas, baldeadas pelos carrei-

ros muxilêngues; e os bois esqueléticos da cahô-nha, rabôtos, quando estalava a pita retezavam os músculos e arrancavam aos berros do vêlho Camâti, que os encorajava:

— Eh! Eh!... Brómférrri, Estiliférrri... Onguári... Aiér... r... r...

Do interior, o rio já carreava as águas meio turvadas pelos últimos enxurros; o céu fúlgido causticava os olhos e as pupilas contraídas buscavam ansiosamente o bálsamo da verdura.

Mas onde encontrar alívio?

Línguas de fogo lambiam as fôlhas envernizadas dos pomares, brancuras rútilas de casario por entre eucaliptos gigantes; nem uma fôlha buliçada, trémula...

Mais para além duas ilhotas dormiam em fileira, e junto aos morros, a vegetação formava um renque negro e silencioso.

Parecia que o sono se apoderava da própria natureza, numa modorra invencível, parada e monótona. A areia com revérberos micantes, desafiava a superfície das águas pulidas, cobria-se de fulgores intensos. E até grande altura, vapores cálidos, ondas sufocantes, elevavam-se do solo, numa trepidação alucinadora de fornalha.

O cérebro parecia derreter-se em vertigens; fisgadas trespassavam a nuca.

Mas, tôda a paisagem tinha um não sei quê de agridoce. Apertado desde a mupa grande, entre abruptas muralhas de pedras, o vale abria-se ali numa bacia risonha e fértil. Prendia-se a vista enlevada no contraste da seiva estuante com o

fundo árido e pécô dos primeiros contrafortes planálticos.

Tufos magestosos de bambú erguiam-se por entre bananeiras vergadas ao pêsô dos cachos; as plantações de cana estendiam-se a perder de vista até ao mar; o algodão, estrelado de branco, seme-lhava imenso jardim.

Sôbre um morro dominava a antiga fortaleza e mesmo no fundo em remansos de lagôa, dois braços do rio espraiado perdiam-se na verdura pujante de onde emergiam copas gigantescas de mangueiras e graciosas palmas de farta cabeleira.

Nas ribas cortadas cerce, ou em barrancos escalavrados, emmaranhava-se tôda a casta de caniços e junça, sensitivas, fetos, trepadeiras, mato novo e virgem, prodigiosamente crescido no cacimbo.

Ligava as margens uma ponte do caminho de ferro, como a unir a arte poderosa do homem à fôrça criadora da natureza.

E lá ao longe por entre coqueiros vergados, o oceano metia-se pela terra dentro em forma de saco, espraiando-se depois numa faixa azulada, ao longo da costa solitária.

Chiromba pousou a trouxinha, encheu o cachimbo e sentou-se à beira do caminho. Tirava leves bafuradas, sorrindo...

Mulheres subiam do rio já aviadas; crianças carregavam cabacinhas e latas de água para as sanzalas.

Saúdavam-na as que retiravam: «lâripô Chiromba, lâripô!»! E ela para ali se deixava estar a ver a faina apressada, inerte, e sonhadora...

Do fundo vinha a voz meiga de «Sô Morales» num fado triste e sentido, queixumes de amôr, saúde infinda:

«Ai terra da minha terra...  
Ai quem ma dera já ver...»

E as notas subiam arrastadas, entravam no coração de mansinho, a chorar...

Grupos de mulheres lavavam a roupa sôbre as pedras, ou esfregavam as peças acoradas perto das bacias de zinco.

Na conversa os ânimos exaltavam-se, palavra puxa palavra, e já duas negras se esganhavam com grande banzé.

— Sua cadela do diabo, seu bicho ruim!

Os outros juntavam-se de volta, a gozarem a bulha; riam-se a perder do alarido das duas raparigas, agarradas uma à outra pelas carapinhas, descompostas e furibundas.

Algumas retardatárias chegavam com enormes trouxas brancas à cabeça, baloiçando o corpo em requebros indolentes, os mantos negros a esvoaçar ao vento; e a matulagem metia-se à conversa com o mulhêrio, numa grande algazarra de alegria.

Chiromba, farta de esperar, relançou novamente a beira da água; desceu com a trouxinha na mão, tímida e humilde.

Trazia a envolvê-la por debaixo dos braços, prêsa ao lado esquerdo sôbre o seio, um pano listado de azul e branco — Huila — e na cabeça um lenço de chita barata à laia de turbante.

Por baixo dêsse pano uma criancinha escaranchava-se ao uso bântu, colada aos rins.

Os olhos de Chiromba, semi-cerrados e ternos poisavam sôbre as companheiras, quando ao passar, toda airosa, as cumprimentava.

— Cussápere...

— Bá. Cá... cauêto... Calunga! Respondiam as que já estavam.

Acocorou-se à espera de vaga.

Havia tanta gente!

Mas descobriu umas pedras boas mais afastadas; debruçou-se para a corrente a espreitar o fundo antes de se colocar a jeito.

Já ajoelhada, prendeu melhor a filhita, molhou as primeiras peças e começou a ensaboar com força.

— Tem cautela, ó Chiromba!

Ela deixou remansar a água, olhou novamente o rio a prescutar o seu mistério e respondeu alegre:

— Não há perigo, não tenho feitiço!

Ali o fundo de areia era perfeitamente visível, em suave declive e branquinho; mais dois metros para além da margem, um pégo negro e medonho escancarava-se.

A criança vasculhada pelos movimentos bruscos da mãe desatou num berreiro, mas Chiromba continuava a taréfa, indiferente e mansa, até que uma mulher, agastada, grunhiu para o seu lado:

— Cala a bôca!

Então, a rapariga, sempre na mesma posição, de joelhos, aconchegou melhor a filhinha e embalou-a docemente, as mãos entrelaçadas por debaixo do corpito frágil cantarolando em voz monótona e tristonha:

Mininá Cucariemnhô!

Mininá Cucariemnhô!

Cucariré... Cucariré...

«Menina não chores... Menina não chores...»

Acalentada com carinho a pequena de-pressa adormeceu, e ela então agarrou-se ao trabalho.

Era tempo!

O rio continuava a sua marcha serena. Havia nêle arrepios enigmáticos, crispações sombrias, e um constante borbulhar como se na profundidade das suas águas pululassem vidas monstruosas.

E a cada ruído parava o coração; tremiam os seres num legítimo instinto de defeza. Mas Chiromba distraída, nem reparava no perigo que lhe podia vir da água.

Continuava na mesma faina descuidosa, mergulhando as mãos onde tremia a sua figurinha esbelta.

Ah! Aquela era a água da sua terra; vinha de lá, passava mesmo juntinho ao quimbo... No sopé do morro as palhotas agrupavam-se aqui e além...

Onde estariam as companheiras?

Que fariam?

Como se lembrava das alegres ranchadas pelas lavras do milho, quando amanhavam juntas o solo bravo, daquela vida simples de selvagem, lá muito longe... para o interior!

A Terra!

Era essa a grande paixão da sua alma, a dôr que sentia pungi-la e murmurava, reprimindo os soluços quási a chorar...

—Ah! A terra! A minha terra...

Iria vê-la, custasse o que custasse... iria mesmo!

Sacudia a roupa até sair o último sabão, tornava a molhá-la, novamente a torcia e atirava-a em seguida para a bacia ao lado.

Assim caía a tarde.

«Sô Morales» sentado num rochedo, mais a montante, a arma a tiracolo, estendia a cana para os fundões na esperança de picar os barbos saborosos.

Bois soltos rapavam as ervas mugindo de vez em quando, e as vacas da manada mergulhavam o focinho na corrente; ficavam-se depois a olhar o sol, de pescoço esticado, fios de baba a escorrer.

Muitas das lavadeiras já tinham abandonado a margem; Chiromba torcia a última roupa.

—Cuápua! Murmurou ela. Pronto!

Sentou-se longe da beira do rio, despreendeu a filha das costas, uma mulatinha rechonchuda e linda puxou-a ao seio forte, com ternura.

As outras conversavam, faziam-lhe perguntas acêrca do interior que trocara pela vila, inquirem da sua vida com o branco—se lhe dava muitos panos e dinheiro, se a estimava...—intrigalhadas de sanzala que tanto preocupavam os prêtos e por vezes também os brancos...

O quadro era cheio de doce encantamento. Avivavam-se as côres nos matizes mais deslumbrantes, fundiam-se em pinceladas de grande mestre, como a sobressair grupos, marcando tonalidades macias.

Aqui, fôlhas largas e viçosas espalmavam-se sôbre troncos denegridos; mais além, tapêtes esmeraldinos estendiam-se a perder de vista, palmares erguiam preces.

A água, quási morta, num doce murmurinho arrastado, como se tivesse aprendido pelo mato, os saúdosos cantares nativos, reflectia tudo aquilo em frêmitos cariciosos.

E as sombras avançavam pela linfa brilhante, negras ou rosadas, azuis, violeta, com traços de prata, manchas de chumbo... Cada redemoínio era um labirinto de côres, cada borbulhar, espuma leve irisada...

O sol lembrava um fogo sagrado, suspenso em ridente azul; os morros escavos como seios de oiro, laivados de sangue, recortavam-se nas alturas, em miragem de sonho...

E Chiromba também sonhava...

Em pequena, a mãe não a deixava ir à cidade com as comitivas; destinava-a a um século rico e poderoso.

Mas ela despeitada ajudava a compor as caravanas, corria de um lado para outro indagando, sabendo.

Das cubatas chegavam sacos de pele de bambi, cheios como ôdres e muambas a esbarroandar; cabaças de milho e feijão, engradados de landobe com galinhas, tôda a casta de bitéres. Até batata do reino e atados de cebola iam, ou grandes quindas com goiabas amarelas, de oiro vélho.

E os séculos em risota, diziam que os brancos tinham fome, «a barriga deles comia muito!»

Já ia alta a manhã quando os primeiros se metiam a caminho.

As raparigas ostentavam grossas pulseiras de cobre e de junco fino entrançado, anilhas nos tornozelos com chocalhinhos de ólonango, brincos e colares de missangas graúdas.

E durante muito tempo o vozear rompia a distância; côros alegres subiam do vale, animados.

Fôra assim que duas irmãs mais vélhas tinham fugido para a terra dos brancos e nunca mais ninguém as vira.

E ela?

Também quiz admirar a cidade e a cidade tinha-a enfeitado.

À tarde quando regressou sentia-se triste.

Uma aflição, como se a tivessem espancado, atormentava-a. Subiam-lhe até à garganta soluços desesperados, arrepelava-se, rasgando com os dentes as chitas novas.

À sua frente passavam tôdas as preciosidades que vira, as lantejoulas, as fazendas às ramagens, os brincos, como uma carícia branda, bailando ternamente numa tentação constante.

E no dia seguinte abalara também, seduzida por aquêl feitiço de perdição.

Viera ali parar, nem sabia como.

Ah! A sua terra!...

E formulou logo a decisão inabalável de se ausentar por uma temporada daquela povoação de gente má, que a recebia com chôchos de desdém e a desprezava por ser pobre e não saber a língua luanda das candonas de estirpe.

Não seriam negras como ela?

Quando a pequena acabou de sugar a bôca ainda húmida de leite, Chiromba segurou-a nas costas, acamou a roupa e foi encher a cabaça.

Entrou na água, afoita; dobrou-se tôda, mergulhou-a até à bôca que gorgolejava e...

O monstro surgiu do abismo rompendo as águas.

Ouviu-se um grito lancinante, um baque no rio.

Mãe e filha tinham desaparecido num torvelinho.

Cautelosamente o jacaré que a espiara alaparado entre o lodo, aproximára-se da margem.

Covarde como os covardes o réptil imundo espreitava ocasião propícia para o salto de morte e, no instante em que a rapariga, a cabeça cheia, se erguia para voltar, açoitou-a com a cauda serrihada, derrubando-a e arrastando-a para o fundo.

Os outros prêtos, paralisados um momento e com a respiração cortada, logo se revoltaram numa gritaria desesperadora; batiam a água, rogavam pragas, insultavam a fera.

— Ah! Cão!... Grande cão...

— Ah! Ladrão!...

Sobre a corrente só apareciam laivos sanguíneos; o anfíbio monstruoso arrastava o grupo... Porém, de repente, quando menos se esperava, a rapariga veio à tona.

Ela, a negra forte, presa uma perna nos dentes do crocodilo, encarniçava-se ainda numa luta renhida, pedindo socorro, e procurando libertar-se...

O espectáculo horroroso repetia-se impunemente, a multidão fugia apavorada.

E a noite avançava, trágica... salvar a mulher era impossível. Então, «Morales» rôxo de cólera, congestionado, lançou mão da Mauzer, e, quando a moça, braços ao alto, voltou a cima, mandou-lhe uma bala salvadora contra o peito, que a tornou insensível à dor e à agonia.

Fizera bem?

Fizera mal?

## O GRANDE

**D**URANTE umas pesquisas, a noite surpreendeu-nos em plena selva, quando o sol se afogava num mar de ramaria misteriosa.

Tínhamos perdido a trilha; ir para diante seria temeridade.

Era, pois, urgente acampar, acender fogueiras, armar tendas e levantar barracas.

Nós próprios procurávamos gravetos e ateamos um fogo e os carregadores, de jábite em punho feriam o mato aqui e além.

A breve trecho se ergueram em volta das lonas, meia dúzia de cubatas pequeninas, com as forquilhas enganchadas ao alto, cobertas de ramalhuça verde.

Era tempo.

Já pelo céu lumiavam luzeiros trémulos...

Ali o rio sumia-se por bocarra infernal entre fragedos disformes e a sua voz ciclópica tumultuava pelas entranhas da terra, subindo até nós com ribombos cavos, medonhos.

Um carreirinho coleava pelo labirinto rochoso até à outra margem.

E por cima dessa ponte formidável tôda a casta de bicho transitava: o bicho «homem» e o «bicho bicho». Assim o sustentava «Catongo» em largos gestos ao pé da fogueira.

A «onça» fazia ninho por ali, e apontava com as mãos ambas para os monolitos informes.

—Caminho do «GRANDE», ciciava quási ao ouvido.

«Mabécos, chacais, lince, rondam sempre por esta «parage».

Patalão, patalão eu sabe mesmo.»

O véelho era experimentado em coisas do sertão.

Magro, alto, coleante, os seus olhos agudos penetravam o mato logo às primeiras: as narinas dilatadas pareciam farejar fragos e rastos.

Quando erguia o queixo aproado, a pêra rala, hispida, franzindo a bocarra, arregalando os olhos na atitude de grande descobridor, ou colava o ouvido ao solo, ou ainda se empoleirava nas maiores alturas dos copados, era certo haver novidade, lobrigar quimbo próximo e tomar rumo seguro.

Nas noites intermináveis de acampamento sentava-se sôbre um braço de lenha, a chupar o cachimbo tombado ao canto da bôca, as pernas encolhidas, os joelhos ao alto de cotovelos fincados e mãos estendidas para o fogo.

E, assim, nessa atitude caracteristicamente bântu, à luz rubra das chamas, êle narrou, em sua

linguagem nativa e fértil com grandes frases portuguesas, com mil e um pormenor a imitar o bramir do leão, zunido do vento fôlha que cai das árvores transfiguradas, bater de ferraduras,—pruc! pruc!—a sua aventura ocorrida por aquelas bandas, no muchito...

«Vês aquêles dois fogos?»

—É quimalanca. Vai chorar.

Bem sabes que não minto, «patalão»; sou o teu escravo, sou o teu filho, o teu sapato. Podes vender-me... e, mais, vi-te criança...

Tu conheceste-o, aquêlê mulato alto e forte como um touro?

Pois acredita, se quizeres; Bitépo tinha feitiço poderoso, feitiço mesmo. Já no tempo do pai, que foi o maior e o mais arrojado caçador da Hanha até ao Humbe, mostrava grande coragem. Um homem!

Empoleirava-se horas seguidas sôbre galhos de tacúlas nas esperas arriscadas, por cima de mutálas ou nos penedos a pique, colado e imóvel, a espiar a passagem de gungas e quissêmas caminho do rio, do elefante na floresta ou do búfalo nas dambas lodosas.

Quantas vezes informou de trilhos certos e bons pontos na defesa!

«O mato era a sua casa; nada lhe escapava: a folhinha caída, um ramo esgaçado, risco na areia ou pêlo no espinheiro, de tudo êle dava fé.

Pois quando o véelho morreu, dizem que envenenado por ciúmes de mulher, êle botou-se a esta vida de funante.

Então, cheguei aqui, fugido do meu quimbo, no Catenguêna, rôto, cheio de fome e miséria.

Uma desgraça, branco!

Coisas de raparigas...

Emfim; o que lá vai, lá vai... E, eu que receava a vingança da família ou algum feitiço temeroso, lancei-me também nesta existência errante de «para aqui, levanta logo».

Tocava as manadas de Bitépo para a vila, onde ele as vendia a tanto cada palmo de chifre.

Ora de uma vez—Eh! Caindumbo, Caindumbo!—só de me lembrar meu coração bate doído.

Queres ver?

Eu vinha mais êle da troca de nêmas e baripas.

Bitépo seguia, mas o «Chibéra» saiu-lhe ao caminho de espingarda em punho, a rir-se muito:

—Quem vem aí? Se não entras, dou-te um tiro, alma do diabo!... Passar à porta de branco, sem dar cavaco, como por covil de lobo!... Não há direito!

Estava mas era morto por novidades e recebeu-o de braços abertos, com grandes palmadas nas costas.

—Homem! Somos todos irmãos nesta terra... Bebes uma chicara de café?

E assim se meteram à conversa.

Branco no mato esquece as horas...

Até ao acampamento passava-se por muito muchito, não havia viva alma que nos pudesse valer numa aflição.

Acheguei-me; a esperança era de ficar...

Porém, Bitépo fez-me sinal e levantou-se.

—Oíça. Não vá hoje; fique para a conversa, pedia o da casa, desejoso. Há perigo. Não se anda assim de noite!

Mas êle saltou lesto sobre a burrita, deu duas esporadas e ergueu o chapéu ao ar.

—Não pode ser, amigo! Para outra vez. Obrigado!...

E largamos.

O mato enegrecia como asas de ôpumumo; poucas estrélas, céu empastelado.

Na treva o «cabeça de cão» chiava sem cessar; sonidos rompiam aqui e além, e as sombras avançavam sobre o caminho...

De vez em quando estalava um pau, uma folhinha rodopiava e eu de-repente virava a cara para trás; sem respiração, como se sentisse a morte a correr nas costas.

Cantigas dêste mato... Conheces não é patrão?

Tu bem sabes que êle àquela hora só tem surpresas desagradáveis; as árvores ganham vida má de feitiçaria, bissápas e ramos lançam garras aguçadas.

É unha-de-gato que prende, pico venenoso que mata, cheiro de maléficio que adormece para perder o pobre carregador.

Quantas vezes o capim corta, a penugem cega!

Luar vermelho parece a luz do quimbo se o negro anda perdido; e o rio aparece quando há sêde, branco, lindo, com brilho enganoso de cobra, ou escama de peixe; a esperança renasce, o passo anda lesto.

Chega lá, com o desespero cola a bôca na areia sêca, fica-se depois a olhar para a lua, perdido, a cismar...

Já uma vez andei assim, branco, três dias sem comer. Pois uma noite, apareceu à minha frente mandiocal viçoso e farto, arimbo grande de milharal...

Tudo parecia maçarocas. Tonto de alegria, caminhei, caminhei, caminhei...

Ao cabo só vi capim rasteiro e sambas tristes; terra seca, mirradinha.

Quando assim, preto é feliz se encontra fôlha que chupe, raiz de samba para mascar, ou fruto de imbondeiro.

No desespero quer fugir, mas o capinzal é mar que afoga; trepadeira armadilha onde o homem cai facilmente. E as raizes engrossadas parecem surucucú a esmoer; qualquer pau arma vulto de fera na sombra; farfalhejo de ramos lembra rastejar perigoso.

De todos os lados vem perigo e a morte espreita; o mato ataca, toma desforra.

Pois não é?

Diz, patrão, tu conheces tudo, sabes tudo...

Porém, o companheiro ia sereno.

— Meu Caindumbo, meu Caindumbo! Naquela altura não sei que foi feito deste coração. Tinha o presentimento da desgraça.

Falei... falei... falei...

Às vezes perguntava a mim próprio:

— Porque tens medo? Então tu, dizia com o meu corpo, que levaste coronhadas do teu sargento, que fizeste a guerra do «Samacáca», que viste um mato de homens enforcados lá para o sul, tremes diante deste caminho?

E tinha vergonha, meu patrão, lá isso tinha; mas a vontade era fugir.

Coragem de batata doce...

Bitépo não me ligava importância, sempre de cigarro aceso, a rédea retezada, calmo. Pois ainda mais me enraivecia com isso.

Estaria doido o homem em ir assim para a frente, destemido?

Bem me chegava para o animal a vêr se êle dava ânimo e calor; seguia colado à sua barriga, mudo como pombo verde, o corpo em arco.

Mas isso sim!

Calei-me.

A certa altura, ventinho levantou-se manso, trouxe cheiro picante de fera «braba».

Meu coração estalou com o mau preságio; parecia cavalo, e a burra ia andando, de orelhas muito fitas, àlerta, mas mais devagar, recusando-se...

Bitépo, toma cautela... É êle, o «GRANDE»!

«Não o chames pelo seu nome, senão estamos perdidos!...»

— Pára. Pára aqui mesmo. Acende uma fogueira...

E puxei-lhe pelo casaco; agarrei o animal pela sela, corri mais à frente e segurei nas rédeas...

Bitépo deu outra esporada e seguiu avante.

— Doido! Doido!

O silêncio aterrava. Cada patada da asna parecia um martelo na cabeça: pam! pam!

A seguir, quando entramos no muchito, alguma coisa saltou com estrondo, ali bem perto, ao nosso lado.

Então, eu quási me sumi por baixo do animal; meu corpo tremia.

— Bitépo! Bitépo! É Êle! Pára, pára.

«Não desafies o GRANDE; acende um tição, lança fogo ao mato. Vamos morrer, branco!»

Senti as lágrimas correr. Um frio gelado subiu-me ao peito e a garganta arrochada engulia em sêco, numa ância medonha, sem fôlego.

E tive ganas de me atirar ao seu pescoço, de o derrubar e fugir...

Na minha cabeça passava o fogo; lumangos arrochavam-na.

Mas os saltos, mesmo a nosso lado, acompanhavam-nos perfeitamente; seguiam-nos.

O terror invadia-me. O terror!

Já maquinava salvação a marinhar por tronco alto de mutaco, quando a fera nos cortou o passo e se foi plantar à distância que corre uma zagaia, mesmo em nossa frente.

Seus olhos, patrão, pareciam as lanternas da tua caminheta, duas estrêlas grandes e vermelhas, de luz maligna...

As tripas encolheram-se-me, senti um vazio tremendo.

— Caindumbo! Caindumbo! Carapinha era pico de chissáca; como louco eu batia o dente, arquejava.

«Ah! patrão, patrão! Julguei ser a minha hora, a última, e pedi perdão ao «Suco» dos meus crimes».

Isto foi rápido.

Bitépo, com o corpo hirto, enorme, uma serenidade imperturbável, puchava-lhe pelas rédeas com força, e, a mão esquerda segurando-as, outra a riscar fósforos na caixa ferrada com os dentes, atirava aquêles luminhos para o ar como se fôssem foguetes na festa grande da Múxima.

Contei dez, contei vinte, os fósforos acabavam...

A fera brincava, satisfeita e segura; chegavam até nós bocejos e bufidos roucos.

Já sentia as garras no meu pescoço, o coração a parar... a parar...

Nisto, aquêles dois fósforos desapareceram e um bramido medonho saiu das guelgas malvadas.

Foi como se o raio me fulminasse ali mesmo. A respiração parou, vista fugiu, o corpo morreu... Depois, não sei...

Ainda ouvi outros saltos, grande restolhada, mais roncões afastados, como de desprezo...

Só então vim a mim completamente.

— Fugamos, Bitépo; vamos de-pressa!

Olhei o homem.

No céu aparecia a lua cheia, muito branca.

— Pois meu Caindumbo, acredita se quizeres: êle parecia um deus... Tãm branco... tãm branco, tãm gigante, que lhe beijei a sola do sapato, lambi-lhe as mãos como um cachorro...

Os seus olhos deitavam lume, viam tudo na gente...

Era o feitiço... êle era feiticeiro.

— Perdôa, perdôa, disse-lhe; grande poder tens para que os brutos te obedeam e fujam à tua frente.

Bitépo largou às esporadas, deu tôda a rédea à burrinha que corria.

Eu abalei também, num tropel alucinado e bagos de suor escorriam-me da testa...

Ao fim, o mato rasgou-se, avistaram-se as pedras grandes, com brilho triste e... ao longe, entre paus negros, os fogos do acampamento...

Corpo serenou.

Sabes Caindumbo? Tu és homem forte, homem valente; mas esse mulato tinha alma grande, coração de ferro.

Pois eu fiquei doente um mês, patrão...

Tive dispensa, andei mortinho de todo... Por fim fui ao «Ganga» para que me tirasse o feitiço...

— É ele, Bitépo? Perguntamos à uma.

— Éle?

— Eh! Eh! Eh!... Pois fica sabendo, branco, que no dia seguinte, fez outra jornada montado na mesma burrica, sôzinho!...

Temível feiticeiro, maior que todos os outros!

Acredita se quizeres, mas é tã certo como andar jacaré no rio e tu estares aí na minha frente.

Eu era amigo dele, coração limpo, limpo mesmo; mas...

Olha, Caindumbo: feitiço mata e... fugi-lhe com medo... mudei de nome...

LIAMBA

**F**OI em Junho.  
Sôbre a terra luzia ainda uma camada  
ligeira de geada e os pobres negros, a tiritar  
com frio, entorpecidos, aconchegavam as vestimen-  
tas primitivas.

Alguns ainda envergavam coletes velhos e tan-  
gas de pano, outros limitavam-se a uma estreita  
tira de pele de côrça ou de casca de árvore batida,  
entre pernas, prêsa à cinta por um cordel.

Semelhante gente, mais reles e menos afeita  
ao trabalho, nunca se vira!

E o branco, para poder fazer alguma coisa,  
enquadrava os de fora mais selvagens, vindos das  
Ganguélas, com Santomistas e Quimbundos.  
Porém, esta mistura de raças no serviço, não agra-

dava ao pessoal; à mais pequena disputa, chufas choviam de todos os lados, insultos e pragas.

—Ganguéla! Quiôco miserável!

À voz do comando, o aço pulido luzia no ar um instante, para logo fender o solo em largos sulcos profundos. Alguns não sabiam manejar a enxada, era preciso instruí-los pacientemente; um desespêro.

—Olha que tropa de contratados!

E Constantino, moço de lavoura lá na terra, em Tráz-os-Montes, indignava-se apoplético:

—Era então com aquêles aranhaços que a terra se cultivava? Só de risota!

«Vá, Vá! Eh! P'ra frente!»

Mas cada corte rejuvenescia êsse vélho solo africano. Mil vidas pequeninas e ignoradas surgiam à luz do sol das profundidades compactas, em luta infrene pela existência. Já os «mina-mina» sagrados corriam velozes pelo campo perseguindo escaravelhos lendários, formigões enormes carream nas tenazes ovos brancos e leitosos; e, a fugirem da invasão do homem, centenas de gafanhotos precipitavam-se para os capinzais das encostas, abrindo as azas rubras ao sol, com um ruído sêco e áspero.

A terra acordava da sua paz de séculos para a grandiosa obra de colonização; abria-se em valados, cobria-se de pujantes verdes a pouco e pouco, como uma virgem a quem a maternidade torna mais mulher, e mais bela.

Teria ela alma? Um coração?

Ao contacto do ferro um estremecimento de ternura percorria-lhe as entranhas; sentia-se perfeitamente essa corrente eléctrica passar debaixo

dos pés docemente, uma comoção estranha que invadia os corações.

Sim, a terra era boa, a mãe querida e sagrada, cheia de generosidade...

De tempos a tempos, a voz monótona do capataz interrompia o trabalho.

—Vai ou não vai!

E, então, ao som do estribilho, as enxadas subiam e desciam rapidamente, animadas pelo babaréu selvagem dos trabalhadores, pelos cânticos fogosos e assobios silvados.

Caía a pino a ardência do sol. Em poucas horas o corpo passara da temperatura gelada ao calor intenso e abafado; os movimentos desentorpecidos eram mais lesto, os dorsos nus curvavam-se reluzentes sôbre o trabalho afanoso.

Para além da corda humana, choviam torrões desfeitos em humus gordoroso, prometedor de boas colheitas; morros de salalê eram quebrados, o raizame das bissápas cortado e amontoado.

Escravo da terra, o branco, apaixonava-se por ela. Era preciso tirar êsse solo da maldição lendária, transformá-lo num pequeno Portugal cultivadinho até ao cimo dos montes.

Que doido o branco!

Pois não?

E Canivête teimava com Constantino na sua idea fixa.

Chegados à tarde, já a voz do chefe não conseguia tanta diligência. Os braços rebeldes apoiavam-se ao cabo da enxada e as conversas intermi-

náveis animavam-se desencontrando o vai-vem dos ferros.

—Eu quero ver! Eu quero ver! Gritava Constantino vermelho como um touro!

Mas os trabalhadores riam-se nas suas bochechas, convidavam-no em voz baixa a pegar na ferramenta, chamavam-lhe nomes sem conta.

—Condenado! Cão! Grande cão, miserável escravo do branco.

De vez em quando, os serviçais espreitavam o enorme disco vermelho:

—Lá está o «mondombé» do sol a puxar pela corda!

E cantavam num berreiro infernal, suplicando-lhe desesperados, para que acabasse o dia mais depressa e com êle os trabalhos extenuantes do desbravamento:

Eh! Mondombé, Mondombé!  
Mondombéúé...

«Puxa, puxa pela corda!»

«Tem pena de nós! Liberta-nos, dá-nos a noite do descanso».

O côro sonoro espalhava-se pelo vale, chegava longe até às alturas e o homem lendário parecia atendê-los.

Entre ramaria espessa, no cimo da serra, o sol despedia-se lentamente, como em suave milagre; rompia a neblina e incendiava num esplendor de fogo o cascalho dos respaldos, o mato, a estrada, tôda a natureza calma.

Depois, rapidamente, mergulhava.

—Largar! Gritou enfim a voz dura e imperiosa do capataz; e, tôda aquela turba se precipitou sôbre as «bicuátas». Choveram encontrões e sopapos; houve quem trocasse as ferramentas proposadamente; levantaram-se questões. Uns corriam a encher as cabaças no riachozinho, outros enfiavam vélhas casacas europeias.

No meio daquela barafunda de gritos, de apitos, de palmas e risadas, o chefe sumia-se.

—É minha a enxada! Gritava um colosso, e logo adiante outro pegava nos ferros de monte, depois de emborcar chimbombo e passar a vasilha de mão em mão.

Já os últimos largavam a correr, marinhando como corças pela lombeira deserta, aos saltos e às upas, a barregarem, com gritos estrídulos, sem sombra de cansaço, numa alegria selvagem de crianças grandes...

—Eh! Lá... diabos! Resmungava Constantino.

E Canivète vinha-lhe no encaço, com o terno da comida ao dependurão, jogando o pau à frente, satisfeito e feliz.

Depois de receber a ração e largar a ferramenta, Canivète—o capataz—recolhia pelo carreiro de gentio que serpenteava a encosta, de arma ao ombro, jábite no cinto, a assobiar certa môdinha arrastada e doce como canto de canário ou de peitinho celeste.

Outrora, aquela floresta fôra medonha de tristeza com a sua uniformidade.

Nela predominavam as acácias tortuosas, de folhas miudinhas acinzentadas, onde raros paus-ferro esbranquiçados, ou copas mais altas de nócheiras verde escuras quebravam a monotonia.

Porém, pouco a pouco o jábite invasor abrira clareiras na espessura agréste e a encosta tornara-se menos selvática, mais atraente e risonha, desfazendo-se em lenha para as fogueiras ou forquilha, lombálas e londóbes que o povo aproveitava na construção dos quimbos.

O mato tudo dava; as cubatas, o leito de fôlhas, a lenha para aquècer.

Lá iam os homens buscar cortiços para as abelhas, dongos com que navegavam e as cascas das árvores aproveitadas no transporte de barro para as estradas.

Durante as chuvás, aquêlê vale parecia mesmo um paraíso.

Germinava a vida sem esforço e, ao lado das mutatas floridas carregadinhas de cachos roxos perfumados, cresciam mandiocais rutilantes, as fôlhas dígitas em espalmados vigorosos.

Ah! Mas isso era no tempo das chuvas!

Canivète marchava no seu passo indolente e arrastado, a gozar as últimas tintas do crepúsculo. Seguia-o o cabir fariscando pelo capim, ora à frente, ora atrás.

À sua passagem rôlas assustadas levantavam-se do chão, ou partiam das árvores em bandos, umas grandes como pombos bravos, de colarete castanho escuro, outras pequeninas de rabo preto muito comprido.

Poupinhas esvoaçavam de brincadeira; alapardavam-se e, quando êle se aproximava, logo

fugiam para mais adiante se colarem ao solo num «fru-fru» de asas ligeiras. E eram perdizes de perna amarela empoleirando-se nas galhas altas, ninhadas de perdigotos a restolharem mesmo debaixo dos pés, perseguidas pelo rafeiro.

— Prr... raça daninha! Murmurava Canivète a pensar nas próximas sementeiras. Bico danado, mesmo; bico ruim.

Pois êle muitas vezes tinha de aquilo; punha-se a falar sôzinho ou a gesticular para o cabir que o seguia humilde.

O quimbo estava perto. Distinguia-se perfeitamente a sua cubata no meio das outras, maior, mais larga e coberta de fresco.

À porta, braços de mulher erguiam o pilão acima do «ócinhé».

Seria, Chica a pisar lombi para a noite?

Canivète sentou-se sôbre um morro de salalé, pôs as mãos nos olhos a concentrar a vista...

Pois era ela mesma, a companheira activa e deligente que trouxera da cidade. E relembrava a sua vida de quimbar, os trabalhos rudes nas plantações da cana, seu casamento cristão, e, por fim, a volta alegre e descansada à sua terra.

Seu mundo era ali mesmo: uma cubata, a mulher, os filhos e aquela doçura pelo mato que êle explorava com paixão.

O rafeiro, olhava-o de orelhas fitas. Era o seu amigo, o companheiro das longas jornadas; nunca o atraçoara.

Muitas vezes o levava às costas.

Êle chorava?

O cão também chorava, a ganir que era mesmo uma dor de alma...

Ele ria?

Também o cão ria, em festa... de beijos arreganhados, focinho franzido e a língua de fora, babado.

E com que satisfação, com que alegria!

— «Cão também ser gente, também ser família, sustentava muitas vezes. Só não fala...»

Canivête, olhava-o ternamente, batendo palmadas nas coxas.

— Vamos, vamos comer a ração que é tempo!

Quando chegou ao quimbo já a mulher acôcorada perto do fogo preparava o pirão.

Fuba branquinha caía de manso sôbre a água a borbulhar, que ela remexia com um pau ajeitado, e, empoladas e duras as papas virou-as sôbre gamelo de pau, num grande bôlo cheiroso. Ao lado fervia o caçoilo de barro tôsko, com ervas e gindungo.

Sachípia assoprava ao fogo, a bôca quási colada às brasas de bochechas insufladas.

E Canivête espreitava-os cá de fora com a alma a transbordar de alegria...

Deitou o caniçado a terra.

— Bô noiti... mãe!

— Bô noiti! E a rapariga soltou um gritinho de surpresa. Mas logo distribuiu a comida, passando-lhe o cachimbo para as mãos.

Canivête acôcorou-se do outro lado, depois de tirar o chapéu e o colete; traçou o pano, encostou-se às lombalhas do chingue, com as pernas encolhidas, as mãos viradas ao lume.

Ficou-se assim a olhar por um tempo a companheira, os filhos e o cão, radiante como poucos na sua rusticidade.

Um cheiro suave subia dos painhos, a pirão fresco, a óleo de palma; O seu coração inundava-se de pensamentos bons de ternura...

Abriu a patrôna.

— Aqui está o sal, o tabaco e as sardinhas sêcas da ração...

Pois, quando chegara da «fábrica do açúcar», logo ali construíra a sua palhota, ampla, mais comprida que larga e cortada em dois quatinhos por esteiras de caniços entrançados.

Num dos compartimentos ao lado, fizera êle uma mutala de capim cosido a landôbe; os filhos dormiam no chão sôbre a esteira assente em camadas de fôlhas sêcas, embrulhados nos cambriquetes.

Chica era mulher arrumada e limpa; todos os dias varria a palhota com a sua vassourinha de capins duros e arrumava os bitêres luzidios entalados entre as lombálas e o capim. Ali estava tôda a sua felicidade.

À luz rubra do brasido aquêle homem negro retinto, nu da cinta para cima, os olhos brilhantes em fundo muito branco, de bocarra grosseiramente rasgada, parecia um canibal feroz.

Porém era manso e, muito embora indolente e mangonheiro, espicaçado pela necessidade, sempre ajudava, mesmo a cultivar o arimo.

Até todos se admiravam como êle desempenado e forte, «seu capataz», tinha jeito para arranjos de mulher.

No outro ano, até ervilhas cultivara que vendia aos brancos e enormes tomates lisos, verme-

lhos, muito doces de que os do quimbo eram sôfregos.

Chica pôs o «infunje» ao alcance de todos. Lavou a bôca e começou a comer.

Canivéte e Sachípia imitaram-na; os outros pequenos também, mas o pai ainda assou primeiro umas sardinhas sêcas nas brasas.

Cada qual pegava com os dedos em grandes bolas de pirão ensopava-as na molhanga esverdugada das ervas.

— Chiua!

— Chiua, muêne, respondia a rapariga riso-nha.

O «cabir» recebia de todos. Às vezes quási tirava os bocados da bôca e o chefe ria-se da sua esperteza.

Acabada a refeição, Chica deitou uma pouca de água nas mãos de Canivéte e dos filhos; o homem rapou do cachimbo, picou o tabaco do rôlo, deitou-o no depósito, uma brasinha em cima e puxou a fumaça devagar saboreando-a com deliciosa volúpia.

Ah! Aquêlê gôso do tabaco era o bem supremo da vida! Nem a cachaça o suplantava.

Mas já a mulher pedia também o seu quinhão de felicidade.

As crianças perto olhavam os pais com cubiça e então a mãe, muito naturalmente passou-lhes o seu cachimbo.

— Tomae cuénjes!

— Cúcu! Cúcu!

Agradeceram com entusiásmo as crianças!

Assim foi passando, sempre de mão em mão até ao mais novito.

Quando chegou a vez de Cambâmbi, um garoto de quatro anos, rechonchudo e forte, a rapariga tirou-lhe o peito da bôca e chegou-lhe o fumo.

O pequeno com uma mão arrepanhava a pele flácida do seio, com a outra segurava o cachimbo levando-o à boca ávida.

E pouco tempo volvido Chica e Sachípia dormiam no outro lado do chingue; as duas rapariguitas abraçadas nem buliam, o mais novo sempre agarrado ao peito sugava-o continuamente.

Canivéte ajeitou os cepos da fogueira, esfregou as mãos sôbre as chamas e começou a fumar liamba pelo chifre de boi. Era o seu vício...

Pôs a água no depósito, depois as brasas em cima das fôlhas e preparou-se para as primeiras delícias de visões extraordinárias.

Oh! O maravilhoso cânhamo!

Nascia assim, pelos cantos, sem cultivo, e ninguém diria ao ver o seu aspecto luxuriante e acariciador de verdura macia, em redor dos quimbos ou por meio do milharal fresco, os sortilégios que a sua seiva encerrava para atrair, amálgama de veneno e deleite, de prazer e de pecado.

A pouco e pouco o cérebro entorpecia numa excitação tormentosa, ficava bruto, bruto de todo...

Quem não conhecia dêsses casos? Quem? Muitos negros se perdiam assim, na doce ilusão, ou endoideciam para sempre...

Mas Canivéte não resistia e agora, a cada gorgolejo uma grande languidez penetrava-o todo, os olhos fechavam-se-lhe de pesados, a alma afundada em brando torpôr, adormecia todos os sentidos.

Era como se carros fantásticos de luz deslissassem à sua frente, num céu de estrêlas rutilantes.

E tudo se tornava vago e confuso, muito distante...

Zumbidos nos ouvidos ecoavam como badalar de chócas.

Ele já não era Canivéte, o capataz.

Era Chissingue o rico... Em vez da sua mulher gasta, de seios caídos e pele enrugada, rodeavam-no cânemas da última geração do quimbo, trabalhando no verão como formigas para aumentarem o seu poder e fortuna.

Com o produto de tanta actividade, Canivéte, século rico, grande da terra e venerado por todos com respeito, levava vida deliciosa de prazer e preguiça...

Aumentavam os bois no sambo e nas silas não se esvasiava o milho das lavras; era a abundância e a riqueza que entravam de mãos dadas pela porta da palhota.

Como na Fazenda, um mar de espigas aloiradas secavam ao sol, a perder de vista, e era tudo dele; manadas e manadas, rebanhos e rebanhos...

Canivéte ria feliz, feliz como nenhum outro.

À sua frente rodopiavam uma, depois dez, depois cem, mil garrafas de conhaque loirinho, em cirandar vertiginoso de moscas, chocando-se, caindo-lhe nos joelhos... oferecendo-se-lhe...

Já uma estoirava a rolha no ar e ele agarra-a, bebia-a, dum trago sem respirar.

Conseguira enfim, mitigar a sede do borrachão, atingir o bem supremo naquele mato!

Quiz erguer-se, a fogueira pareceu-lhe o sol entrando a jorros pela cubata, banhava-o de calor vivificante. Iria deitar-se ali mesmo, de barriga

para o ar, a recebê-lo, àquêle sol de Deus, horas seguidas, de chapa.

As pernas porém, não o ajudavam. Todo se sentia apagar num aniquilamento de chumbo, como estupor de dormideiras. Agarrou-se às lombalhas, ainda reagiu, mas as mãos tatearam o chifre e, chupou, chupou, com fúria desregrada, aos estalidos com os beiços grosseiros, até que, asfixiado, como se lhe tapassem a livre respiração, caiu pesadamente para o solo.

E a fogueirinha chisnava-lhe o corpo; feridas alastravam, eram cada vez mais profundas.

Depois uma aragem avivou a chama, pegou-se lume à tanga que ardeu completamente.

Ele, insensibilizado, mais morto que vivo, nada sentia, nem mesmo as visões enganadoras da cangonha.

O cão ergueu-se lesto.

Andou de roda do dono cheirando-o, lambeu-lhe as feridas, a cara, as mãos e pôs-se a uivar lugubrememente, de focinho contraído e escancarado.

Chica acordou sobressaltada. Levantou-se às apalpadelas; um presentimento de desgraça invadia-lhe o cérebro...

Onde estaria o seu homem que não viera deitar-se?

— Canivéte? Canivéte?

Lá de fora entrava uma fita de luz branca, primeiro alvor do dia, e ela pôde então distinguir, ao pé do fogo apagado, o companheiro todo encolhido, frio e horrorosamente mutilado.

— Meu Jisus! Meu Jisus!

Correu para fora espavorida, as mãos agarradas à cabeça, como louca...

—Ai-u-é! Ai-u-é!

Os seus gritos lancinantes acordaram o povoado; mulheres rodearam-na em grandes choros.

—Está morto! Está morto! Meu negro bom!

«Foi cachimbo, mulher, foi cangonha! Que ha-di sê di mim, genti! Qui ha-di sê!

E Chica soluçava perdidamente, desesperada; arrancando a carapinha aos punhados, espojando-se.

—Sarva, sarva êle mesmo! Pede a Nosso Sinhô qui não deixa morrê êle!

«Messêne, Messêne acode ao teu filho!»

Mas já quatro parentes traziam o fardo mal entrouxado até à porta do mestre.

Choviam os comentários: isto foi feitiço, feitiço grande...

Canivête vinha a si com a frescura da manhã nevoeirenta, mas não tinha dores...

Abriu os olhos vagos, sem expressão, as pupilas redondas muito dilatadas, faltas de luz, dentês cerrados, com um ligeiro tremor pelo corpo...

MÃI PRÊTA

**F**OI uma aflicção, «um corre que corre», quando a tardinha, Prégio, esbaforido, entrou por ali dentro com a manada em desaustinado galope.

Pois que era então?

E ele logo preveniu da chegada dos cipaios.

Vinham-lhe no encalço, furiosos, para agarrarem as raparigas e levá-las ao Pôsto.

E atravessando o povo como um furacão gritava:

—Fujam! Fujam!

Aí veem os cipaios!

Grande babaréu se levantou. Homens furavam o capim dos chingues, escapuliam-se pelos postigos trazeiros das cubatas.

As mulheres, num reboço, abandonavam o pirão ao lume, alarpadavam-se pelo mato, e crianças barregavam transidas, restolhando em debandada.

Num instante o quimbo ficou deserto.

Quando os dois cipaio, de cofió e calção cáqui cercaram as palhotas, ajudados pelos «auxiliares», só encontraram vólhos trôpegos e doentes.

Vinham estafados da caminhada, com os pés numa miséria, roídos de fome.

Uma marcha forçada para nada!

E o quimbo foi bem revistado, enquanto o resto da tropa batia as moitas próximas, vasculhando à chicotada, arbustos e bissápas.

Desolados, acamparam.

Fôsse lá uma pessoa ter pena daqueles cães que comprometiam o pobre do cipaio!

Pois não era?

Não tinham razão?

Ali estava sêculo Lófa que os fazia andar sem tino, numa lufa-lufa arreliante.

Todos os anos sucedia o mesmo.

Quando o «comandante» apressava o imposto, eles passavam-se com os gados para a outra margem do rio e só voltavam se do lado de lá os apertavam também...

Mas agora haviam de pagar tudo; a fome deles, a sêde, os pés feridos, todos os castigos injustamente suportados, todos os passos um a um.

E os cipaio, exasperados, gritavam pela noite dentro, para a imensidão do mato silencioso:

— Eh! Tu! Sêculo Lófa! Vocês todos! O comandante manda-vos chamar para pagardes o dízimo dos vossos filhos!

Ouviste, sêculo, chefe do quimbo?

Vocês ouviram?

Olha que não esquece; meu feitiço há-de apanhar-vos como «liácúti» apanha os bámbis!...

Raça de cães do mato!

Porém, de lá ninguém respondeu.

Só os chacais uivaram lúgubrememente, mesmo na orla da mata, atrevidos...

— Má raça de macacos! Bêbados! Bêbados!...

Os cipaio tinham falado. Haviam de pagar bem pago; e começaram por exigir aos vólhos, galinhas para churrascos, fuba e feijão, mabér e tabaco.

Instalados no jango, todo o santo dia fumavam e bebiam até altas horas da noite, a dedilharem nos quissanges.

Por vezes, às escondidas, crianças vinham, vindo muito surrateiras, em busca de comida para as mulheres que andavam a monte e logo se sumiam na floresta.

Alguns homens mais espertos chegavam mesmo a ficar no quimbo.

Mal os cipaio recolhiam, um pio agoirento atravessava a noite; de cá respondia gargalhar de hiena, e, logo do capim alto ou por detrás dos tufos espessos surgia a malta cautelosa, encobrindo-se com as sombras.

Uma manhã, porém, ainda o sol não era nado já os cipaio assaltavam os chingues e cubatas, conseguindo assim apanhar três raparigas.

As «cânêmas» barregavam que metia dó, desperadas, esbracejando.

Chamavam pelos sêculos apavoradas, tremiam como juncos.

— Meu século! Meu século!

Durante muito tempo as suas vozes atravessaram a floresta de lés a lés... chorosas, numa plangência confrangedora.

— Meu Pai! Minha Mãe!... O cipaio mata-nos... o cipaio leva-nos...

O mato todo repetia a sua dôr como um éco.

Mas, por fim, os clamores de todo se perderam ao longe, abafados pela distância...

E os culpados não apareceram a resgatá-las.

Só passados dias e com espanto de todo o quimbo, as mocinhas voltaram, entregues a uma comitiva, sãs e salvas.

Século Lófa receava a vingança.

Durante mais de lua mandou vigiar os caminhos.

Porém os dias foram correndo serenos e iguais; de manhã as manadas seguiam para o pasto com seus pastores; as mulheres nas lavras activavam as sementeiras e plantações de mandioca; de tarde, a chuva caía às bátegas, como uma benção do céu... E a paz voltou aos poucos.

Logo cedo, o século juntava as crias à manada, para que Prêgo, pastor, pudesse mugir as vacas.

— Anda para aqui, «malanca»!

Corre, «onça»! Corre...

E as vitelinhas, uma a uma, saíam do chingue aos pinotes, de rabo alçado, orelhas para trás, coladas, a investirem contra o sambo.

Procuravam meter as cabecitas pelos espinheiros, impacientes, mugindo, e as mãis ciosas corriam a cheirá-las...

Com as primeiras chuvas, os animais ficavam atavascados na lama até aos jarretes e apinhavam-se nos lados do sambo.

Os dois touros investiam, um contra o outro, raivosos, chapinhando o terreno mole, hastes fortemente ensarilhadas, às marradas...

Já garotos com lombalhas impeliam as vitelas para a entrada do sambo e o cão corria veloz metendo-as à manada.

Lófa tirava os paus até meio, ajudava a entrar a primeira tourinha.

E era uma festa, uma alegria!

A vaca parava, abria as pernas, mugia baixinho e, ternamente lambia-lhe o lombo, a barriga, as côxas.

Sôfrega, a cria, de patas vergadas, agarrava-se, chupava uma teta, logo outra, aos sacões, marrando, tãda babada.

O leite descia farto e retezava o úbere como um ôdre.

Tãda ela estremecia de prazer, com o pêlo luzente, o rabo inquieto, às vergastadas.

Por trás, o pastor, acororado, esperava a sua vez; num momento enxotava a cria e, a mãos ambas, fazia esguichar o leite grosso e perfumado para a cuia de madeira. Por fim largava os animais à vontade.

Corria-as tãdas, vaca por vaca.

— Eh! «Bambi», manhosa!

Eh! «Iéra», chega-te!

Eram mansas como cordeiros.

Só uma se desnorteava quando tinha as crias, a vaca do Genge, negra, perna alta, galhos monstruosos e abertos.

Essa só com o pau enfiado nas ventas se conseguia dominar; investia sempre, às cornadas, de cabeçorra funda, em riste... Nem conhecia o pastor.

Para lhe tirarem o leite, Lófa rodeava-a cobrindo-se com as outras, agarrava o pau com fôrça, erguia-lhe a ventã, imobilizando-a. Dois homens seguravam-lhe nas patas. Mas ela encolhia o leite e era preciso chegar-lhe a cria uma e mais vezes para se tirar um nada...

Acabada a tarefa o sêculo fazia sair a manada, animal por animal, chegava-lhes sal ao focinho que eles lambiam gulosos, catava-lhes as carraças maiores entre pernas e dentro das orelhas.

Uma a uma acariciava-lhes os úberes, dava-lhes palmadinhas pelo lombo, pelas ancas.

— Deixa ver os teus olhos, corcunda!

Eh! «Branquinha», estás aqui estás a largar!

Lindos exemplares passavam-lhe na frente. Umhas castanhas, atarracadas e fortes, outras compridas e môchas ou sarapintadas, de grandes corcovas, olhos duros.

Era assim um dos touros da manada, todo negro, peito erguido e largo, ancas descaídas, com uma enorme lombeira de zebu, olhar mau e feroz.

Sêculo Lófa tinha a paixão do gado, tratava-o com mil cuidados.

Às vezes era necessário agarrar um boi à laçada, pelas pernas, no que os pastores eram exímios.

Atiravam as rêses ao chão num ápice para lhes soprarem tabaco moído nos olhos contra a «unha» e espremer os tumores ou os bobões dos «bêrros».

Mas o que o vêlho mais vigiava era a «baripa bâmibi», vermelhuça e bojuda, uma toura à primeira cria, linda de formas, luzidia, com as orelhas recortadas e o pêlo frisado entre as hastes pequenas aguçadas.

Tinha uma cabeça airosa, o focinho afilado muito negro, as ventas dilatadas sempre húmidas e o que mais prendia: uns olhos aveludados, pestanudos.

Lófa todos os dias se abraçava nela, falava-lhe como a um filho.

— Bonita! Bonita!

Eh! Bonita!

E a toura lambia-lhe a cara, lançando tôda de fora a enorme língua áspera.

O pastor, tocando a manada, seguido do rafeiro, cambriquite enrolado no tronco, punha-se em marcha para o mato.

Já o sol ia alto. Coadas pelo arvoredado, grandes manchas de luz cobriam o solo húmido. Do rio vapores ligeiros trepavam, nimbando a terra farta e entumecida.

Em tôda a floresta as árvores abraçadas alargavam os copados; tufo de verdura clara surgiam como por milagre de um dia para o outro, rêsurrectos e impantes.

Tudo era verde, verde sem fim, verde esmeralda, glauco, tenro, mimoso.

Nesse paraíso, a vida palpitava assombrosa, sulcando a terra, irrompendo dela instante a instante, forte e vigorosa.

Garças desciam em bando sôbre os animais, muito brancas, num vôo certo e sereno de pombas.

Algumas pousavam nas corcovas enormes, outras saltavam do chão picando os parasitas, ou empoleiradas entre os chifres, catavam as testeiras.

E a manada avançava lentamente pelo mato, em busca das melhores ervas e dos ramos mais saborosos.

Por vezes, uma nêma deixava-se ficar para trás, esquecida à beira de arbusto novo, lambiscando, mas logo o pastor a chamava e ela lá se juntava às outras num galope desabalado, brincalhão.

Os touros, à frente, guiavam, seguidos das vacas mansas, das crias e dos garrotes; o pastor atrás assobiava-lhes...

— Sht... sht... bru... bru... bru...

Atravessava a arma sôbre o pescoço, punha os braços ao pendurão, feliz da sua vida errante e livre.

Lófa, sentado à porta da cubata, seguia-os com o olhar, até que a última rês desaparecia na floresta.

Então ainda recomendava:

— Tem cautela com a baripa, Prêgo! Tem cautela!

Já as mulheres traziam o leite em cabaças que penduravam ao sol amarradas no londobe esticado.

Gaviões descreviam círculos por cima do mato e enormes abutres voavam no azul infinito, a alturas vertiginosas.

De-repente fechavam as asas e como sétas caíam a prumo.

Dois garotos vigiavam as aves de rapina; pelo terreiro galinhas esgravatavam montões de cinza,

chamando os pintainhos com grossas lagartas no bico.

À borda do mato os frangos corriam atrás de borboletas, em chusma, ou procuravam salalé nos morros esboroados, espanejando-se na terra sêca.

Lófa chamava as crianças, distribuía carraças ventradas, de um cinzento claro.

— Carraça era sangue de boi... pois então!

E os miúdos, gulosos, corriam a assá-las na cinza quente envolvidas em fôlhas.

O ladrão do milhafre, pequeno e vivo, cocava escondido entre a folhagem; aproveitava a ocasião e num ápice, abatia sôbre a avesinha descuidada.

Gritos apavorados estrugiam nos ares numa restolhada aflitiva, mas o pintainho não conseguia safar-se, era arrebatado.

Mulheres increpavam as crianças pelo seu descuido e «Guéve» chegou-se à porta da cubata esbracejando:

— Ah! Ladrão... ladrão... grande ladrão!

Era mesmo praga de feiticeiro, aquê! patife!

Nada escapava às suas garras, dizimava as criações tôdas.

E mai Guéve, depois de acalmada, sentava-se perto da corda, chamava as companheiras. Duas a duas, de face, vascolhejavam o leite bimbando as cabaças como se fôsem sinos.

Ao fim de tempo a coalhada azêda apartava-se do mabér e a manteiga — o ungúndi — vinha ao de cima, branca, muito espumosa...

Um dia, Prêgo anunciou a grande nova. Ria-se feliz!

A «baripa» tivera uma cria no mato, bezerra enorme, forte e atrancada.

Que fôsem vê-la, porque a bicha não queria recolher e êle sôzinho não podia conduzi-la. E como era linda!

Lá foram todos, até quási à beira do riacho, o pastor à frente, depois o sêculo, os rapazes e as crianças numa romaria alegre.

De volta, Lófa trazia a bezerrinha ao colo e a vaca seguia-o de perto, aflita, mugindo baixinho, docemente...

O sêculo, orgulhoso, mostrava-a a todos:

--Olhassem como era linda, a sua bezerra!

A mãi pintadinha!

E os garotos atrás, empunhando lombalas descascadas, todos nus, pinchavam numa grande festa...

MÃI Guéve era uma vélha engraçada, «câmpunho» de peitos chupados prêsos por um cordel e formidável rôlo de contas à volta do pescoço, em sinal da sua riqueza.

Mas risonha como só ela, terna e alegre, cheia de caridade para aturar a criançada.

Quantas vezes os miúdos espreitavam a sua chegada do mato!

Rebuscavam-lhe os balaios e a vélha achava-lhes graça, atirava punhados de ombúlas ou de figuinhos bravos adocicados.

Todos eram seus netos, todos, até os filhos dos brancos amigos, a quem levava garrafas de mel e saquinhos de bâmbi cheios de mandioca leitosa.

Pois não? Eram seus netos, sim, ela era a mãi prêta, a avó daquela floresta; a mãi de todos,

que preparava os melhores bolos de milho novo e descobria frutinhas de toda a qualidade, finos e saborosos...

Ninguém como ela para achar cogumelos dos pequenos, cinzentos, ou tortulhos maiores esbranquiçados.

A vida no quimbo era simples. As famílias agrupavam-se à volta do seu século que mandava e era responsável pelos impostos e por todas as dívidas.

Em compensação obedeciam-lhe cegamente, escolhia os homens para o trabalho do branco, as mulheres para as estradas.

Mãe Guéve viera dos lados da Ganda, mas era muãha legítima. Quando se paramentava a rigor, em dia de festa, com o cabelo armado, ganchos de cobre espetados, testeira de missangas, «sangue de cão», ou brancas, e grossas anilhas luzentes, quasi até aos cotovelos, parecia imponente, como uma guerreira antiga.

Lófa dera por ela mais de um boi soba.

E ao mesmo tempo comprara uma nêma. De aí em diante, todos os anos, mais lua atrás mais lua adiante, dera-lhe a mulher um filho e a vaca um novilhote.

Crescia a prole e aumentava o sambo, alegremente.

Ao seu seio fecundo a rapariga alimentara oito filhos.

Por isso era tão respeitada no quimbo.

Mãe prêta!

Pois a vaca morrera de velha e ela ainda mulher!

Transformara-se no simbolo da raça, de todas as mães prêtas que fecundavam o solo bravo com

as suas lágrimas, o suor do seu rosto, as canseiras dos seus braços.

Logo que o sol aquecia, pegava nos filhos e partia para as lavras.

Nunca os deixava ficar pelo quimbo abandonados como tantas faziam e no campo pousava a criancinha ao sol, coberta com os farrapos.

Se chorava, dava-lhe o peito forte, amarrava-a às costas, dansava para que adormecesse.

E indignava-se toda quando uma rapariga não tratava bem dos filhos.

Não era pior que bicho do mato?

Olhassem a onça que vivia no morro.

Quando tinha crias tornava-se feroz, nenhum caçador ousava aproximar-se.

Ouvia-se o seu ronronar cioso, os seus desesperos pela noite fora, aos roncões e bramidos em busca do alimento.

E as vacas?

Essas eram como as pessoas; passavam horas a lambar os filhos com uma ternura meiga, e escondiam o leite...

Mãe prêta, muitas vezes punha-se a cismar.

— Ah! Mulher que não tem filhos é como a vaca maninha, uma inútil, pois os filhos dão honra e riqueza.

Por isso ela corria o mato todo em busca de ervas para as maleitas e contra todos os feitiços que matavam as crianças.

Era mesmo um assombro!

Emquanto as outras raparigas, mais fortes de corpo, criavam um ou dois rebentos enfezados, ela podia apresentar árvores fortes e desempenadas, três rapazes e cinco raparigas.

E até nisso a natureza a favorecera, porque as mulheres representam para os pais maior riqueza.

Pois não era mesmo uma fortuna?

Os rapazes quando homens largavam e pelas moças recebiam-se bons presentes de dinheiro e gado.

Que eles também davam lucro, isso era verdade.

Quando garotos, trabalhavam nas lavras a ajudarem a mãe. Depois iam para as fazendas dos brancos pagar dívidas dos séculos, ou imposto do muênéputo.

Mas as raparigas sempre «era outra coisa»; para trabalhar a terra não havia como elas, geitosas desde pequenas, pacientes e trabalhadeiras.

Os moços só queriam andar aos pássaros com as setas ou à coca dos ninhos.

Mangonheirões como só eles!

Guéve consultava sempre a quimbanda para que fizesse o feitiço das raparigas, e quando lhe nasciam os filhos, ainda cheia de dores, logo indagava aflita:

— É macho ou fêmea, mãe?

E toda se alegrava se mais uma mulher vinha ao mundo.

De uma vez teve um filho no mato, sòzinha, e lá se arranjou como pôde, arrastando-se passadas horas, até ao quimbo.

Era formidável!

Guéve ainda se conservava activa e forte, mas noutros tempos, os seus arimbos podiam-se ver, enormes, todos floridinhos e bem tratados.

As crianças andavam nédias, mesmo durante o cacimbo; plantava quantidades brutais de batata

doce e mandioca que ia colhendo aos poucos até vir a fartura do leite e do milho.

Agora gozava o fruto do seu trabalho; vivia socegada, com o respeito das outras mulheres e admiração dos homens.

Muitas vezes a vinham consultar.

Como fizera para criar tanta gente, sem doenças, sem desastres?

— Como?

— Isso era feitiço que ela tinha de-certo.

Ah! Mãe preta, Mãe preta, quem nos dera a tua sorte!

Ela sorria e dava conselhos: que não deixassem os meninos dentro das cubatas; a inveja matava, as cobras mordiam.

Era preciso pô-los ao sol e nos dias frios de Junho, deviam trazê-los sempre amarrados.

Sobretudo deixassem mamar à vontade. Leite de mãe era comida boa para o filho; ajudava a compor lá por dentro...

UMA madrugada, de-repente, aos berros, aos saltos, danados, outros cofiós surgiram do capim, como gafanhotos, brandindo as mocas, levantando armas...

Parecia uma guerra.

E, enquanto os homens abriam caminho a porrinhada, as mulheres foram quási tôdas cercadas e entre elas a Mãi prêta.

Logo ali se ergueu grande alarido.

Os sêculos voltaram todos atrás, oferecendo os pulsos à corda.

— Amarra-nos, cipaio, leva-nos a todos, bate-nos, mas Guéve não pode ir.

Que tivessem paciência os senhores cipaio, era a Mãi prêta, a mulher mais respeitada entre aquêles povos.

— Gerou oito filhos! Oito filhos!

Ouves bem?

Nunca um dos teus lhe tocou a ponta dos cabelos.

E Lófa, desesperado procurava convencer com tôdas as artimanhas.

Sim, que levassem das outras mais fortes para o trabalho...

Sentado ao pé do fogo um cipaio vigiava as mulheres acoradas em fileira, tristes e silenciosas, com a espingarda atravessada nos joelhos.

Não e não!

Ele já havia feito o seu feitiço da outra vez.

Guéve ia mesmo; que fôsem buscar o dinheiro do imposto e que o levassem ao chefe.

Mas Lófa não se convencia.

Todo o dia e tôda a noite, êle batalhou, com uma tenacidade incrível, humilde, generoso... agarrado sempre à última esperança.

— Espera mais um dia, dois ou três que nós arranjamós dinheiro que encha o teu barrête.

Pois nem assim?

— Dou-te um garrote, dois garrotes...

Tens coração de ferro!

E tinha mesmo.

Mal amanheceu, ao despontar do sol, levaram as mulheres por aquêlê mato adiante, numa bicha enorme.

À frente ia um cipaio, atrás outro e dos lados os auxiliares mantinham a ordem.

Durante muito tempo os sêculos seguiram as mulheres, cabisbaixos...

Acordava a floresta viridente e alegre; bandos de pintadas cacarejavam alegres, rolinhas ternas

gemiam para a fulguração do levante que inundava a terra.

Sêculo Lófa acabrunhado e triste seguia atrás, mas a pouco e pouco foi-se distanciando até que a caravana de todo se sumiu pela vereda sinuosa.

No quimbo, o sêculo alucinado, apartou a melhor vaca e pôs-se a caminho da vila próxima.

— Bonita! Eh! Bonita!

O animal fixava-o mansamente, parado, como se percebesse a sua dor; lambia-lhe as mãos recusando-se...

E êle tocava-a para a frente, e baixinho falava-lhe:

— Vamos embora, Bâmbi, vamos!...

Chorava, amarfanhado, num desespero enorme; parecia-lhe que todo o mato lhe caía em cima da cabeça, lhe esmagava o coração.

Vira-a nascer, àquela vaquinha. De pequenina a criara com mil cuidados e canseiras.

Era mais que um filho e agora lá se ia assim... para sempre!

Mas Lófa não se conformava, tinha o seu plano.

Depois de pagar o imposto que devia sôbre as cinco casas dos seus filhos e de resgatar Guéve, tê-la bem a seguro no quimbo, reüniu toda a família e expôs-lhe a situação.

— Que havia de fazer? Sim, vissem bem.

Os seus olhos rasos de água falavam.

— Vendi a minha Bâmbi. Vocês sabem: a melhor vaca do nosso sambo para libertar mãe

Guéve. Agora vou empenhar o vosso corpo no trabalho. Quero resgatar o animal. Peço dinheiro ao branco e pago com serviço da minha gente nas plantações. Eu mesmo trabalharei e as minhas mulheres mais novas, as vossas irmãs também.

Concordas, Cambuta?

Concordas, Chípa?

E tu, Naiombe?

Lófa esperava ansioso a resposta dos filhos mais velhos. Obtido o apoio, parecia que lhe estourava a alma com alegria.

Pôs-se a dançar, a bater as palmas, quasi doido.

Pelos caminhos corria como um rapaz aligeirado do enorme pesadêlo; os seus pés nem pisavam o solo.

E a própria natureza festejava-o na sua opulência brava, prometia-lhe riqueza de pastos, fartura e socêgo.

Aquela idea obsecava-o, tinha emfim conseguido tudo...

E cantando, o coração em alvoroço, entrou pela loja dentro.

— Branco! Dá cá matabicho! Venho buscar a minha vaca.

Estendia as notas pelo balcão, a rir-se muito contente...

O comerciante, encarava-o severo.

— A tua vaca? Estás bêbado! Perdêste o juízo!

O velho ficou-se, como fulminado em assombro, comovido até ao fundo da alma.

— Oh branco! Pelo teu sapato! Tu és homem bom, tens coração.

A vaca é o meu filho, é o meu sangue, quero levá-la.

E todo êle tremia, cambaleando, as pernas frouxas, o olhar desvairado.

O outro, colérico, empurrava-o.

— Põe-te de aqui para fora, bêbado!

Mas o velho implorava, de rôjo, humilde como um farrapo.

— Não, patrão, não estou bêbado. Dá-me a minha vaca, dá-me a « Bâmbi »!

Lágrimas queimavam-lhe as faces cavadas, uma angústia convulsiva tomava-lhe os membros, o corpo todo.

Que faria então das notas? Não valiam nada?

É atirava-lhas aos pés, aflito, revoltado lá por dentro.

Ante o desprezo pelo dinheiro exasperava-se.

A felicidade fugia-lhe... sentia-se mais desgraçado que nunca.

Sem coragem, trôpego e fulminado, para ali se deixou ficar tempos infindos a cismar, vergado ao pêso da sua enorme dôr, as veias túrgidas, o peito arfando.

Eh! Bâmbi!

Eh! Bâmbi!

Pela tarde, lá se foi, solitário, abordoado; arrastou-se para a sua floresta, os seus soluços perderam-se no marulhar das árvores...

E, o mato piedoso fechou-se sôbre êle como um túmulo, tristemente...

JUSTIÇA

**Ê**LE era o usurpador, o intruso, carregado de violências e de invejas que chupava o sangue às suas vítimas, nas noites tenebrosas do crime.

Homem mau e réles.

E o seu vulto sinistro de tarântula?

Metia asco!

Ninguém sabia, ao certo, quem era. Andava de quimbo em quimbo, miserável, com um saco enfiado no corpo por vestimenta, a fazer momices, tocando a flauta de caniços.

Mas todo o negro temia a sua arte de adivinho, o seu feitiço monstruoso, que conseguia ver tudo, até olhar no mais íntimo dos corações.

Quem ousava pensar mal do ganga, quem?

Se a consciência acordava em revolta, a bôca só tecia louvores de amizade e palavras de submissão.

Não fôsse êle vingar-se...

Mesmo assim, lendas terríveis espalhavam-se mato fora.

Que viera dos Séles, depois da guerra, perseguido; era comedor de gente branca e esfolava crianças vivas para obter umbigos com que fazia exorcismos macabros.

Afiançavam...

Sim, até nas noites sombrias deitava lume pelos olhos, às chispas, como a «andálo» das escamas.

Por onde passasse, cheirava a chamusco; o seu ódio, de per si, já matava...

De que morrera «Maquina» inchado, todo êle?

De quê?

Do seu feitiço.

E o pobre «Combóio» que a mulher cegou por ciúmes e maus conselhos?

Tudo era obra do feiticeiro.

Até o «Grande» passava na terra porque «êles» o chamava quando queria matar bois ao século inimigo, o jacaré punha-se na passagem para filar a pessoa indicada e o gado morria com muquice, só por isso, por causa do «coisa ruim».

Pois se nem o mais forte ousava arrostar a sua cólera, temeroso dos seus venenos fulminantes, enfiados ao pescoço dentro de chifres pequeninos de bambi!

Possuía picos agudos que fulminavam uma criatura, cheiros terríveis, adormecedores...

As víboras ao verem-no, paravam inertes...

O chimbanda então, com grande pasmo das populações, segurava-as só com dois dedos pelo estrangulamento atrás da cabeça, mostrava-as, fazia habilidades e por fim serenamente esborrachava com uma pedra o triângulo repelente.

Com os lacraus era o mesmo; mastigava landau, esfregava-se todo e metia-os à bôca; fechava-os na palma da mão como se fôsem passaritos, trepavam-lhe pela cara.

Os bichos horríveis, cobertos de pêlo, a espernearem, com a unha erguida em gancho, agarravam-se-lhe à língua, passeavam-lhe sôbre os olhos, a testa, os cabelos.

Para cada animalêjo o feiticeiro possuía o segrêdo dominador, para cada homem o milongo que prolongava a vida...

A-pesar do medo supersticioso, a população recorria sempre ao seu saber mágico em tôdas as aflições.

De noite era uma romaria para a sua cubata.

O ganga recebia-os bruscamente, como animais desprezíveis, resmoneando, e êles, humildes, quási de rastos, imploravam alívio para as suas dôres...

— Dá-me remédio para o boi!

— Diz-me, ganga, tu que tens poder, vê quem rouba a minha lavra, quem afugenta a caça do meu caminho.

E êle ria-se, como um diabo, de face glabra e ossuda, os olhos pequenos, muito vivos; fechava-os no élo dos seus braços peludos.

Tranzidos, como aves hipnotizadas pela cobra, os pacientes, mal pagavam, parecia que tinham asas nos pés.

Mas as mezinhas acertavam. Os pós amarelos faziam milagres de amor e os ladrões eram descobertos.

Um dia o monstro acampou ali para sempre. Vivia só e isolado; sem mulher, sem filho, sem cão...

De dia fechava a porta da cabana e abalava para o mato. Muitas vezes o encontravam de rôjo pelos morros, ou perdido nas margens dos ribeiros, com a snider carregada à bandoleira, em busca de raízes entaladas nos cascalhos e de capins tenros ribeirinhos.

Para as febres eram coroínhas vermelhas, «ongundó» contra os grandes feitiços e fôlhas de «atundua» e «ussambe»...

A patrona andava sempre cheia, ninguém melhor para tirar a coisa ruim do corpo, a dôr aguda e pertinaz.

Às vezes êle a deitava, êle a tirava de novo, a trôco de porco negro ou galinha gorda.

Uma noite foi Gúri quem lhe apareceu, negrinha linda, tôda trémula...

Rojou-se-lhe aos pés.

Ah! Pai! Quero ser mãe e conservar um filho... Olha que já me morreram dois à nascença!

E a paciente que tinha «ongangalúme», o maior «chipúco», foi sentar-se no terreirinho, ao pé da fogueira, enquanto as companheiras rodearam o vêlho implorando para que a viesse curar.

De pernas esticadas, braços hirtos, recebeu o bastão virtuoso do feiticeiro, esculpido com uma figura mulheril de grandes peitos salientes.

O ganga ergueu-se lentamente, coleante e viscoso, sempre resmungando, de olhar fulminante. Pintou a máscara à doente com chiquélas branca e vermelha em traços hediondos e ordenou às outras mulheres que lhe enxotassem o feitiço dos ouvidos.

Chocalhavam com fúria as cabacinhas furadas, «olongaio», num batuque furioso e incrível.

— Sai, sai... vai-te embora!

Deixa êste corpo que padece inocente!...

A môça, em âncias, aflita e estonteada, com suores frios, quási desfalecia.

Então o negro abriu os braços, parado e extático, ciciando exorcismos.

Aos poucos, a sua voz alterava-se, de soturna era cava; atingia notas como lâminas metálicas e vibrantes, para logo se perderem em rouquejos silabados, com um leve mover dos beiços...

Depois, cobriu-lhe a cabeça com um lenço. Chegou-se para ela, falou-lhe baixinho, primeiro a um ouvido, logo a outro, com lamúrias sórdidas, olhos injectados.

— Vai-te embora, sai!

E as mulheres chegaram-lhe o prato do «candundo» que a paciente levou aos lábios ingerindo a beberagem asquerosa.

Já o chimbanda, braços cruzados, esperava sereno o efeito da terrível droga.

Dentro em pouco Gúri entrava em convulsões, arfando com espasmos.

De corpo hirtos, o rosto apoplético transfigurava-se, ganhava um rictus disforme; e o seu olhar era idiota, como em desvairamento.

Enrijaram-se-lhe os peitos trémulos; tudo nela tremia; as pernas, os braços, a cabeça e o ventre; todos os músculos, tôda a pele.

E naquela posição de sentada, as mãos sempre enclavinadas no madeiro, a rapariga deslocava-se lentamente como um autómato, dois metros em recta para a frente, voltava atrás, à voz de comando.

Era um verdadeiro milagre hipnótico, parecia erguer-se do chão movida por fôrça misteriosa.

Em tórno as vélhas ajudantes do ganga, feiti-ceiras de nomeada também, bailavam como corvos, de asas negras abertas, bôcas hiantes.

Saltavam aos repoupos, a farejarem no ar, numa grasnada infame...

E, quando a môça mais não podia, alagada, num esgotamento de todos os seus nervos, beiços roxos babados de espuma, o curandeiro soltou um grito de expulsão formidável, agudo e retininte:

— Ordeno-te que saias! Êste corpo está inocente!

Êste corpo pertence-me...

As vélhas ao ouvirem-no, tiraram três pintainhos do seio que piavam lastimosamente, e num paroxismo de doidas, ferozes, raivosas, arrancar-lhes as cabeças com os dentes.

**P**OIS uma madrugada ainda os galos não tinham lançado os primeiros cucuricos e já o feiti-ceiro embrulhado no seu pano branco brandia o rabicho de boi, deslizando silenciosamente por entre as palhotas. Parecia desnordeado...

Por cima da serra, ao longe, nascia uma lua fantástica e monstruosa, côr de fogo.

Eram sanguíneas as árvores e as palhotas, o capim, tôda a natureza.

E à medida que ela se erguia, laivos rubros apareciam aqui e além, tingindo até as pedras dos caminhos; a própria água do rio, ao longe, parecia de sangue e lá do alto da gruta, da bocarra negra, clangorava pelas cumiadas a voz triste e sonora do « opumumo ».

A ave agoirenta, de asas escuras, bico de marabú e olhos de gente pestanudos, também era temida.

Tecto onde ela poisasse ficava enfeitado para sempre; os bois morriam todos um a um e a gente mirrava-se raquítica, como se vermes a fôsem roendo lá por dentro em vida.

O feiticeiro foi direito ao curral, deixou cair sôbre o crâneo de um cabrito novo a catana afiada.

Os outros animais balavam, espavoridos, enquanto êle arrastava a vítima até ao túmulo do soba e lhe rasgava o ventre aveludado, à luz do luar.

As mãos ávidas afastavam para o lado pelas empasteladas, mergulhavam no sangue vivo, o olhar agúdo seguia o palpitar das vísceras ainda quentes...

Um vulto saiu, então, da sombra, leve e curvado.

—Cálunga, Canga! Cálunga!

E o feiticeiro, como um felino, deu um salto medonho para o intruso, rilhando os dentes, de faca erguida pronto a aniquilá-lo, fôsse êle alma penada ou ser vivo da terra.

Porém logo deixou cair o braço.

—Ah! És tu Soma? Já sei, queres vingança...

O outro de petreficado nem se movia.

—Como...?

—Adivinhei... E quanto me pagas?

Soma chegou-se-lhe ao ouvido, balbuciou a medo:

—Um boi soba... e garápa... a que quizeres.

Dez garrafas de conhaque... convém-te?

E embrenharam-se na selva por um carreiro quási abandonado.

Durante uma hora seguiram assim, o Soma à frente, o feiticeiro atrás, mudos e entregues às próprias paixões.

Só o leve bater das sandálias interrompia êsse silêncio profundo da natureza.

Por fim o da frente parou, dizendo para o ganga: —É aqui.

Estavam numa clareira cercada de mato espesso.

—Onde tens o homem?

—Vem a caminho...

Olhou a lua. De cada vez ela se mostrava mais vermelha e misteriosa... Galgava o céu escuro picado de estrélas vivas, serêna, imponente.

—Bem; acende a fogueira e deixa ver o tabaco.

Soma apressou-se. Logo o fogo lumiou naquele mato.

Uma única embocadura de bicho bravo, vinha ali parar.

Por êsse caminho deviam vir os outros e o feiticeiro colou o ouvido ao solo, atento.

—Já aí veem, disse; estão perto.

Desarrolhou uma garrafa de conhaque; bebeu metade dum trago.

O outro acabou-a; tremia.

De aí a pouco, os ramos que encobriam a passagem afastaram-se e apareceram, esbatidos no escuro, dois vultos carregando um tronco de árvore nova.

—Senta-te, comandou o detrás fazendo escorregar o pau para o solo.

A criatura a custo se dobrou, com aquêles pêso às costas, numa posição torturante.

Entretanto, a lua atingia o fecho da cúpula magestosa.

Os olhos afeitos ao escuro foram contornando as coisas, delineando formas com nitidez e precisão.

Transfiguradas, as fôlhas sêcas pareciam pintas rubras, na sombra os galhos erguiam-se torcidos em bifurcações e, mais para além, era a selva negra, imensa e misteriosa.

Por baixo das árvores, sarças espinhentas entrelaçavam-se defendendo a floresta à mistura com liames grossos emmaranhados.

E de vez em quando uma lufada de vento ateava a chama da fogueira, as sombras bailavam tremulando, e, em tôda a sua hediondez aparecia o quadro trágico.

Um homem jazia ali, olhos de animal ferido fixos no vácuo, espantados.

A sua expressão era de medo, a sua ância a liberdade.

Quem o agarraria no mais espêsso dos muchitos se lhe quebrassem a gargantilha férrea que o estrangulava?

Os seus pés miseráveis nem pisariam a terra, voariam como as patas do golungo a fugir do leão.

Soma e Ganga não se mexiam; tiravam fumaças do cachimbo, acôcorados ao pé do lume.

O forquilhado ali estava, enfim, para o ajuste de contas.

Podiam-se-lhe contar as costelas; a canga bruta fizera-lhe duas enormes feridas sôbre os ombros, quási puzeram os ossos a descoberto.

Trazia os membros inchados o corpo ripado, as mãos esqueléticas cobertas de crostas, pele encorrilhada e dura às escamas.

Ah! E que olhos! Só era possível ler nêles a desesperação, o pavor e a loucura...

Por momentos tornavam-se mais humanos, quási húmidos e os lábios murmuravam palavras ininteligíveis... talvez de perdão para os seus algozes, mas não ousavam formulá-las.

Duas lágrimas tombaram sôbre os pulsos arrochados em gangrena.

Mas logo a febre voltava, as pupilas dilatavam-se ferozes, numa sanha raivosa, um ódio tigrino.

Tinha fome? tinha sede? E não se mexia, não falava!

Naquele corpo desfigurado pelo sofrimento, só as pupilas viviam, brilhantes e profundas.

Por detrás dêle, um homem forte e espadaúdo vigiava.

— Onde o agarraste? perguntou Soma.

— Nas margens do Catumbela.

— Resistiu?

— Resistiu...

E contou numa enfiada, como fizera a viagem para lá, a prisão, as dificuldades do retorno sem que os brancos vissem, cheio de trabalhos e canseiras.

— Só assim o segurei.

— Está bem, declarou Soma. Cumpriste o teu dever.

Já o Ganga se erguia, quando as pernadas dos arbustos novamente se afastaram para deixarem passar mais sete vultos.

Eram os sêculos todos, chefes dos quimbos.

Formaram em linha ao fundo do arvoredado depois da saudação habitual ao Soba.

Então, este levantou-se, avançou soléne para o prisioneiro e traçando o cobertor com jeito de tribuno, pausada e incisivamente disse-lhe formando libelo:

— Tu eras escravo. Eu criei-te livre, como família. O que eu comia, comias tu, a minha bebida era a tua bebida, o meu tabaco o teu tabaco.

Fizeste-te homem e dei-te a minha filha, ergui-te até mim. Tu eras forte, um caçador destemido, o filho do meu coração.

Para que não ficasses sem nada dei-te garrotes, dei-te vacas...

— É verdade Catongo?

— É verdade, Umbéu, e tu Camoço? Digam todos.

— É verdade, responderam os séculos.

— E agora que fazes?

Fumas cangonha e roubas. És a nossa vergonha.

— Não é assim Cambári?

— Não é assim Chipúpa?

Os velhos aprovaram.

Soma erguia os braços em gestos largos, a voz serena e firme.

E continuava:

— Para onde vais, fazes dívidas que eu pago, porque sou o teu chefe. Estamos constantemente a ser encomodados por tua causa; os velhos andam nas estradas espiando as tuas culpas e eu, Soba da raça de Sobas, fui prêso, levei pancada.

— É verdade, século?

— É... é, respondiam em côro.

— Não tens coração, covarde; não és homem, não mereces viver.

Sabes quantos bois já pagamos por tua causa?

Dez! Dez sobas grandes, o melhor dos nossos sambos, a glória do quimbo.

Mas ainda não estavas satisfeito. Trabalhaste com o branco e roubaste-o. Teus crimes são muito graves. Sempre foste nefasto à família, mau, incorrigível. Agora vamos todos pagar...

E Soma, imponente e magestoso juiz, interrogava os seus séculos:

— Deve morrer?

Dizei todos vós, para que acabe o tormento do nosso quimbo, deve morrer?

Falai!

Houve uns segundos de silêncio. As faces dos velhos fecharam-se contraídas e severas.

O réu volvia os olhos suplicantes numa última esperança; fixou-os nos séculos, um a um, humilde como rafeiro, a fronte a gotejar, desesperado... quem sabia? Talvez conseguisse um pouco de piedade, talvez lhe perdoassem.

Por trás dele o ganga, de machadinha em punho, horrível como um gorila, os beiços arreganhados, esperava a sentença.

E ela, após curta hesitação, caiu, pesada e soturna como o desabar de uma montanha, esmigalhando a própria alma:

— Deve!

A MORTE DA BICHA

ÊLE não ia longe caçar os bábmbis.  
Todos os dias, ao romper do sol, pegava na arma, erguia a patrona e embrenhava-se pelo matagal cerrado, abrindo caminho às braçadas. Os outros caçadores ficavam-se a olhá-lo, sorrindo...

Pois naquele tempo, quem na verdade se lembrava de ir à caça, com o mato assim florido até ao horizonte, os morros encrespados numa garri-dice alacre, capins pompeando livremente?

Quem?

Não que bicho do mato andava mesmo a dormir!

A água nascia debaixo das patas dos animais, até pelos cascalhos, e a terra imensa coberta a per-

der de vista por viridente opulência, era tãda ela manancial de doçuras inefáveis.

Trilhos certos caminho das baixas, ou bebedouros naturais cavados na rocha, onde estavam eles?

Desapareciam de um dia para o outro, num arroubadado encanto, debaixo dessa vegetação frondosa, igual de norte a sul...

Só a custo o caçador arrancava, tolhido pela força bruta dos vegetais, as sarças espinhentas, os espargos grossos enleados, tãda a casta de trepadeirainha folhuda e mimosa.

Porém, mesmo assim, o caçador aparecia quãsi sempre na orla da mata, com uma cabra às cangalheiras, dobrado sob o pêsso.

E mal chegava atirava à porta da sua cubata, no meio do espanto geral do quimbo, um exemplar soberbo, de pontas aguçadas e curtas, os olhos vítreos e enormes. Belos cochões, sim senhor! Rico ventre impado e macio!

Ondubá tinha o feitiço da caça.

Chegava a um rasgão da mata, encostava-se a pau grosso e engatilhava a arma.

Da cinta retirava uma gaitinha mágica, instrumento de cana que êle metia à bõca.

E, com a lazarina apontada ao coração da floresta, tocava, tocava...

Primeiro baixinho, ternamente, depois em balidos desesperados como de sofrimento, a imitar os cabritos, chamando os bãmbis.

Os animais no pasto ouviam gemer, fitavam as orelhas.

Como setas, largavam em desaustinado galope, investindo a socorrer as crias abandonadas pelos ninhos.

Ao verem o caçador, estacavam de chofre, perplexas, pernas da frente esticadas, focinhos levantados e ofegantes, dando o peito aos zagalotes tremendos com que Ondubá atafulhava o cano.

Mas também, por vezes, as surpresas eram desagradáveis.

Uma tarde, depois de grandes marchas, em lugar dos antilopes inocentes, surgiu-lhe pela frente, rastejando, uma cabeçorra formidável, malhada, de pêlo eriçado e olhos dourados.

Aos bufidos, fauces escancaradas investia...

Ondubá ficou hirto, mãos na face firmes, pronto a defender a vida até à última.

Porém a fera recuou agachada... fõra a sua sorte.

Aquela maneira de caçar era uma arte muito sua, herança de um vêlho caçador do Tanganica.

Quando a sorte o bafejava, podia assim, numa hora, apanhar dois ou três bãmbis e crias de leite pequeninas que trazia vivas, ao colo, para vender.

Só a inveja o perseguia; espiavam-no para apanhar-lhe os sortilégios...

Êle bem sabia.

E o caçador, para que o segrêdo ficasse sepultado no seu coração, partiu a gaitinha em mil pedaços, lançou-os ao fogo e aprendeu com a bõca, em gargarejos esforçados, as vozes dos animais.

De quando em quando, a hiena chorava... ria...

Quê? Hiena?

Não, era o caçador que passeava pela mata.

E pintadas, opumúmos, ronronar de onça no muchito, grito de golungo, tudo êle imitava perfeitamente.

Até o canto dos passarinhos no acordar da manhã se confundiam com o seu assobio trinado. À noite os lobos rondavam em volta uivando. Êle respondia-lhes de brincadeira, a insultá-los:

— Covardes... Cães mi... se... rá... veis...

Ora uma tarde, Ondubá vagueava, procurando sítio próprio para a façanha, quando divisou, perto, enroscada numa figueira enorme, a bicha monstruosa e potente, uma giboia.

Parecia à primeira, um braço de árvore frondosa, inteiriçado e imóvel entre o raizame aéreo que tombava de cima às braçadas.

O resto do corpo enroscava-se, como uma mola formidável de força.

Ondubá, seguia-lhe o olhar duro e fixo e, depois de várias pesquisas, descortinou, pouco abaixo, um casal de cabras no pasto, ao fundo da dambazinha risonha cercada de iáéras e ungerite.

O capim afogava-as como um mar, mas o macho, de atalaia, erguia a cabeça virada ao vento, irrequieta.

A fêmea seguia mais tranqüila, lambiscando, e o cabritinho retoicava, entre as ervas, aos saltos prodigiosos, caía quâsi a prumo, sacudindo as patas.

Cosido com o mato o negro vigiava.

Flechas de luz atravessavam os copados em manchas claras; um calor de forja levantava-se do solo. As águas pelas cachoeiras, rumorejavam de fraga em fraga e do muchito espesso subiam cantos de aves em mistura com o ladrar dos símios.

Asas rubras, côr de fogo, verdes, esmeralda, azuis, brancas, cintilavam encastoadas na folhagem negra.

Fartos, os bâmbis subiam ao longo do corregozinho, procuravam a sombra acolhedora da figueira.

De-repente o macho encarrapitou-se, de atalaia.

Então a giboia lançou-se para a frente como um chicote, quiz enlaçar o animal, mas êle escapuliu-se e como uma flecha tôdo o rebanho desapareceu no mato.

Nesse momento a cobra avistou o caçador.

Ergueu a cabeça acima do capim, fixou-o; silvava, aos bufidos, de língua bipartida um palmo de fora, os dentes curvos prontos a atacar.

Em guarda, réptil e homem mediram as forças.

A cobra, porém encontrou nos olhos do inimigo, uma luz violentíssima que a fez mergulhar pelo capim.

Rastejava...

De cada vez que a bicha parava, Ondubá escondia-se agachado, mãos enclavinadas no jábite, perna ágil e nervosa, olhos vivos e fitos.

Com o tronco nu e vergado, ouvido atento, todo êle coberto de suor debaixo daquele sol cáustico, seguia as mais leves ondulações das praganas.

Em coleios, pelas touças, a giboia produzia um ruído como de cascavel; a morte passava, abria sulcos no ervaçal, e novamente se erguia, volvendo a cabeça de um lado para outro, em observação.

Tinha os foles inchados, a bôca hiante, nariz arrebitado, horrível.

Súbito desapareceu, sem mais movimento, silvando.

Ondubá, esgazeado, queria ver o que se passava para além das bissapas, farejava, de mãos enclavinadas.

Avançava um passo cauteloso, dois, três, o coração a bater... a bater...

As mãos tateavam o solo, afastavam o capim.

Seguia a trilha do monstro, agora lisa e rapada como uma estrada, com o ventre comprimido, sumindo-se, colado à terra...

Devia ser ali, ali mesmo a alma do ninho.

O peito arfava-lhe em ância, o seu corpo esguio serpeava.

Ninguém diria a luta que ali se ia travar entre esses dois seres. Dum lado a inteligência e astúcia do homem; do outro o instinto animal, em defesa.

Só o capim tremia como tocado por vento brando.

Por fim, Ondubá lançou-se dum salto, hérculeo, brandindo o jábite, espetando a faca na terra, com fúria.

E tapou a lura, calcou-a bem calcada, numa alegria doida.

A machadinha fendia as bissapas em redor, preparava o campo.

Depois começou a cavar... a cavar.

Anh! Anh!...

Com a catana cortava os torrões, com as mãos esgadanhava o solo e rapava a terra, aos rouquejos coberto de pó, a escorrer todo ele, os dedos em ferida.

Por fim a lura alargou-se, o ninho apareceu e uma montanha de ovos brancos, colados uns aos outros, erguia-se à vista.

Já se distinguiam perfeitamente os anéis formidáveis da bicha tôda enroscada em volta; os silvos eram mais fortes e as contracções maiores.

Presentia o inimigo e preparava-se para o ataque, bufava, desenroscava-se.

Debaixo da terra os seus movimentos semelhavam marretadas, resoavam cavos e soturnos.

Ondubá, raivoso, cavava... cavava...

Anh! Anh! Anh!...

E o réptil açulado, estendia-se... Duas lâminas rubras apareceram, viscosas e ameaçadoras; surgiu um nariz horripilento, revirado como o dos cães bulldogues, dois olhos empapados fundo...

O caçador ergueu-se como um demónio, desfigurado.

Um gume brilhou ao sol, fulminante como o raio, desceu rapido e firme e a cabeça repelente rolou.

Então lá dentro parecia um vulcão.

A terra aos estremeções desconjuntava-se, o monstro estrebuchava, saltava fora; e enroscava-se, desenroscava-se, enrodilhava-se, todo num novelo, erguia o tronco decepado, às vascas, sangrento.

Parecia um animal apocalíptico, devastava tudo numa rajada bruta, esparrimando terra empapada em sangue, as folhas vergastadas.

Ondubá, vitorioso, esperava.

Depois correu à orla da mata, chamou os outros:

Eh! Oh! Vocês!

E os companheiros gritaram:

Eh! Oh!

Sabiam que o caçador tinha agarrado prêsia importante, Ondubá era o grande dos grandes, caçador entre os caçadores.

Quando chegaram, a giboia ainda escabujava num último estertor, aos estremeções, mas o primeiro negro deu-lhe uma cutilada, avançou o segundo, o terceiro, o quarto...

Num ápice a carne esfolada apareceu, branca e cheirosa, espedaçada bocado a bocado com cubiça, dividida palmo a palmo.

Na volta para o quimbo formaram cortejo.

Erguiam a cabeça viperina num pau, a boca aberta, os dentes aguçados, bem à vista, enormes e recurvos.

Morrera, enfim, o terror daqueles povos, que dizimava o gado pelos currais, ameaçava as crianças e as mulheres nas lavras.

Vélha como os mais vélhos paus da mata, ninguém conseguira ainda matá-la, era a senhora do muchito, temida feiticeira.

E à noite, para festejarem o acontecimento, pelo mato fora resoou o batuque, como uma onda brava ululante, sacudida de estremecimentos, num tã... tã... tã... desenfreado.

VINGANÇA

.....  
— É verdade, meu patrão.

Foi aqui mesmo que «Sô Joaquim», o guarda das máquinas, caiu ao rio.

Todos os anos o gentio deita uma árvore abaixo deste lado, outra na margem de lá e por cima da galharia amarram dois troncos com lombo.

Este baloço é caminho de todo o carregador da região, a nossa ponte.

Até porcos por aqui se passam a pau e corda. Imagine que para maior segurança, naquele tempo apareceu por cima um fio farpado amarrado às perneiras.

Quem o deitou?

Era mesmo coisa roubada no «ferro»!...

Agora o rio vai manso, mas no tempo das chuvas mete medo.

Porém, enquanto a água não arrasta tudo, o preto passa sempre.

Isto, se não tem culpa no coração...

Eu não sei se o patrão já ouviu contar a história...

Quer fogo?

Ora tome lá a brasa e oiça...

Há um frutinho no mato, aqui pelas margens do rio, doce e tentador.

Conhece, não é?

Chama-se Olonguêngo.

Olhe: ali está um pau.

Tão feio assim, esgaçado e pobre, no tempo cobre-se de bagas amarelinhas, macias e lindas como peitinho de papa-milho.

E é ver os ramos enfeitadinhos, às pinhocas pelos troncos, nas perneiras mais finas até às pontas.

A árvore fica um regalo, toda brilhante, da cor do cobre, cheirosa e doce como o mel bravo.

Uma beleza sem par, meu patrão, deste mato que nos cobre e agazalha...

Na minha frente ninguém diz, ninguém, a mim que a conheço, não ter ela feitiço, essa «ferroça» que amarra a alma, ali parada a olhar...

Passe lá matabicho do seu tabaco, meu patrão, para o cachimbo; tenha paciência...

Pois uma tarde, assim como hoje, as raparigas do meu quimbo, folgadas todo o dia, reuniram-se de ranchada, alegres, para a bela colheita.

À frente comandava Gúvi, uma negrinha risinha e viva, com um corpo que era mesmo assim

como a fruta, madurinho, todo êle tatuado e tentador...

Fôra sempre cabra desde pequena, arisca, de modos bruscos e sacudidos.

Mas na voz... dengue como poucas.

E amiga do pagode?

Si... patrão!

No quimbo, ela sôzinha já animava os batuques.

Chamava gente de longe para ver os seus meneios, os seus passos difíceis.

E então tinha uns olhos!... Grandes e negros como a sua pele.

No fundo via a gente a alma dela, uma luz que lumiava como fogo!...

Pois ia a contar...

Rindo e brincando, quindinhas à cabeça, desceram ao muchito.

Patrão bem sabe que o muchito está sempre na sombra, sempre verde.

Por cima guincham macacos, andúas voam a berrar, rabos de junco e pombinhos verdes buscam a fruta, enchem a mata de cores e animação.

E também as môças seguiam pelo muchito adeante, chalreiras.

A água do rio corria quasi sumida entre cachopos, rumorejando.

Passaram a ponte, uma a uma.

Gúvi do lado de lá, correu a primeira a empoleirar-se na árvore mais carregada.

E em pouco, as quindas cheias, corpo saturado, riam-se a perder atirando bagas umas às outras de árvore para árvore.

— Olha, lá está Gúvi!

— E Matêba?

— Eh! Cãmongua!...

Eu andava por ali na caça; agachei-me.

Súbito, do outro lado surgiu um grupo de matulas esforçados, quimbares do caminho de ferro, malandrões de nomeada nas redondezas.

Cercaram as árvores numa grande algazarra, «p'ra meter medo a elas».

Muitas choravam, pediam misericórdia.

E como um dos marotos trepasse à árvore e agarrasse Gúvi, esta mordeu com tal gana a mão do bruto que logo a largou; e, então, a canêma, com pena de partir as pernas, atirou-se abaixo e escapuliu-se correndo para a ponte.

Meteu-se afoita aos paus mal seguros.

O malandrote vendo que se lhe escapava, abanava-os com quanta fôrça tinha, mas ela ligeira como «bámbi», em poucos saltos estava nesta banda, cheia de raiva, danada, barregando para os lados do quimbo por socorro.

Então eu, meu patrão, sem fazer mal a êle, atirei um tiro p'ro mato e tudo debandou...

Sabe que o muanha zela a sua mulher.

Há um ódio de morte às outras raças no coração d'êste povo.

Já vem de longe.

Ora oiça entanto...

Eu ouvi contar ao v'elho soba; êle ouviu ao avô dele; seu avô a outro v'elho ainda mais antigo. Quando?

Sabe-se lá!...

Eh! Eh! V'elho tinha muito ano, seu avô também...

Havia lá p'ra cima, muito longe, junto de um grande rio, um famoso caçador de elefantes, de nome Vihé.

Uma vez, na caça, Vihé viu a soba da outra margem, mulher linda e apetecida; roubou-a para o seu quimbo.

Em sua substituição mandava Jahúhu, irmão do grande soba Cangômbé e foi neste reinado que os povos chimbundos abandonaram as suas terras para vingarem a afronta.

Os sobados andavam em constantes guerras... Ora, os quimbos dos chimbundos, meu patrão, estavam cheios de feitiços e de doenças e êles largaram-se, numa grande migração, atrás dos guerreiros a ocuparem as terras dos «Gandos», os seus rios, os seus vales, as suas florestas e os seus caminhos.

Ali viviam mais em paz, longe da m'osca do sono e com poucas feras.

Eram tantos os chimbundos como gafanhotos no capim.

Avançavam, avançavam...

Até que tudo ficou cheio.

Grandes lutas se travaram então entre chimbundos e Gandos. Em menor número, os da raça de pastores, pilhados e vencidos abandonaram os seus domínios e vieram ocupar com as manadas, esta região.

Pois o Patrão que é viajado, não conhece a Gandalakaué, aquela pedra grande perto da Caála?

O nome ficou daquele tempo, dizia o soba; porque à volta daquelas pedras decidiu-se quem devia ficar senhor do mato.

É de aí, dizem, que vem o ódio ao chimbundo. Raça muanha é mais fina.

Chimbundo vende a mulher a trôco de dinheiro; qualquer homem, branco, mulato ou preto a pode ter.

Muanha, não. Muanha só casa com homem da sua raça...

Se casa fora, não tem mais respeito no quimbo, não é mais família. Vale menos que a muléca.

Já ouviu falar, não é?

Passado tempo Gúvi ficou triste.

Fazia-se mulher forte e desempenada, com uns peitos rijos e alevantados que nem os morros que ali estão à frente...

Mas não era a mesma, inquieta...

Eu então afastei-me dela.

Desmanchei a palavra com o século e recebi outra vez os presentes...

Tôdas as noites, para os lados do muchito ouvia o canto do môcho.

De cá respondia a raposa a ladrar, uma, duas vezes...

Aquilo fez-me espécie, desconfieei... Puz-me à espreita.

E de uma vez, Gúvi saiu do quimbo, disfarçada; eu atrás dela, agachado... seguia-a.

A môça corria, corria, caminho do rio.

Chegou à ponte e parou: do outro lado surgiu um vulto...

Escondido atrás dum pau eu conheci-o bem.

Era «Sô» Joaquim, êle mesmo.

Tive ganas de os matar a ambos, ali juntos.

Ninguém via e atirava-os ao rio; comida do jacaré...

Mas não. Fugi pelo mato, numa raiva, danado...

Que ia ser de Gúvi?

Sucedia-lhe o mesmo que à Cacinza.

O Patrão sabe a história da Cacinza?

Sabe daquela pobre?

Abalou do quimbo, viveu anos e anos por fora, mas um dia, cheia de pena apareceu roída de saúdades, doente, para os parentes a receberem...

Ah! A nossa terra é tudo! Para ser feliz um homem precisa de viver junto da sua gente, no seu quimbo.

E os parentes, o quimbo todo, receberam-na com caridade, mas nunca mais nenhum homem a quiz para mulher.

Ela, Cacinza, entrou de cismar, Patrão. Foi mesmo uma pena, cheia de tristeza, sempre lastimando-se.

Pois fique sabendo que era uma mulher; valia boi grande, trabalhadeira como ela só e esforçada em tudo.

Assim, um dia, com o desgosto a miná-la lá por dentro, foi ao mato, apanhou pau e raiz de mutáta, flores roxinhas da mesma planta.

Cobriu-se tôda com as florinhas tristes, introduziu nas tripas bocadinho da raiz, com licença do Patrão, nas tripas mesmo; tapou o nariz e os ouvidos com rolhas do mesmo pau e mascava

também a madeira mal cheirosa, o veneno suave. E pouco a pouco a criaturinha foi amolecendo, foi dormindo... dormindo... e nunca mais acordou.

Ah! meu Patrão!

Gúvi ia no mesmo caminho.

Uma tarde encontrei-a no mato, sòzinha; virei-me a ela.

Não tinha vergonha? Não... uma filha de muanha, uma mulher do seu quimbo... Relaxada mesmo!

Ela, furiosa, arremeteu comigo, beiços a tremer, olhos de onça, em brasa.

Era a sua alma, mesmo, que saltava nos olhos.

Que eu tinha inveja... era como a cobra peçonhenta... e cuspiu-me na cara, a arrenegada!

Então... não tive mais mão em mim, atirei-me à pancada, fartei-me...

Aquilo foi a minha desgraça!

Poucos dias depois, o cipaio agarrou-me, porque não pagara imposto; diziam que era vadio e mandaram-me para soldado.

Eu tinha bom corpo, boa altura, mão firme pró tiro...

Foi a Gúvi, a velhaca, ela só, que participou ao malandrim.

Fiquei-lhe com raiva... pensava na minha vingança...

E sabe, Patrão?

Foi mesmo por aquêles dias que o desastre aconteceu... Contaram-me depois...

«Sô Joaquim», um habilidoso para mulheres, todos os dias vinha ter com a môça, dêste lado, mãos nos cós das calças, corpo gingando.

Mas o rio tinha enchido muito; a água chegava ao joelho por cima dos paus...

Em baixo era um barulho de morrer com susto.

Só êle, o preto mais famoso de fôrça, tinha coragem para aquilo.

«Sô Joaquim» pendurou-se no arame, baloiçou o corpo e foi seguindo devagar. Avançou com jeito, ora com uma mão, ora com outra, parecia um macaco.

Por fim, todo êle se ergueu em pêso.

Mas ao chegar ao meio do rio, o fio partiu; o homem rolou p'ró abismo, nas águas e o seu corpo apareceu boiando mesmo ao lado, prêso nos paus.

Porque o arame estava limado, cortadinho até ao fim, aquela diaba deu em dizer que tinha sido eu!...

Isto de mulheres... Patrão, não se fie nelas... é tudo uma corja...

Pois olhe que não fui não senhor.

A essa hora estava prêso à ordem do Govêrno...

Como podia ser isso, não é?

Mas então!

Que quer? Da fama ninguém se livra!

E pôdia dizer quem foi que fez vingança, sei mesmo, mas p'ra quê!

P'ra quê falar, agarrar feitiço de morrer?

Não vale a pena.

Do que padeci, meu Patrão, não conto.

Do que eu chorei, só Deus sabe, assim longe da minha terra!...

Agora deixaram-me vir... mas eu ando sempre a ver quando a família dele me faz feitiço grande.

FEITIÇOS — GUILHERMINA DE AZEREDO

Não, Patrão; eu vou de volta pela estrada não passo nesta ponte... Eles teem muita fôrça de malandro... mesmo muita...

O meu coração está limpo, branco, como o teu fato, mas...

Olhe, vê... ali vai... a Gúvi... Já traz o feitiço no corpo.

Diga lá se ela parece aquela rapariga que eu lhe contei, alegre... famosa em tôda a região. Diga?

Os seus olhos murchos andam na terra; seu corpo estica mirrado, traz a mesma sombra da outra a chupar-lhe o coração...

Mutáta espera...

SÔ CALFAIÂTE

MATEMBA, de visita à «Cambáca» em casa do seu parente, Canguerêngue ao nome de quimbo, mas Miguel de nome da cidade, devia voltar por aqueles dias à sua terra, o Dombe Grande.

Viagem custosa, setenta e cinco quilómetros bem puxados, tôda uma noite e quási sempre a correr pelos morros áridos, só com uma pausa a meio caminho, na Quipupa.

À porta da palhota, virada ao mar, os dois conversavam recordando o passado.

Uma chalupa dobrava o Sombreiro, enfunada a todo o pano sôbre a vaga serena.

E a terra, para cujo cabêço arredondado se inclinava o sol, entrava afoitamente pelas águas, arrostando a fúria marítima como uma cunha.

De lá à ponte, a baía, muito aberta, espraia-va-se pelo fundo de saco até às ruínas da fortaleza antiga com um rebordo alvadio de espumas e de areia.

Pegada à praia estendia-se a planície rasa entre o mar e os contrafortes paralelos, coberta de ombôto e sarças de uma tristeza desoladora.

Era toda ela sulcada de depressões que no tempo das chuvas se transformavam em pântanos e mesmo por trás da cabana o mar nas calêmas enchia de água e peixes a lagoa grande.

Matemba estendendo os braços para o horizonte, apontava.

Ah! Bom tempo! Bom tempo!

Negrinhos entravam na água, afoitos, chapinhados da babugem. Uma onda mais forte rebolcou-os; estenderam-se na areia, mãos fincadas para que a ressaca lhes passasse por cima.

Um dos garotos apanhou uma amêijoia na areia e veio mostrá-la:

— Olha Pai!

E todos numa grande alegria entraram mar dentro, curvados, escavando.

Risos estralavam.

De vez em quando um deles erguia o marisco.

— Olha um!

— Eu também!

— Olha tantos...

E atiravam-nos para a praia seca como se arrojassem seixos...

A chalupa avançava para terra de proa erguida, imponente.

Virava a estibordo, mostrava o casco todo banhado pelo sol, envolvido em poalha de ouro.

— Aquilo é peixe de Mossamedes, disse Miguel. O outro calou-se; pensava na volta para o Dombe...

— Antigamente sim — continuou seguindo o seu pensamento.

Vivia com seu pai, o velho Pembe; saíam de ali por mar, em barcaças, com as carregações do negócio, lá pró Luacho e aportavam ao sul do Sombreiro, numa baía pequenina, a terra das ostras tão grandes como pratos.

Ele conhecia, pois não?

Era verdade... Anh! Anh!...

Canguerêngue, fôra de aquêlo tempo, negro esforçado nos serviços das descargas.

A cada recordação abanava a cabeça, saudoso daquelas luas em que o chinês governava na praia, o maior pescador, e as belas garôpas acudiam às redes fartas, as corvinas e toninhas, tão grandes que as quitandeiras as não podiam carregar nas quindas sem as amarrarem, cabeça com rabo, em arco.

— Bom tempo! Bom tempo!

À noite com as pernas ao dependurão, a cana esticada, sentava-se no tópo da ponte, virado à maré, na pesca das moreias saborosas e outros peixes miúdos.

O mar marulhava entre os ferros, gorgolejando em espumas brancas; com a viração leve as ondas investiam contra os palhabotes, numa música de águas rolantes.

— Ah! Bom tempo! Bom tempo, mesmo!

Agora estava velho... Barco de branco fazia fugir o peixe.

Matemba continuava...

— Se o mar não picava era mesmo uma beleza.

Metia-se a gente nas jangadas de bimbos e com um pau rodava. Chegado à distância, de pé, largava-se à deriva.

— Ah! Pai Canguerêngue, eu fui criado na tua praia.

O mar não tinha segredos para mim como não tem para os teus filhos.

Nadava como um peixe, de costas, a cortar, de lado e não tinha medo da jamanta nem do tubarão. Quando o velho precisava do barco eu empurrava-o sozinho.

E a pesca das lagostas?

Atravessávamos a baía toda a remar.

Emquanto Pai Matemba levava o mantimento ao faroleiro, eu ficava por ali sobre os rochedos, caçando os bichos agarrados aos penedos, lançando as rédes.

Às vezes chegávamos cedo, era preciso vaguear longe da arrebentação até se verem as pedras e a areia.

Fatura de dinheiro assim! E juntava as mãos em concha, baloiçando-as.

O Luacho!

Aquilo é que foram terras!

Quando Sô Castanheta, o velho, trazia a moenda a trabalhar no fabrico da cachaça e os palmares se estendiam ao longo dos canais da água, desfazendo-se em fruto e riqueza.

Um comboiinho levava a gente mesmo até ao terreiro, onde a casa senhorial se alevantava, logo seguida dos armazéns e das fábricas, tudo numa faina alegre, os serviçais a carregarem dэндem e

cana, raparigas e crianças partindo coconóte nos montes, cá fora pelo sol em brasa.

Canguerêngue afirmava com a cabeça.

— Anh! Anh!

— Nunca mais voltava o tempo bom, o tempo do dinheiro.

Nunca mais!

Depois Sô Lara montou outra fábrica no Dombe, trouxe máquinas por cima dos morros.

— Aquilo é que foi trabalho!

As espánes que lá morreram faziam a riqueza dos nossos quimbos.

Aos vinte bois, aos trinta...

Mas do Luacho vinha tudo.

Fruta em palhabotes; com ananazes, bananas, maracujás, cajú, pitangas, mangas... tanta fruta!

E hortaliça, algodão, cachaça e óleo?

Do que era miúdo nada se vendia. Pembe andava na distribuição dos presentes pelos grandes da terra.

P'ró Governador, p'ró Tribunal, p'ró Câmara...

— Hoje?

Ninguém dá nada; nem a um desgraçado com fome.

— O branco está pobre; o preto está pobre.

Então, a borracha esticava. Carregador na comitiva levava horas a passar, enchia a cidade de animação.

Pelos quintais era tal a alegria, tal o babaréu!

E agora?

O negócio não ia para a frente. Branco sempre triste.

— Pois que tal Canguerêngue, você já viu uma coisa assim, o preto a pedir esmola pelas ruas?

É mesmo uma vergonha.

Todos os caminhos para o mato tinham desaparecido com as estradas e o combóio, mas afinal agora ainda era pior; a lamentação nunca mais acabava. E a riqueza onde estava ela? Tinha fugido; negavam-se os matabichos grandes com que um homem ficava sempre satisfeito.

Canguerêngue devia lembrar-se...

— Pois não? Afirmava o outro.

Uma vez fôra comboiar uma carregaçozita de cachaça e desembarcou de noite no Cavaco.

Rolaram sòzinhos os barris para a cidade.

Hoje, quem tinha coragem para nada?

E o matabicho...

— Enh! Enh!

Bem bom! Bem bom!

Pois ele lembrava-se do gigante mondombe, com a força de um bruto.

Numa viagem para o Dombe o leão investiu contra ele na Quipupa.

Os outros todos fugiram... Pst!

E o desgraçado sem arma, sem faca, só com os braços!

Esperou firme o ataque, não arredou pé.

Quando a fera, bôca escancarada, investiu, ele enfiou-lhe a mão pelas goelas abaixo e estorcegou-lhe a lingua com tal violência que ela caiu ali mesmo abafada.

Dessa façanha, ficou-lhe um braço inutilizado, mas o leão morto e ele vivo, triunfante e orgulhoso...

Era a glória da raça mondombe, a glória deles todos, prêtos.

Nenhum branco ainda tinha cometido tal façanha.

— Ah! Pai!

Aquilo é que foram tempos!

Aquilo é que eram homens!

Canguerêngue ouvia o seu parente de bom grado. Ele sabia falar-lhe ao coração com aquelas recordações do passado.

E os dias corriam... as semanas.

Mas agora já era um abuso, Matemba pensava a sério em partir.

De véspera porém, grosso alarido se levantou na cabana.

O porco gordo não aparecia, a-pesar-de todos os esforços e de Cacéssa, a mucaia, ter tocado a lata mato fora para o recolher.

Quem seria? Quem não seria...

E por fim a mulher surgiu iracunda contra Matemba.

— Foi você, homem! Foi você mesmo que matou meu porco.

Não negue, não negue que eu já sei, já fui consultar o feiticeiro, e o seu pintainho morreu, morreu mesmo.

Canguerêngue, indignado, investia contra o seu parente e amigo, increpando-o para que lhe dissesse a verdade.

O porco era muito seu, ganho com trabalho e canseiras.

Queria o porco ali. Não tinha vergonha, o meliante!

Roubar a família que o recebera como a um filho?!

Bebera-lhe o seu chimbombo, comera-lhe o seu pirão, fumara o seu tabaco, e ainda por cima...

Ladrão... sem vergonha na cara!...

E avançava de olhos injectados, furibundo...

A mulher e os filhos todo o dia barregaram, a chorar; correram as dunas, até longe, revolveram a areia...

E nada! Nada!

Matemba, humilde, insurgia-se contra o «falso» que lhe levantavam.

Que acreditassem, pelo «Suco», por todos os cazumbires dos parentes.

Não; tivessem paciência, mas ele não tinha sido, estava inocente; era um homem sério, incapaz de faltar aos seus deveres.

Então não queriam?

Ele mondombe, filho de mondombe, neto de mondombe... e contava pelos dedos...

Como podia ser isso; sim, como podia ser?

Canguerêngue mandou-o vigiar; mesmo à despedida, raivoso do logro, quando o parente já se afastava ao longe, pela planície solitária, caminho dos morros, lançou-lhe a maldição:

— Não queres dar o meu porco? Não?

Mas deixa estar que ao passares o Cuporolo has-de falar, falar mesmo a tua culpa ao senhor «calfaiate».

O meu feitiço está feito. Está... Está!

O outro ia sereno. Ainda viu as mãos do velho no ar e respondeu cantando a toada da marcha.

Para os lados do mar o céu incendiava-se.

Tôda a água rebrilhava num deslumbramento e as ondas mansas, picadas de branco, rolavam,

quebravam-se em espumas, varrendo a praia, investindo num rebombar surdo e constante.

Ao longe o casario parecia de ouro, as árvores avultavam, negras, e os coqueirinhos miseráveis emprestavam à paisagem triste a graça do seu porte.

Canguerêngue ruminava pragas, cachimbando; Cacéssa ia e vinha pela palhota a chorar.

Um vento brando corria.

Subito as águas enegreceram, da côr do chumbo. Revérberos subiam à flôr como escamas de prata miudinhas.

E de longe, o farol rompia a treva, lumiava de manso...

Matemba trilhava o caminho deserto entre raros arbustos definhados; subia morros, descia morros numa ância...

E só pela manhã, sol nado, avistou o vale imenso, uma grande bacia risonha, coberta de vegetação frondosa, como um oásis.

Ao meio dia acampava nas margens do Cuporolo.

Pousou a muamba, o pau e depois de comer esticou-se ao sol com o casquete de palhinha sôbre os olhos, a fazer horas...

O rio ia baixo; dois palmos de água se tanto, sumida nos vastos areais.

Dormido um sono, meteu-se à corrente, afoito.

O calor abrasava; ia andando devagar, batia a água, cantando.

O feitiço não estava com ele; só os cães é que tinham medo.

Era um homem! Valente!

Transpôs o último fundão, já quási subia a outra margem, agarrado às bissapas, quando sentiu

que o puxavam violentamente para a água, e uma dor aguda lhe feriu o calcanhar.

— Maiué, Taté, sinhô Calfaiate!

Eu não roubei o porco. Estou a pagar inocente a raiva de Canguerêgue!

Veja lá como é isso, sinhô Calfaiate, enganou-se com certeza!...

Mas o crocodilo não o largava, puxava-o com maior violência.

Matemba, aflito, ia cedendo; teimava ainda em salvar a sua reputação, aos gritos, chamava por socorro.

— Pois quê?

Tivesse paciência, êle crocodilo, dono do rio, senhor de todos os bichos, acreditava quanto lhe diziam?

Não roubara o porco, não; só tinha provado a carne dêle...

Mais nada, mesmo.

Só isso...

Deixe-me ir embora que eu nunca mais como coisa roubada.

Pelo « Suco »!

Então o anfíbio deu um sacão mais forte, o calcanhar rasgou-se e Matemba alucinado com as dores, a marinhar por ali acima ainda pôde atirar-lhe à cara, esganiçando-se, todo furioso:

— Pois sinhô Calfaiate, eu já sabia que você era bruto mesmo, mas tanto não! Fique sabendo, seu espertalhão—ouve bem?—que eu roubei o porco, o porco todo mesmo.

Intrujei você, intrujei seu « malanduro »...

## A FOME

**T**ODOS os anos, pela Páscoa, depois da última pregação, Chipa ia ver os «Pátéres».

Calçava as sandálias, enrolava o cambriquite à cinta, metia no saco fuba para oito dias de viagem e despedia-se dos sêculos, das mulheres e dos filhos.

Quando regressava era outro; alegre, satisfeito e risonho, com um rosairinho ao pescoço, medalhas e bentinhos para as mulheres.

Às vezes, também trazia fôlhas vélhas de revistas coloridas que colava no interior do chingue.

E contava maravilhas do que via na Missão; as festas com música e foguetório, oficinas a trabalhar em plena actividade, onde os filhos dêles prê-

tos aprendiam a fazer sapatos, a ler nos «livrúlos», levantavam casas e construíam carros.

— Ah! Aquilo é que era! Só visto!

E a fala do «pàter»?...

Chipa tinha a sua idea e fazia projectos de futuro; uma grande esperança invadia-lhe a alma simples; queria ser cristão, êle e tôda a sua familia.

A doce imagem do Rabi andava gravada no seu coração.

Aquêlé sim, fôra um branco cheio de bondade!

E haviam de ver como seriam felizes, depois, à sombra do seu mato!

Acabrunhava-o não poder levar as duas «raparigas» para a mesma felicidade.

Pois não era pena!

Não era mesmo?

Como escolher entre as duas? Ambas boas, trabalhadeiras e ternas para as crianças...

«Gúvi» dava-lhe filhos, Atêma também.

Esbarrava sempre nessa dificuldade.

Que as mulheres bem se governavam; não faltaria quem as quizesse e os filhos pertenciam aos tios.

Porém, Chipa habituara-se àquela vida socgada; as môças de volta dêle com paparicos, as crianças trabucando pelo terreirinho.

Levantara as duas cabanas uma perto da outra, separadas apenas pela cêrca do tabaco.

Cada «rapariga» tinha as suas galinhas, o porco em criação, pés de ricino e purgueira cujos frutos esbulhavam no tempo próprio.

Pelos montões de cinza «mátiras» estendiam os braços tenros à mistura com tufos bravios de capuchos; leitões coinchavam esfocinhando a terra.

E no fim, o dinheiro que o homem arranjava a funar era dividido igualmente por todos.

Porque Chipa fôra sempre justo...

Como resolver-se, pois?...

Como?

Naquele ano, para mais, a colheita tinha sido fraca. Pouco milho; feijão... — mas onde estava êle? — e mesmo... a batata doce não se desenvolvera com a seca, entalada no barro duro, feito pedra.

Contudo, a gente daquele quimbo ainda se governava bem e, umas coisas compensavam as outras. Aí estava que o gavião poucos frangantes tinha roubado, não dera a bexiga nos pintos nem a peste nos porcos...

E não deviam agradecer isso?

Sim!...

Antes que se pusessem peor, homens passavam constantemente com animais para as lojas dos brancos, numa grande traficância e compravam milho e fuba que vendiam, depois, pelos povoados.

Eram porcos, cabritinhos de leite, ovelhas, carneiros, cabras; em todos os caminhos se topavam, babujando as touceiras ressequidas.

Prêto só os comia quando morriam de feitiço...

Para as vacas é que a época começava a correr mal; muito frio de noite, sol forte de dia e léguas e léguas de caminhada para achar um pasto seco melhor.

Pobrinhas delas, com os olhos tristes pregados ao longe...

E Chipa desesperava-se quando via a manada a definhar de dia para dia; os animais tombavam nos matos com tosses cavernosas e lá ficavam até esticar.

Por mais que os séculos mudassem os sambos, quási de semana a semana, nada valia.

A cahôña matava tudo.

Lembraram então que se lançasse fogo ao mato para terem pasto novo mais cedo.

Mas os pastores adiantaram-se e uma noite, a crista da serra, ao longe, apareceu coroada de chamas como um formidável vulcão. De todos os pontos das encostas surgiam fogueiras que alastravam prodigiosamente.

A terra ardia aquecida ao rubro, transformada num braseiro.

Labaredas alterosas lambiam paus venerandos até à ramaria; surdo estralejar avançava de cima como estrúpido de forja.

A queimada era um rio de lava aos coleios pelas escarpas, correndo vales, devastando a selva numa sanha infernal. E o coração apertava-se ante o desfazer de tanta vida, tanta árvore outrora folhuda e linda com as aves chalreiras pipiando lá por cima, nos copados unidos.

No dia seguinte os séculos ameaçados, incendiaram também o mato próximo, com enormes tochas de capim.

Foi como se um rastilho passasse à volta das cubatas. Espessos rolos de fumo toldavam o céu limpo e serêno; nuvens de insectos fugiam apavorados à frente da morte que os perseguia. E coelhos, cabras, cúitas, bôbinhos, tôda a bicharada numa correria doida abandonava as tocas, os ninhos e as cavernas.

Onde as bissapas eram mais altas explodiam como pólvora e as duas queimadas avançavam uma para a outra, temerosas.

As vezes cabanas isoladas de pastores corriam perigo, a malta acudia batendo o fogo com enormes perneiras das árvores.

Chipa comandava.

—Eh! Vocês! Aqui!

Olha que arde tudo! Bate minha gente!  
Bate!

E mais de vinte homens percorriam a encosta armados de setas e arcos, jábites e zagaias, de espingardas e porrinhos.

Organizavam batidas, faziam cêrcos, todos cobertos de cinza, estoirando coelhos e chissacas à cacetada, com grande babarêu e gáudio para os garotos que saltavam atrás, desaustitados, cocando ratos.

De-repente surgiu um bâmbo em galope desabalado; uma chuva de gritos partiu e o círculo apertou-se, mas o animal de um salto galgou por cima dos homens. Alguns correram como doidos, aos tiros.

Já as labaredas atacavam o sopé do morro quando Chipa descortinou por entre os paus a juba arrogante de um leão agachado sobre a presa.

Protejeram-se com o fogo, as chamas avançavam lentamente. Através delas os negros lançavam-lhe chufas sem conta, numa troça pegada, aos saltos, radiantes por se sentirem seguros.

—Eh! Cão! Vai para a tua terra, cão!

Enormes calhaus caíam pelo mato, tiros partiam; Chipa batia os pés, chamava-lhe chacal, bicho sem vergonha.

Que fôsse, que fôsse para longe!  
O leão ergueu a cabeça, fixou os olhos dourados no fogo e afastou-se lesto.

Então é que foi!

Com uma alegria selvagem ataçavam o fogo, transpunham a barragem por cima das chamas como diabos.

—Eh! Leão! Eh Leão... Eh! Covarde!...

E num instante atingiram a enorme quissêma esventrada.

A volta foi alegre e barulhenta.

Ao longe a queimada seguia pavorosa e, quando a noite veio, um mar de fogo alagou a baixa que se estendia a tornear a serra.

No dia seguinte a terra negra, os troncos negros, tôda a floresta dizimada e triste pungia a alma em angústia confrangedora.

Camadas de cinza cobriam o solo; paus carcomidos ainda fumegavam e o vento agreste sibilava, arrastando nuvens de pó.

Onde estavam a verdura pujante, essa magnificência esmeraldina e força virente dos aluviões embebidos pelas chuvas torrenciais de Fevereiro e Março?

Tinham desabrochado, então, num ervaçal grosso como caniço e passados três meses de cacimbo enxugavam rapidamente a-pesar dos desnivelamentos e das lagoazinhas teimarem em resistir à acção do ar e do sol.

Largos círculos de lôdo circundavam abafeiras perigosas onde os patos bravos pouzavam a medo e as galinhas prêtas dos rios vinham beber.

Mas logo se safavam pelas enredanças ribeirinhas.

Os pássaros esfomeados abalavam para outras regiões. Sobre a natureza chisnada até ao âmago, tôda em crispações, parecia ter caído a maldição de Deus.

Ah! Bom tempo de fartura, quando as espigas abarrotavam as «chilas» e as vacas apoiadas se desfaziam em leite!

Então sim!

O mato regalava. Dia a dia o pirão nunca faltava, abundavam a chissângua, chimbombo e hidromel...

Havia batuque em todos os quimbos e eles corriam, de terra em terra, no pagode.

**N**OS princípios de Julho Gúvi e Atêma largaram logo de manhã com os filhos para as nácas.

Levavam as enxadinhas novas e mesmo à beira do rio trataram de fazer as sementeiras do cacimbo.

Chipa ajudava a cortar os caniços secos com a catána e lançava fogo aos montes de restolho; as crianças raspavam o solo.

Atêma escolheu os terrenos das margens; Gúvi fixou-se um pouco mais alto.

Rio acima, rio abaixo, os areais lodosos eram revolvidos: de cada vez que as águas baixavam, outras sementes se lançavam à terra.

E, em poucos dias, as nácas verdejaram...

Também nas anháras ia uma alegria para a vista sem igual, de uma sumptuosidade de côres deslumbrante.

Os bois punham-se a mugir ao longe para o verde pujante, corriam pela floresta desesperados e chegavam lá, era só ungoté... ungoté venenoso... quilómetros a perder de vista...

Quem passasse, no tempo, diria:

—Que belas pastagens... que lindas terras!

E o gado a cair, rapava pelos altos uns restos de capim sêco, ou nas baixas seleccionava as primeiras pontinhas verdes que surgiam a mêdo.

Mas então, sôbre a cahônha, a muquice provocada pelas cinzas dizimava as rêses.

Aos dois e aos três, os animais caíam pelo mato, e nunca mais se levantavam.

Chipa nem sabia mais que fazer à sua vida.

Uma tarde o pastor recolheu a soluçar como uma mulher, de olhos injectados, louco.

—Ah! Pai Chipa: as tuas vacas morrem tôdas; estão cinco no mato caídas. Não, não quero ser mais pastor, arranja outro, arranja outro!

E correu para a floresta a gritar, desvairado, perdido, com a faca na mão:

—Mato-me! Corto as goelas! Corto as goelas!

Quatro homens muito a custo dominaram a sua fúria, trouxeram-no amarrado, escabujando, com os dentes cerrados.

Pelas nâcas é que os feijoeiros já deitavam as primeiras guias e o milho abria em tufo com fôlhas largas, viçosas.

Naquelas sementeiras residia a esperança.

As duas mulheres sachavam tôdas as manhãs um bocado de terra, amontoavam os pés.

Gúvi muitas vezes deitava-se no chão, ao sol, feliz de ver o arimo tão bonito, numa preguiça satisfeita... com o filhito perto.

E punha-o de pé para que desse umas passadinhas, batia palmas cantarolando:

— «Cuáta ombixi c'angana!

Cuáta ombixi c'angana!»

O garoto baloiçava o corpo, com as mãozitas no ar, às gargalhadas...

Atêma ria-se a perder...

— Grande calaceirona, trabalha!

— Depois queres comer tanto como eu e receber os mesmos panos...

Tôda ela se desvanecia ante a mancha enorme de verde que lhe pertencia, os milharais quási embandeirando, engurgitados...

O tempo aquecia de semana a semana. Em Agôsto já se não tolerava o calor; vapores cálidos abafavam o vale que parecia uma fornalha.

E Setembro entrou radiante.

As manhãs eram mais claras e silenciosas, com um brilho metálico pelo céu; à tarde o horizonte incendiava-se em fulgurações e, de noite, as estrêlas pareciam maiores, mais trémulas.

Percorria o firmamento uma faixa branca de claridade branda. Chipa afiançava que era a estrada de «Nosso Sinhô» quando foi para o céu e apontava-a aos filhos... contando histórias...

Dentro dos chingues os grilos borrarheiros trinavam ao desafio, como num sonho...

Atêma escolhera bem. O seu arimo perto da água, todo florido, com as bandeiras abertas em plumas, os caules grossos, metia cubiça.

Porém, as chuvas que em meados de Setembro já borrifavam a terra não vieram; o solo escaldava e o milho de Gúvi resentia-se.

Certa manhã, quando o foi ver, achou muitos pés murchos, quási enrolados e pôs-se a chorar acocorada sôbre a areia, numa grande aflição.

Que ia ser dela? Que ia ser?

E ao deparar com Atêma em baixo, quási todo o arimo embonecado, os seus feijoeiros em flor e carregados de vagens pequeninas pelo pé, ganhou-lhe raiva.

Era o feitiço dela que não deixava vir a chuva.

Pois quem mais lhe havia de querer mal?

Sim? Quem?

E a água correndo ali tã pertinho...

Ah! Pai do céu... Pai do céu!...

Chipa queria ver-se livre? Era isso, não?

Pois que o dissesse! Homens não faltavam...

Agora desgraçarem-na?...

Mas haviam de ver, no fim, quem tinha maior fôrça.

Atêma escondida entre o milharal cantava docemente. Gúvi era assim uma invejosa; metera-se-lhe aquela ferrada na cabeça.

Deixá-la, então!

Mas à noite os ralhos continuavam.

As duas mulheres não se falavam, cheias de ciúme e de ódio.

JÁ antes das chuvas a floresta prepara-se para a grande festa da natureza.

Surge primeiro o rubro das acácias; manchas doiradas alargam a mêdo sôbre os copados e um ou outro arbusto abre corolas.

Mas mais que tudo como num deslumbramento, a pequenina flor do miangôlo irrompe por cima do mato com o mimo das suas pétalas imaculadas.

E às dobras, lança-se de moita a moita, trepa, abraça ternamente os abrolhos, enrosca-se, galga e cobre tôda a miséria.

Espinheiros transfigurados parecem mantos de noiva picados de estrélas. Os tufos sucedem-se, aqui, ali; a paisagem é de sonho e a alma fica presa a olhar as florinhas brancas, evocando saú-

dades, outros perfumes iguais, outros quadros parecidos.

Já de longe se sente o jasmineirinho bravo.

Perfuma a aragem, anuncia as chuvas o futuro risonho e feliz...

Pois não é ela a mensageira do bem?

Como não amá-la com ternura?

Os vegetais sequiosos vão encher-se de flores e de frutos, as aves voltam e cobrem-se de plumagens garridas...

O próprio céu será mais azul e as nuvens acasteladas terão pelas tardes estivais côres suaves e mimosas.

A cruzinha simbólica é a alma branca da floresta negra que se abre num lampejo rápido e misterioso para nos alvoraçar os corações de alegria.

Lufadas quentes anunciam águas pelos matos; o passarito das chuvas enche a floresta com os seus pios tristes e recomenda mezinhas...

Pi... ru... las... pi... ru... las...

E os animais inquietos dilatam as narinas, escarvam o chão, berram ciosamente.

Emquanto a selva pululava numa alegria festiva tôdas as pontinhas abrindo em renovos tenros, a fome e a doença varriam os quimbo.

Não tinha conta a miséria dos pobres negros.

Crianças infestavam-se de bitacaias que penetravam a carne pelos sabugos, pelos calcanhares e corroíam os pés.

Mulheres tiravam-nas umas às outras com a ponta da faca ou um pau aguçado e revistavam todos os dias os filhos.

Mas de nada valia, onde se tiravam duas pulgas, no dia seguinte escalavrando a ferida entravam seis ou sete.

A carne entumecida caía aos bocados, podre, minada por graves infecções.

Um homem podia assim ficar aleijado tôda a vida—cálonjada—com os pés virados para fora e deformados ou só com os tócos, sem poder andar.

Era uma praga! Bichinho tã pequeno e que tanto mal fazia!

E doenças?

Pátér bem dizia que Deus castigava o crime. Ai estava.

Chipa tôdas as noites rogava ao grande Suco para que tirasse o feitiço do quimbo.

Ah! Jesus, meu Jesus, valei-nos!

Vêlhos e crianças caíam fulminados. A morte ceifava a oito.

Quando a moléstia entrava numa cubata desaparecia a família.

Cortejos formavam-se diariamente para os cemitérios e as mulheres berravam em altos gritos imprecando contra os feiticeiros.

Mas quando na tarde daquele dia Miápia, o grande caçador, apareceu de borco ao pé do sambo, deitando sangue pela bôca e sem fala, o babaréu ainda foi maior.

Quem havia de dizer?

Tã forte e com a peste!...

E o curandeiro senhor de bons remédios não conseguia livrá-lo.

Aplicava-lhe ventosas diariamente; as costas ficavam-lhe eriçadas de pontas de bãmbi; encosta-

va-as ao corpo, chupava o ar pelo buraquinho e tapava-o logo com cera.

Mas nem assim.

Aquilo que a todos os outros aliviava, a êle só causava martírio.

Miápia delirava de dia e de noite numa ânsia contínua, o corpo em tremuras convulsivas.

E ardia como fogo.

Em momento de lucidez, pediu que não o fizessem sofrer mais.

— Ah! Pai... Isto não é doença, não. Vingame! Já sabes quem me deitou o mal! Vingame!

E nunca mais falou.

De manhã apareceu morto.

As mulheres carpíam o pobre numa lamúria tristonha, todo o quimbo chorava.

Foi abatido o melhor boi para o batuque do luto e na sua pele negra sentaram o cadáver amarrado, com os queixos sôbre os joelhos, em posição quási natural.

À noite os homens dançaram e beberam para afogar a mágua, em honra do companheiro bom e valente nas batidas, homem forte e poderoso da terra.

Levara-o o feitiço? Mas os cazumbires haviam de vir para a vingança...

E lembravam em tôdas as suas minúcias a vida de Miápia, seus feitos heróicos, sua esperteza contra bicho do mato, o mais manhoso.

Dentro do chingue os parentes mais próximos cumpriam o luto embrulhados nas roupas do

defunto; as outras mulheres de volta da fogueira faziam côro aos dançadores e batiam palmas em fila unida.

Eh! Miápiá...

Eh! Miápiá...

Eh! Miápiá...

Pela madrugada tudo serenou. Só os quissanges choravam baixinho e sôbre o mato enluarado corria a voz da floresta batida pelo vento, zunindo em lástima, tristemente...

Ao outro dia, sol nado, foi o entêrro.

O quimbo acompanhava Miápia á última morada.

Embrulharam os seus restos na pele do boi.

Quatro homens pegavam pelas pontas e atrás as mulheres lastimavam-se.

Uma elevava a voz, chamava pelo morto cantando; as outras respondiam...

« Eh! Miápiá!...

Miápiá morreu...

Morreu, mesmo Miápiá »...

E chegados ao morro depuzeram o fardo.

A volta dele deitaram pedras em monte. As paredes altearam-se, altearam-se até que, aos poucos, Miápia ficou sepultado como num mausoléu.

**P**OR uma tarde de outubro, quando menos se esperava, amontoaram-se nuvens no horizonte. O trovão ribombava ao longe e o vento desaustinado sacudia as árvores avergoadas.

Sentia-se o cheiro da chuva e os filhos de Chipa saúdavam-na a dançar.

— Olha a chuva!

Lá vem a chuva! É ela!

Um tufão precedeu as beneces do céu; a água vinha pela terra adiante, lentamente.

Chipa redrobava de impaciência e os sêculos com suas mulheres, numa alegria imensa, vieram ver a chegada da chuva.

— Olha! Já cai pela serra...

— E no quimbo do século Manjamba! Já vem no rio...

Até que, turbilhonando, furiosa, a nuvem de poeira os envolveu com tôda a casta de destroços.

Atrás dela caiu a água bendita, farta, em bategas rijas, por todos os barrancos e declives, como uma grande benção.

Mas o solo sequioso parecia uma esponja, bebia tudo; andava no ar o cheiro forte da terra molhada, e os prêtos de narinas dilatadas absorviam a haustos largos aquela humidade.

Foi uma loucura.

Crianças espinoteavam aparando com a bôca os pingos grossos e as raparigas debaixo dos beira-zinhos olhavam pasmadas para as côres fortes da natureza.

A água!

Pois se até vêlhinhos trôpegos saíam às portas, todos curvados, rindo e batendo as palmas!

— Eh! Eh! Como ela cai... como ela cai...

A selva a perder de vista parecia outra, lavada e fresca, e, passados dias coberta de galas, picada de flores, cheia de perfumes, atraía como um vasto paraíso.

Por tôda a parte verdejavam touças; de noite o solo cobria-se de estrêlas enormes; pela manhã já outras as substituíam na mesma garridice.

Gardénias brancas enfeitavam tufos magestos, gloxínias aos magotes, mutatas carregadinhas de cachos, orquídeas do ar e do chão tufando troncos vêlhos, pintalgadas, rôxas e amarelas, copos monstruosos com laivos rubros.

E por cima da floresta, como num mar, os vagalhões surgiam empinados de um verde claro macio, as cristas brancas; nos vales fundos mimosas parasitas teciam alcatifas.

E águas cantavam de fraga em fraga entre fetos rendilhados ou borbulhavam escachoantes pelos rápidos e pedrouços; o rio ainda baixo desaparecia sob arvoredos pendidos, com os ramos arreados de folhagem.

De tôdas as fendas irrompiam ervaçais intensos, à flor do solo a babugem soltava-se em rebentões vigorosos, que logo abriam fôlhas espalmadas. Aos magotes, chegavam a erguer o solo, mil vidas surgiam com o afluír da seiva num palpar esplendoroso.

Mas não eram só as plantas.

Já as aves preparavam os ninhos, bicos-de-prata e bicos-de-lacre, colibris de cabecinha verde e vermelha, pernaltas de tôdas as côres, canários, pica-peixes, periquitos e guarda-rios.

Triângulos de patos e de javas, cortavam o azul intenso; tecelões fabricavam seus casulos baloiçados nas pontinhas dos ramos, à borda da água.

E pela madrugada, tôda uma chusma de passarinhos alegrava o mato ainda há pouco silencioso e triste.

Milhares de insectos surgiam não se sabia de onde.

Eram salalés que ao poisarem largavam as asas, mosquinhas verdes, azuis e brancas, triques, longicórnios, cantáridas, carregadores, centenas de bezouros numa febre de movimento.

Enormes escaravelhos carregavam bolas monstruosas; pela fresca o solo cobria-se de púrpuras.

Até os camaleões e louva-a-Deus, as cobras e os lagartos verdes das penedias, ficavam-se a olhar, banhados pelo sol, estáticos.

De tempos a tempos, revoadas de borboletas amarelas saíam da floresta e volitavam pelos milharais.

Pareciam pétalas de flores lançadas ao acaso, numa alegria incomensurável.

Pois não era uma festa!

Grilos e ralos trilavam pelos campos, guizalhando; cigarras em chilrios estridentes desafiavam, e à noite, nas horas calmas de luar, de tôdas as poças coachavam rãs...

Na alma dos nativos entrava a esperança; ainda se salvava muito milho temporão...

E a náca de Gúvi reverdecia; Atêma possuía uma verdadeira floresta de maçarocas gordas e inchadas.

Era a água a que refestelava a terra, o sol fecundava-lhe as entranhas e todos os dias ela dava à luz o prodígio da sua fecundidade.

Dias passados a falta de serviçais já se fazia sentir. Os negros abandonavam fazendas e cidades às levas e era mesmo uma desesperação justamente quando os trabalhos apertavam e as sementeiros urgiam.

— Patrão, deixa ir fazer a lavra!

— Patrão quero ir na minha terra!

E quantas vezes não abalavam com as cartas cheias antes do pagamento, sem se importarem com o dinheiro que perdiam.

Queriam voltar aos quimbos para ajudar as mulheres nas derrubas e limpezas; ver a terra depois de fecundada.

A terra!

Ah! Saudade! Ventura sem par!

Aquêles diabos eram assim, quando caía a chuva já não queriam trabalhar mais com os brancos.

La grossa azáfama pelos quimbos para aprontar os terrenos mais altos nateiros gordurosos, onde a salalé não atacava as plantações e a batata crescia monstruosa.

Muitos chefes de família fiavam «puas» de milho nas lojas para pagarem à colheita, ficando os séculos responsáveis.

E lá iam cavar mais um arimbo, semear mais um traço de terra.

Já o solo embebido não absorvia tanta água, veios novos despenhavam-se entre musgos tenros, nascentes brotavam, corriam, e mais adiante eram riachos, ribeirinhos brincalhões.

O rio enchia pouco a pouco.

Gúvi retirava as espigas leitosas dos fundões mais expostos à corrente. Em pouco os altos também vicejavam.

Sacrificada durante meses a terra abria o seio túrgido a tôda a aflição, dessorando beneces raras, mananciais de riqueza. Nêle sugavam a vida milhares de bôcas sôfregas, como filhos queridos.

Mas um dia foi por demais. À tarde um calor sufocante abafava. O vento virara para noroeste e a tempestade formou-se ali mesmo por cima da serra.

Os trovões, pareciam estoirar no quimbo.

Faíscas caíam umas atrás de outras e a chuva em torrentes desabou.

Chipa amarrava as mãos na cabeça.

— «Ai Nosso Sinhô! Tem pena, tem pena de nós!»

«Sarva! Sarva teu filho da fome!»

E quando a ventania abrandou, caía uma chuva miudinha e triste; em todos os corações reinava a angústia do que teria sucedido pelas lavras.

Chipa e os outros homens foram dar uma volta. Passado pouco, logo a triste nova correu veloz, de que as águas represadas pelo atêrro da estrada tinham inundado a baixa, transformando-a numa lagoa.

Depois, enxurradas cada vez maiores romperam o dique, arrastaram mais de cincoenta metros de estrada.

Tudo ficou destruído, tudo.

Os feijoeiros haviam sido levados, o milho fôra na corrente; pouco ficara, e até êsse, enterrado no lôdo, partido e derrubado, nada daria.

Nos altos também havia grandes prejuizos e galgueiras fundas sulcavam as encostas.

Não se podia descrever o clamor que se levantou por aquelas terras.

Mulheres e crianças choravam desesperadas; homens barregavam contra a má sorte que os perseguia.

Iam então ter a fome?

E Atêma ao chegar ao seu arimo, que ela vira de manhã todo floridinho, pôs-se a olhá-lo aparvalhada, de braços caídos...

Depois do desastre veio outra vez a séca. Passou Janeiro, Fevereiro e a chuva sem cair! Em meados de Março quando voltou, já as plantações estavam perdidas.

Os mais previdentes fugiram a tempo.

À noite, Chipa chegava com as mãos a abanar; as criancinhas apanhavam lagartas pelo mato, ratos, e gafanhotos enormes que depois de fumados tinham um sabor adocicado e agradável.

Até roíam barro das termitas.

Aquela gente outrora feliz e risonha nem parecia a mesma, esquelética, de ventres sumidos. Mas a fome era geral por todo o planalto.

E de Abril em diante o cacimbo envolveu novamente a terra.

Cheios de fraqueza metiam-se aos caminhos numa última esperança de alcançarem as povoações dos brancos.

Muitas vezes por lá morriam, servindo de pasto às feras. Porque eram longas as jornadas e a floresta imensa... imensa...

Nas cidades já ninguém dava trabalho.

Metia dó vê-los chegar em bandos, as costelas vincadas, pedindo esmola pela rua.

— «Patrão! Quer serviço?»

— «Patrão! Ó fome!»

O mato despejava ao longo da linha férrea milhares dêsses miseráveis. Era o exodo de famílias inteiras e os pais iam para um lado, os filhos para outro e nunca mais se viam, como no tempo dos escravos.

As Missões não tinham mãos a medir, mandavam socorros, pelas carreteiras numa caridade grandiosa; o próprio Governo distribuía mantimentos.

Mas a que chegava o auxílio para tanta e tã grande desgraça?

Chipa, um dia, reuniu a família e expôs a situação.

Já não tinha dinheiro, nem bois, nem fuba. O fiado aumentava de dia para dia e o branco recusava-se.

Em pouco morreriam de fome como os outros. Pensassem bem, mas era melhor abandonar a terra.

Ele ia para a Missão; lá lhe dariam trabalho e mais tarde, pelas chuvas, voltariam. O futuro pertencia ao Suco, ainda podiam vir a ter alegria...

Não era?

Quem se aguentava assim?

— A ti Gúvi, já morreu o filho! E os de Atêma vão pelo mesmo caminho.

— Fugir para os pátêres é a única redenção que nós temos.

Falassem pois! Dissemos o que queriam.

Atêma, as lágrimas nos olhos, concordava com o abandono das cubatas, mas Gúvi não se resignava.

Sair do quimbo? E quem lhe garantia que nas outras terras era melhor?

Quem?

Fôssem eles. Ela bem sabia que Chipa já não gostava de a ter na sua companhia, nem o filho morto tão pouco lhe importava.

Que fôssem, pois, que fôssem...

Estava farta de aturar aquilo.

Se a mandassem embora escoraçada?... Sim... não era peor, muito peor?

Antes a fome na sua terra.

Saiu altaneira, com muchôchos desprezíveis para ambos.

No fundo ela já tinha aquilo preparado, mas sofria da indiferença de Chipa, numa contradição de sentimentos estranhos.

Se nem uma palavra dissera para retê-la!

E, na manhã seguinte, deixou-os partir, veio despedir-se até à orla do mato, tranquila e risonha.

As crianças, Chipa e Atêma seguiam pelo carreirinho e, quando na volta do morro se sumiram, ainda lhes atirou indiferente:

— «Bô viage, gente! Seja feliz!»

Mas... logo que chegou ao quimbo e viu as cabanas vazias, de portas escancaradas, os postigos abertos, sentiu, pela primeira vez, o desamparo da mulher abandonada.

Acendeu um fogo, sentou-se. E ali, sôzinha, enrodilhada nos panos, tremendo de raiva e revoltada, atirou-se para o chão a soluçar:

— Eh! Chipa! Chipa!

Palavras em uso na linguagem corrente  
do Distrito de Benguela e empregadas  
neste livro

A

- Ai-u-é* — exclamação de tristeza.  
*Ah! Cá... cá* — exclamação de admiração.  
*Andálo* — fogo. Variedade de cobra muito venenosa.  
*Angána* — senhor.  
*Anhára* — extensão de terra sem arvoredo e coberta de capim ou de «ungote», que é uma leguminosa rasteira e inaproveitável.  
*Arimo* — ou arimbo — plantação indígena em geral defendida por cercado, de paus ou de ramos.

B

- Bâmbi* — pequena cabra do mato — antílope.  
*Baripa* — toura à primeira cria.  
*Bico-de-prata* — pequeno pássaro, de bico branco.  
*Bico-de-lacre* — passarinho de bico côr de lacre vermelho.  
*Bissápa* — arbusto de pequeno porte, ou qualquer ramo pequeno.  
*Bitacaia* — pulga penetrante.  
*Bôbo* — Preguiça (animal notívago).  
*Boi-soba* — boi para cima de duzentos quilos de pêso vivo.

C

- Cabir* — cão indígena — raifeiro.  
*Cacimbo* — orvalho — quadra do ano em que não chove.  
*Cacimbada* — orvalhada.  
*Caféco* — rapariga impúbere.  
*Cahônhá* — peripneumonia bovina contagiosa.  
*Calfatate* — corrupção de «alfaiate» nome porque os assimilados designam o jacaré.  
*Câluféri* — corrupção de alféres.  
*Câmapunho* — desdentado dos dentes da frente.  
*Cambáca* — Benguela.  
*Canjica* — milho e feijão cosidos à mistura.  
*Cânêma* — rapariga púbere.

## II

- Cangônhã* — ou liamba—cânhamo que se fuma como o ópio.  
*Candundo* — erva usada na feitiçaria.  
*Candona* — mulher indígena civilizada ou assimilada vivendo maritalmente com o europeu.  
*Capim* — qualquer erva espontânea.  
*Cará* — batata doce.  
*Chila* — ou Xila—*vidé Xila*.  
*Chimbanda* — ou quimbanda—médico feiteiro.  
*Chimbundo* — ou quimbundo—indígena de raça quimbunda.  
*Chimbombo* — ou quimbombo—bebida de milho fermentado.  
*Chingue* — palhota inteiramente recoberta de capim.  
*Chinauinga* — dança de assimilados.  
*Chingufo* — t'antám.  
*Chiquela* — caolino.  
*Chissângua* — bebida feita com farinha de milho fermentada ou de frutos.  
*Cipaio* — soldado da policia indígena.  
*Contratado* — indígena trabalhador fornecido pela autoridade.  
*Cuenje* — rapaz.  
*Cussapêre* — cumprimento e saudação.

## D

- Damba* — qualquer depressão de terreno em geral inundada na quadra chuvosa  
*Dongo-do-cêu*— a lua em quarto crescente ou minguante.

## G

- Gando* — homem da Ganda. Jacaré.  
*Ganga* — grande feiteiro.  
*Ganguela* — homem das Ganguelas, considerado desprezível pelas outras raças. Escravo.  
*Garápa* — aguardente de fabrico indígena.  
*Garyote* — boi novo. Touro ou bezerro.  
*Golungo* — antilope da floresta clara, de pelo pintalgado de branco.  
*Gonga* — ave de rapina.

## I

- Iàera* — árvore da floresta escura.  
*Iêra* — côr branca.  
*Infunge* — pirão de flor de farinha.

## III

## J

- Jábite* — pequeno machado indígena.  
*Jabitada* — machadada com jábite.  
*Jambos* — fruto com cheiro e sabor a rosa.  
*Jango* — palhota aberta em geral sita no centro dos povoados indígenas e onde se reúnem os maiores.  
*Jáva* — pato bravo grande.

## L

- Landobe* — ou Londobe—corda do mato feita de entrecasco das árvores.  
*Lavra* — plantação indígena, das terras altas e só da quadra chuvosa.  
*Lidcuti* — pequeno leão, conhecido por leão dos bâmbris.  
*Liamba* — ou cangonha—cânhamo selvagem que os indígenas a usam como o ópio.  
*Lombála* — vara flexível.  
*Lombi* — erva comestível. Qualquer esparregado.  
*Lucango* — milho torrado—Pipocas, freirinhas.  
*Lunda* — plantação indígena nas terras altas arenosas.

## M

- Maboque* — laranja do mato, da árvore do género striqui-nios.  
*Macundi* — feijão frade—dolico.  
*Malanduro* — corrupção de malandro.  
*Mamoetro* — papaia, produz o fruto mamão.  
*Mangonheiro* — preguiçoso.  
*Marufo* — vinho de palmeira.  
*Matira* — cabacinhas comestíveis.  
*Milongo* — remédio.  
*Mondombe* — homem do Dombe.  
*Muanha* — habitante da Hanha.  
*Muamba* — espécie de cesta usada pelos indígenas no transporte de géneros e até pequenos animais.  
*Muchito* — floresta escura.  
*Muénéputo* — autoridade europeia.  
*Mulêque* — escravo. Serviçal do europeu.  
*Mutála* — paus atravessados em cima dos ramos duma árvore para espera da caça. Paus através-

## IV

sados e assentes em forquilhas, servindo de leite.

*Mutáta* — arbusto de flores aos cachos roxos e com propriedades medicinais.

## N

*Náca* — plantação indígena nas terras fundas ou marginais dos rios.

*Néna-Óbabá* — literalmente: três cá água. Automóvel Ford, modelo antigo.

*Nócha* — árvore indígena que produz frutos comestíveis.

*Nôna* — fruto.

## O

*Ocinhé* — pilão grande de madeira.

*Olumué* — árvore da floresta clara.

*Olossaca* — beringela esbranquiçada.

*Ombundi* — raiz que serve para auxiliar a fermentação do cereal no fabrico do quimbombo.

*Opomumo* — ave grande. Espécie de peru.

## P

*Papa-milhos* — passarinho amarelo e preto.

*Patêr* — Padre.

*Patalão* — corrupção de patrão.

*Peitinho celeste* — passarinho.

*Pitanga* — fruto vermelho.

*Pinha* — fruto.

*Pirão* — massa de farinha de milho, endurecida.

*Puita* — tântán grande com uma haste a atravessar o tampo.

*Pua* — lata de petróleo vazia.

## Q

*Quimbo* — Povoação indígena.

*Quimbar* — indígena assimilado.

*Quimbundo* — indígena da raça Quimbunda.

*Quinda* — espécie de cesto aberto feito de ervas entrançadas e cosidas.

*Quiôco* — indígena de raça guerreira e salteadores.

*Quissange* — pequeno instrumento indígena.

## V

## S

*Samba* — árvore da floresta clara.

*Sambo* — curral indígena constituído por um cercado de ramos, em geral espinhosos.

*Sanzála* — agrupamento de cubatas de indígenas assimilados ou de serviçais

*Santomista* — indígena que residiu em S. Tomé.

*Salalé* — formiga branca.

*Sécúlo* — chefe de povoado indígena. Qualquer indivíduo de idade.

*Soma* — Soba. Chefe indígena com atributos de realeza.

*Suco* — Deus.

*Surucucú* — cobra venenosa.

## T

*Tipola* — meio de transporte constituído por pano ou rede suspenso pelas extremidades dum bordão que assenta nos ombros dos carregadores indígenas.

*Tuque-Tuque* — automóvel.

## U

*Ungerite* — árvore de madeira aromática — o sândalo africano. É rica em essência o que lhe permite fornecer quasi tantas calorias como a hulha.

*Unha* — névoa nos olhos dos animais.

*Unha-de-gato* — arbusto espinhoso.

## V

*Vapôro* — corrupção de vapor.

## X

*Xila* — ou chila — cubata erguida do solo onde os indígenas armazenam as espigas de milho.